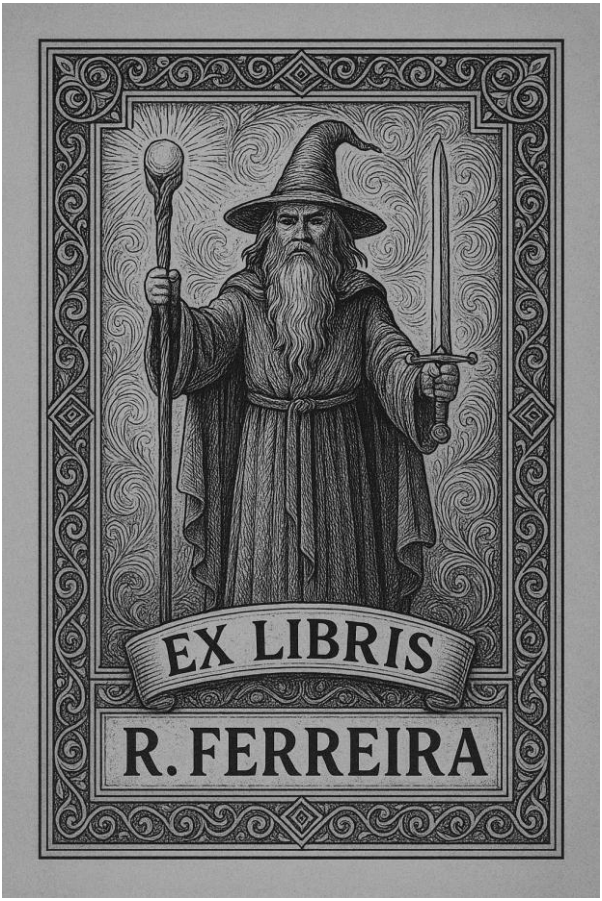
AGENTE PARANORMAL
R. FERREIRA

1ª Edição

Dedico este livro aos que acreditam que o poder pode proteger sem dominar, e que o futuro não precisa repetir os erros do passado.


EX LIBRIS
R. FERREIRA

CAPÍTULO 1

A CAVERNA DA TERRA DO FOGO

A neve atravessava o feixe dos holofotes como cinzas sopradas contra a noite.

O mar da Terra do Fogo rugia abaixo das falésias negras, arrebentando contra as pedras com uma violência antiga, quase pessoal. O vento vinha do sul carregando sal, gelo e alguma coisa podre escondida sob o cheiro da água.

Irmã Sophia Smith manteve os olhos fixos na entrada da caverna enquanto o helicóptero que os havia deixado ali desaparecia atrás da tempestade.

As hélices sumiram primeiro.

Depois o som.

E então restou apenas o oceano.

O silêncio nunca vinha completamente naquele lugar.

Havia sempre:

o vento,

a água,

as pedras estalando sob o frio.

Mas por trás de tudo aquilo existia outro ruído.

Baixo.

Distante.

Como uma respiração enterrada sob quilômetros de gelo.

— Confirmando perímetro. — A voz de Carter surgiu no comunicador. — Nenhum sinal térmico externo.

Sophia não respondeu imediatamente.

Ela continuava olhando para a abertura na rocha.

A entrada da caverna parecia menos uma formação natural e mais uma ferida aberta no litoral. Negra. Úmida. Irregular. A água do mar avançava parcialmente para dentro dela, desaparecendo na escuridão subterrânea.

Os sensores dos equipamentos do Departamento Orpheus haviam detectado anomalias gravitacionais sob aquele trecho da costa havia menos de quarenta e oito horas.

Depois disso:

desaparecimentos.

Pescadores encontrados sem os olhos.

Barcos vazios.

Chamados de socorro gravados em rádios antigos vindos de embarcações afundadas décadas atrás.

E então os sonhos começaram.

Os mesmos sonhos.

Homens e mulheres descrevendo:

um oceano imóvel,

um céu sem estrelas,

e algo gigantesco observando abaixo da água.

Sophia puxou o cachecol mais para perto do rosto.

O frio daquela costa não parecia climático.

Parecia vivo.

Atrás dela, os outros agentes descarregavam equipamentos das caixas parcialmente congeladas na praia de pedras.

Poucos homens.

Operação pequena.

Silenciosa.

Orpheus não queria atenção naquela região.

— Drones prontos. — disse Malik enquanto ajustava o rifle nas costas. — Sinal interno instável. Pode haver interferência magnética.

— Ou alguma coisa bloqueando. — murmurou Sophia.

Malik soltou um riso curto.

Nervoso.

Ninguém gostava de operações envolvendo "ecos profundos". Principalmente perto do mar.

Principalmente depois do incidente de Bergen.

Carter se aproximou dela segurando um tablet protegido por plástico impermeável.

A barba do agente estava coberta de pequenas partículas de neve.

— Ainda acha que isso é um Fragmento?

Sophia observou as leituras tremulando na tela.

Linhas quebradas.

Picos impossíveis.

Oscilações que não obedeciam lógica física.

Ela fechou os olhos por um instante.

E ouviu.

Não com os ouvidos.

Mais fundo.

Algo pulsava abaixo da pedra.

Devagar.

Como um coração sonhando.

Sophia abriu os olhos imediatamente.

— Eu acho que algo está acordando.

O vento aumentou violentamente.

As lanternas presas nas caixas metálicas balançaram.

Por um segundo muito breve, Sophia teve a impressão de ver movimento dentro da caverna.

Não um corpo.

Algo maior.

Algo deslizando na escuridão úmida muito além da entrada.

Então desapareceu.

— Sophia?

Ela percebeu que Carter ainda aguardava resposta.

— Desculpa.

A médium respirou fundo antes de olhar novamente para a abertura da formação rochosa.

A sensação agora era pior.

Mais próxima.

Como se alguma coisa lá dentro tivesse percebido a chegada deles.

— Não entrem em contato direto com nada orgânico. — disse ela. — Nada.

Nem água.

Nem corpos.

Nem símbolos.

— Você está animada hoje. — comentou sarcasticamente Malik.

Ninguém riu.

O rádio na cintura de Carter chiou subitamente.

Uma explosão curta de estática atravessou o canal.

Depois:

uma voz.

Distante.

Afogada.

"…abaixo…"

Silêncio.

Os agentes se entreolharam.

— Controle, repita transmissão. — Carter pressionou o comunicador. — Controle, câmbio.

Apenas estática respondeu.

Sophia sentiu o estômago apertar.

Porque por trás do ruído branco existia outra coisa.

Ela conseguia ouvir.

Murmúrios.

Centenas deles.

Sussurrando juntos dentro da interferência.

Como vozes presas sob água profunda.

E todas repetiam a mesma frase.

Abaixo.

Abaixo.

Abaixo.

Sophia ergueu lentamente os olhos para a caverna.

A escuridão parecia mais profunda agora.

Errada.

Como se o interior não terminasse fisicamente.

Como se aquela abertura levasse para algum lugar muito mais distante do que deveria existir sob a Terra do Fogo.

Então ela percebeu outra coisa.

O mar havia parado.

As ondas continuavam quebrando nas pedras mais distantes da costa.

Mas perto da entrada da caverna…

a água estava completamente imóvel.

Como vidro negro.

E no reflexo escuro daquela superfície parada, Sophia viu por um instante algo olhando de volta para ela.

Um rosto alongado.

Pálido.

Os olhos completamente vazios.

Ela piscou.

O reflexo desapareceu.

— Nós precisamos sair daqui. — sussurrou.

Carter franziu a testa.

— O quê?

Sophia demorou alguns segundos para responder.

O vento soprou novamente entre as pedras.

E daquela vez ela ouviu.

Nitidamente.

Vindo das profundezas da caverna.

Um som molhado.

Lento.

Como passos caminhando dentro da água.

A água escura batia lentamente contra as pedras da entrada da caverna.

Sem ondas.

Sem espuma.

Como um pulmão respirando devagar.

Os agentes do Orpheus avançaram mesmo assim.

Lanternas atravessaram a escuridão úmida enquanto botas esmagavam pedras cobertas de sal e limo antigo. O feixe branco da iluminação parecia fraco demais naquele lugar.

A caverna engolia a luz.

Sophia permaneceu parada por alguns segundos do lado de fora.

Vendo os agentes quase sumirem na escuridão.

O vento congelante da costa ainda tocava seu rosto.

Ali dentro…

não havia vento algum.

Apenas um ar parado.

Denso.

Quente demais.

Como o interior de um corpo.

— Irmã Sophia? — Carter olhou para trás. — Você vem?

Ela não respondeu imediatamente.

Os dedos permaneceram unidos diante do peito, como se estivesse rezando silenciosamente.

Na verdade:

estava tentando bloquear as vozes.

Porque desde que cruzaram a entrada da formação rochosa, elas haviam ficado mais fortes.

Muito mais fortes.

Sussurros.

Centenas.

Talvez milhares.

Não vinham de um ponto específico.

Pareciam existir dentro das paredes.

Dentro da água.

Dentro da própria pedra.

Sophia finalmente entrou.

E imediatamente sentiu a pressão.

Seu corpo inteiro ficou mais pesado.

Como se a realidade dentro da caverna obedecesse outra gravidade.

Malik percebeu quase no mesmo instante.

— Tá vendo isso?

Ele apontou para o equipamento preso no braço.

A bússola girava lentamente sem parar.

Os números do monitor tremiam.

Temperatura:

oscilando entre -2°C e 38°C ao mesmo tempo.

— Interferência magnética. — murmurou Carter.

— Não. — Sophia respondeu em voz baixa. — Presença.

O grupo continuou avançando na caverna profunda.

A passagem inicial era estreita.

Pedras negras brilhavam sob a umidade constante. Pequenos fios de água escorriam pelas paredes como lágrimas descendo por carne viva.

Mais fundo:

a caverna começava a mudar.

As formações rochosas deixavam de parecer naturais.

Linhas.

Ângulos.

Simetria.

Como se alguma inteligência tivesse moldado aquilo milhares de anos atrás.

Malik aproximou a lanterna da parede.

— Ei…

Símbolos.

Gravados profundamente na pedra.

Geometrias impossíveis.

Círculos dentro de círculos.

Linhas que pareciam mudar quando observadas diretamente.

Sophia desviou o olhar imediatamente.

Tarde demais.

Uma pontada atravessou sua cabeça.

Ela viu:

Um oceano negro.

Corpos caminhando no fundo do mar.

Uma lua gigantesca pulsando acima da água imóvel.

E algo colossal abrindo os olhos abaixo das profundezas.

Sophia tropeçou levemente.

Carter segurou seu braço.

— O que foi?

Ela respirava rápido agora.

— Não olhem muito tempo para os símbolos.

Malik obviamente olhou de novo.

— Parece arquitetura ritualística. Talvez pré-colon—

O nariz dele começou a sangrar.

Imediatamente.

Gotas escuras pingaram no chão da caverna.

O agente congelou.

— …ok.

Ele limpou o sangue rapidamente.

— Certo. Não olhar os símbolos.

Ninguém comentou.

Porque naquele momento todos perceberam outra coisa.

O som da água havia desaparecido.

Completamente.

Sophia ergueu lentamente a cabeça.

O túnel havia ficado mais largo.

Muito mais largo.

Grande demais.

Aquilo não fazia sentido.

Do lado de fora a entrada da caverna não parecia comportar um espaço daquele tamanho.

Mas agora eles estavam dentro de algo parecido com uma catedral subterrânea.

Colunas negras emergiam da escuridão.

Gigantescas.

Cobertas pelos mesmos símbolos impossíveis.

As lanternas não conseguiam alcançar o teto.

— Isso é impossível… — sussurrou Carter.

Então um dos agentes mais atrás falou:

— Tem alguém aqui.

Todos viraram imediatamente.

O homem apontava para o canto escuro próximo da parede.

Uma figura humana permanecia sentada ali.

Imóvel.

Coberta por roupas náuticas antigas completamente apodrecidas.

O rosto estava abaixado.

A pele tinha um tom acinzentado úmido.

Sophia sentiu o estômago gelar.

— Não chega perto.

Mas o agente já avançava lentamente.

— Senhor? Consegue me ouvir?

A figura não respondeu.

O homem aproximou a lanterna do cadáver.

E então todos viram.

Os olhos haviam sido removidos.

Não arrancados.

Removidos cuidadosamente.

Como procedimento cirúrgico.

A boca da coisa começou a se mover.

Devagar.

Como alguém tentando respirar depois de décadas submerso.

O agente deu um passo para trás.

— Merda…

A cabeça da criatura ergueu lentamente.

E a mandíbula abriu.

Muito mais do que deveria.

Muito mais.

Até rasgar.

Um som molhado ecoou pela caverna.

E das profundezas escuras além das colunas…

outras coisas começaram a responder.

O som voltou.

Mas errado.

Não era mais água.

Era movimentação.

Algo se arrastando nas profundezas da caverna.

Rápido.

Molhado.

Muitos.

O cadáver avançou primeiro.

O agente sequer teve tempo de reagir.

A criatura saltou sobre ele com um estalo grotesco de ossos úmidos, derrubando os dois no chão de pedra. A mandíbula aberta demais se fechou contra o pescoço do homem.

O som foi pequeno.

Quase delicado.

Então o sangue explodiu.

Carter ergueu o rifle imediatamente.

— CONTATO!

O primeiro disparo iluminou a catedral subterrânea.

E revelou o resto.

Figuras emergindo da água negra entre as colunas.

Altas.

Magras.

Corpos humanoides cobertos por pele translúcida e sal grosso cristalizado. Alguns ainda usavam restos de roupas antigas:

uniformes navais;

roupas religiosas;

equipamentos de mergulho apodrecidos.

Como se pessoas desaparecidas de décadas diferentes tivessem sido fundidas em algo novo.

Os olhos eram vazios.

Mas as cabeças se moviam rápido demais.

Como predadores farejando sangue.

Os tiros ecoaram violentamente.

Malik acertou uma das criaturas no tórax.

Nada.

A coisa continuou avançando.

Só caiu quando Carter destruiu metade da cabeça dela com uma rajada curta.

Mesmo no chão: os dedos ainda se moviam.

Sophia recuou lentamente.

As vozes dentro da mente dela agora gritavam.

Ela sentia fome.

Não dela.

Deles.

— NÃO OLHEM NOS OLHOS! — ela gritou.

Tarde demais.

Um dos agentes congelou completamente.

A criatura diante dele inclinou a cabeça devagar.

O homem começou a tremer.

A arma caiu da mão.

Então ele levou lentamente a própria faca até o pescoço.

Carter tentou impedir.

Mas a lâmina já havia atravessado a garganta.

Sangue quente escorreu pelo símbolo desenhado no chão.

E alguma coisa nas profundezas da caverna respondeu.

O chão inteiro vibrou.

Baixo.

Lento.

Como o despertar de algo colossal abaixo da pedra.

— Movimento! MOVIMENTO! — Carter berrou.

O grupo começou a avançar entre as colunas enquanto disparos ecoavam na escuridão.

As criaturas perseguiam sem medo.

Sem hesitação.

Como cães protegendo território sagrado.

Malik caiu logo depois.

Uma das coisas surgiu da água lateral e empurrou o ombro dele contra a parede rochosa. O impacto fez o osso sair parcialmente pelas costas.

O homem gritou.

A criatura abriu a mandíbula.

Sophia viu dentes humanos lá dentro.

Centenas.

Como se outras bocas tivessem crescido em sua garganta.

Carter descarregou o rifle na cabeça do monstro.

Pedra.

Sangue.

Fragmentos ósseos.

A criatura caiu.

Mas Malik já estava morrendo.

Ele segurou o braço de Sophia.

— Não deixa… não deixa elas me levarem…

Então algo puxou o corpo dele violentamente para a escuridão.

Rápido demais.

O grito desapareceu túnel adentro.

Silêncio.

Só os disparos.

Só respiração ofegante.

Só o som da água negra batendo contra as pedras.

Eles continuaram avançando.

Mais fundo.

Mais fundo.

E a caverna começou a mudar novamente.

As paredes naturais desapareceram gradualmente.

Agora existiam estruturas metálicas presas diretamente na rocha.

Tubulações.

Cabos grossos.

Luzes industriais piscando fraco no escuro.

Sophia parou por um segundo.

Seu estômago afundou imediatamente.

— Não…

Aquilo não era ruína abandonada.

Era ativo.

Funcionando.

Carter aproximou a lanterna.

E então todos viram.

O laboratório.

Cravado dentro da própria caverna.

Vidros reforçados.

Passarelas metálicas suspensas sobre água negra.

Símbolos ritualísticos misturados com tecnologia.

E atrás de um dos painéis de vidro…

corpos.

Humanos.

Ou quase.

Submersos verticalmente em cilindros cheios de líquido escuro.

Alguns ainda se moviam.

Um deles abriu os olhos lentamente.

Sophia sentiu vontade de vomitar.

Porque reconheceu o símbolo.

Um símbolo proibido desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Então as luzes do laboratório acenderam de uma vez.

Brancas.

Fortes.

Cirúrgicas.

E todas as criaturas da caverna pararam imediatamente.

Como animais obedecendo um comando invisível.

Passos ecoaram na plataforma metálica acima deles.

Calmos.

Precisos.

Militares.

Sophia ergueu lentamente o olhar.

Sombras surgiram atrás do vidro iluminado.

Observando.

Esperando.

As luzes queimavam os olhos.

Fortes demais.

Brancas demais.

Toda a caverna havia mudado de aparência sob aquela iluminação brutal.

Agora parecia pior.

Muito pior.

Os agentes do Orpheus conseguiam ver detalhes.

E detalhes eram a pior coisa naquele lugar.

As paredes do laboratório estavam parcialmente fundidas à pedra, como se a instalação tivesse sido construída ao redor de algo muito mais antigo.

Ou tentando contê-lo.

Tubulações atravessavam a rocha viva.

Símbolos ritualísticos haviam sido gravados diretamente no metal.

Cabos desciam até a água negra como raízes alimentando alguma criatura subterrânea.

As coisas nas sombras permaneciam imóveis agora.

Paralisadas pela luz.

Mas ainda respiravam.

Sophia conseguia ouvir.

Um som úmido.

Coletivo.

Como dezenas de pulmões podres funcionando ao mesmo tempo.

Passos ecoaram acima deles.

Lentos.

Controlados.

Figuras surgiram na passarela metálica superior.

Uniformes negros.

Máscaras táticas.

Símbolos dourados costurados no peito.

Black Sun.

Carter imediatamente ergueu o rifle.

— NÃO SE MOVAM!

Um dos homens apenas inclinou levemente a cabeça.

Calmo demais para alguém cercado por monstros.

— Se eu quisesse vocês mortos… — a voz saiu filtrada pela máscara — …teríamos esperado mais cinco minutos.

Outros agentes começaram a surgir atrás dele.

Armados.

Precisos.

Treinados demais.

Sophia percebeu imediatamente:

eles não estavam assustados.

Eles já conheciam aquele lugar.

Uma mulher apareceu por último.

Alta.

Elegante.

Jaleco branco longo balançando lentamente.

Doutora Yelena Sokolov.

Os olhos dela passaram rapidamente pelos sobreviventes do Orpheus.

Depois pelas criaturas imóveis na escuridão.

— Interessante. — ela disse. — Então as luzes ainda funcionam.

Carter manteve a arma apontada.

— O que é esse lugar?

Yelena caminhou lentamente pela plataforma enquanto observava os cilindros submersos atrás do vidro.

— Achamos registros alemães sobre essa instalação há alguns anos. — ela disse calmamente. — Uma divisão independente. Cientistas, ocultistas, militares… todos trabalhando juntos.

Ela tocou o vidro de um dos tanques.

Dentro dele havia algo humano.

Talvez.

— Tentaram estudar o Fragmento.

Sophia sentiu o peito apertar imediatamente ao ouvir a palavra.

Fragmento.

Então era verdade.

Yelena continuou:

— Descobriram rápido demais que aquilo não podia ser estudado.

Um dos operadores da Black Sun se aproximou de uma criatura imóvel próxima à plataforma.

Sem hesitar:

atirou.

Dois disparos secos.

A cabeça da coisa explodiu contra a pedra.

As outras criaturas estremeceram violentamente na escuridão.

Mas não avançaram.

A luz mantinha todas presas.

— Fotossensibilidade extrema. — comentou outro agente. — Elas evoluíram no escuro profundo. A luminosidade forte desorienta os sistemas nervosos.

Carter franziu a testa.

— Vocês já estiveram aqui.

Silêncio.

Yelena finalmente olhou diretamente para ele.

E sorriu de leve.

— Não exatamente. Mas encontramos outra entrada nos registros antigos.

Sophia percebeu naquele instante.

Eles tinham seguido o Orpheus desde o início apenas para usarem a equipe como distração.

Assim tiveram a chance de entrar enquanto os monstros se alimentavam.

Os monstros começaram a se mover lentamente outra vez nas bordas escuras da caverna.

A luz já enfraquecia.

Piscando.

As instalações estavam morrendo.

Carter olhou para Irmã Sophia e disse:

— Nós vamos sair juntos daqui.

Yelena olhou para ele por alguns segundos.

Quase com pena.

Então o primeiro disparo aconteceu.

Seco.

Preciso.

A testa de um dos agentes do Orpheus explodiu para trás antes que alguém entendesse.

Sophia congelou.

Outro tiro.

Mais um corpo caiu.

Os operadores da Black Sun se moveram imediatamente.

Treinamento puro.

Sem emoção.

Sem hesitação.

Execução.

Carter conseguiu reagir rápido.

Atirou primeiro.

Acertou um operador no pescoço.

O homem caiu da plataforma direto na água negra abaixo.

Mas então Yelena puxou a pistola.

Dois disparos.

O ombro de Carter explodiu.

O segundo atravessou sua garganta.

Ele caiu tentando respirar.

O sangue escorria quente entre os dedos.

Sophia ouviu os monstros começarem a se mover novamente nas sombras.

Mais rápido agora.

As luzes piscaram outra vez.

Yelena olhou diretamente para Sophia.

E não atirou.

Aquilo foi pior.

— Vá embora, Irmã Sophia.

A voz dela permaneceu calma.

— Eu quero que sua morte seja lenta e dolorosa.

Sophia recuou lentamente.

Confusa.

Apavorada.

Mais tiros.

Mais gritos.

Os últimos agentes do Orpheus morriam atrás dela enquanto os monstros voltavam a emergir da escuridão.

Black Sun já avançava em direção ao núcleo do laboratório.

Eles não ligavam para ela.

Porque o objetivo verdadeiro estava mais fundo.

Muito mais fundo.

Sophia virou.

E correu.

Corredores inundados se abriram diante dela enquanto alarmes antigos começavam a despertar após décadas de silêncio.

Luzes vermelhas.

Sirene baixa.

Água negra escorrendo pelas paredes.

E no fundo da mente dela… algo chamava.

Algo vivo.

Algo antigo.

Esperando abaixo da pedra.

CAPÍTULO 2

O HOMEM QUE MORREU

O motel ficava na borda da estrada.

Sozinho.

Afundado entre caminhões abandonados, postes enferrujados e quilômetros de floresta escura.

A placa de neon piscava sem força:

MOONLIGHT INN

Metade das letras havia morrido fazia anos.

Chovia fino.

Uma chuva gelada que transformava o estacionamento em um espelho escuro.

No segundo andar, quarto 208.

Lucas James Johnson permanecia acordado havia três noites.

Talvez quatro.

Ele já não tinha certeza.

As cortinas estavam completamente fechadas.

Pregadas.

Literalmente.

Pregos atravessavam o tecido até a parede.

Sal grosso havia sido espalhado diante da porta.

Símbolos desenhados com carvão cobriam quase todas as superfícies do quarto.

Paredes.

Espelho.

Teto.

Móveis.

Geometrias ritualísticas misturadas com anotações feitas às pressas.

Algumas em latim.

Outras em russo.

Outras numa língua que Lucas fingia não reconhecer mais.

O cheiro do quarto era uma mistura ruim de:

álcool;

fumaça;

metal oxidado;

e privação de sono.

Três rádios diferentes permaneciam ligados simultaneamente.

Todos em frequências baixas.

Chiado constante.

Vozes ocasionais surgindo no meio da estática.

Lucas prestava atenção em todas.

Sempre.

O homem estava sentado no chão ao lado da cama, segurando uma garrafa quase vazia de bourbon barato.

A pistola descansava desmontada sobre o colchão.

Peças organizadas perfeitamente.

Limpeza compulsiva.

O reflexo da televisão desligada mostrava seu rosto cansado.

Mais velho do que deveria.

Olheiras profundas.

Barba irregular.

Uma cicatriz atravessava parte do pescoço até a clavícula.

Mas eram os olhos que denunciavam tudo.

Olhos de alguém que nunca mais conseguiu sair de uma guerra.

O rádio à esquerda estalou.

Lucas ergueu imediatamente a cabeça.

Chiado.

Depois:

"…abaixo…"

Ele congelou.

A voz desapareceu.

Só estática novamente.

Lucas fechou os olhos devagar.

Respirou fundo.

Tentou ignorar.

Não conseguiu.

Porque as vozes nunca desapareciam totalmente.

Elas apenas esperavam.

A garrafa tocou o chão com um pequeno ruído seco.

Lucas levantou lentamente.

A madeira do piso estalou sob seus pés.

Ele caminhou até a porta.

Verificou as trancas pela quarta vez naquela hora.

Depois a janela.

Depois o banheiro.

Depois o armário.

Ritual.

Rotina.

Sobrevivência.

No criado-mudo havia uma fotografia parcialmente queimada.

Quatro pessoas.

Uma equipe antiga do Orpheus.

Lucas encarava a imagem havia semanas sem conseguir jogá-la fora.

Dois deles estavam mortos.

Um desaparecido.

E a última pessoa…

Ele virou a foto rapidamente.

Como se olhar por tempo demais pudesse invocá-la.

A televisão ligou sozinha.

Chiado branco.

Lucas puxou sua segunda pistola imediatamente.

Ou seria a terceira ou a quarta? Não podia mais se lembrar.

Instinto puro.

Mas não havia imagem alguma.

Só estática.

Então o rádio da direita começou a transmitir algo.

Muito baixo.

Uma respiração.

Lenta.

Úmida.

Lucas desligou o aparelho violentamente.

Silêncio.

Por alguns segundos…

silêncio absoluto.

Então veio a batida na porta.

Três toques.

Calmos.

Precisos.

Lucas ficou imóvel.

A arma já apontada.

Outra batida.

Uma voz masculina do outro lado:

— FBI.

Silêncio.

Então uma voz feminina:

— Precisamos conversar, Lucas.

O nome.

Não "senhor Johnson".

Não "senhor".

Lucas lentamente ergueu os olhos.

E pela primeira vez naquela noite…pareceu genuinamente mais assustado que o comum.

Lucas não respondeu imediatamente.

Permaneceu parado no centro do quarto escuro, a pistola firme nas mãos enquanto a chuva batia contra as paredes externas do motel.

Outra batida.

Controlada.

Paciente.

Não era polícia comum.

Policiais comuns batiam forte.

Impacientes.

Autoritários.

Quem estava do outro lado sabia exatamente o que fazia.

Lucas destravou lentamente a arma.

— Mostrem os distintivos.

Silêncio breve.

Então uma carteira foi deslizada por baixo da porta.

Lucas não abaixou a arma.

Pegou o documento sem tirar os olhos da entrada.

FBI.

Agente Especial Ethan Walker.

Parecia legítimo.

Isso não significava nada.

Ele abriu apenas parte da cortina da janela lateral.

Poucos centímetros.

O suficiente para enxergar o estacionamento.

Um sedan preto parado perto da recepção.

Motor ainda quente.

Ethan Walker estava diante da porta.

Alto.

Postura militar impossível de esconder.

Mesmo parado parecia pronto para combate.

O casaco escondia parcialmente o coldre.

Mas Lucas percebeu.

Percebia essas coisas automaticamente.

Ao lado dele:

Nora Hayes.

Elegante demais para o FBI local.

Olhos atentos demais.

Ela observava as janelas do motel como alguém esperando ver algo observando de volta.

Orpheus.

Claro.

Lucas soltou uma risada baixa sem humor algum.

— Demoraram.

Ethan respondeu do lado de fora:

— Você desapareceu direito dessa vez.

Lucas abriu parcialmente a porta.

A corrente de segurança permaneceu presa.

Os olhos dos três se encontraram pela primeira vez.

Nora analisou imediatamente o interior do quarto.

Os símbolos.

O sal.

Os rádios.

As marcas nas paredes.

O cheiro de álcool.
Ela não fez expressão alguma.
Mas Lucas percebeu:
ela entendeu tudo.
Ethan também viu.
— Jesus Cristo…
Lucas inclinou levemente a cabeça.
— Ele não entra aqui.
Silêncio.
A frase ficou suspensa no ar.
Nora falou primeiro:
— Há quanto tempo você não dorme?
Lucas ignorou.
Os olhos permaneciam fixos em Ethan.
— Quem mandou vocês?
— Diretor Reyes.
O nome pesou no ambiente.
Lucas soltou outra pequena risada.
Mais amarga dessa vez.
— Então ele ainda está vivo.
— Por enquanto. — Ethan respondeu.
A resposta veio rápida demais.
Natural demais.
Agentes Orpheus.
Sem dúvida.
Lucas fechou parcialmente a porta.
— Não estou interessado.
Ethan colocou a mão contra a madeira antes que ela fechasse.
Não agressivo.
Mas firme.
— Escuta, Lucas…
— Não use meu nome.

— Precisamos conversar.

— Não. Vocês precisam ir embora.

Nora observava tudo em silêncio.

Os olhos dela percorriam os símbolos desenhados no teto.

Alguns estavam parcialmente apagados.

Outros refeitos várias vezes.

Proteções.

Selos mentais.

Tentativas desesperadas de manter alguma coisa fora dali.

Ou dentro.

Ela então percebeu algo pior.

Todos os espelhos do quarto haviam sido quebrados.

Todos.

Até o pequeno espelho do banheiro.

Lucas percebeu ela olhando.

— Reflexos são portas.

A frase saiu seca.

Sem ironia.

Sem explicação.

Como regra simples de sobrevivência.

Ethan respirou devagar.

— Terra del Fuego.

Silêncio absoluto.

Lucas congelou.

Nem os rádios pareceram fazer som naquele instante.

A expressão dele mudou imediatamente.

Algo entre culpa…

e terror puro.

— Não. — ele murmurou.

Ethan continuou:

— Uma equipe desapareceu há quarenta e oito horas.

Lucas deu um passo para trás.

Como se tivesse levado um golpe físico.

— Não me interessa.

— A Irmã Sophia estava com eles.

A pistola caiu da mão de Lucas e atingiu o chão.

O som ecoou pequeno no quarto.

Mas enorme dentro dele.

Porque por um instante…

o homem parecia prestes a desabar completamente.

Nora percebeu imediatamente.

Sophia não era apenas um nome.

Era uma ferida aberta.

Lucas passou a mão pelo rosto devagar.

Respiração irregular.

Os dedos tremiam.

— Eu avisei vocês.

Baixo.

Quase um sussurro.

— Eu avisei todos vocês pra não procurarem aquilo.

Ethan manteve a voz firme:

— Então você sabe o que encontraram lá.

Lucas ergueu lentamente os olhos.

Exaustos.

Assombrados.

— Não. Vocês ainda não entenderam.

Ele olhou diretamente para Nora agora.

Depois para Ethan.

— Se ela entrou naquela caverna…

já está morta.

O rádio desligado no canto da sala estalou sozinho.

Todos ouviram.

Chiado.

Depois uma voz distante.

Feminina.

"…Lucas…"

O quarto inteiro ficou imóvel.

Nora lentamente virou a cabeça em direção ao rádio.

Ethan levou a mão discretamente até a arma.

Lucas ficou branco.

Porque reconheceu a voz imediatamente.

Sophia.

O rádio voltou ao silêncio.

Somente estática.

Fraca.

Irregular.

Mas os três permaneceram imóveis.

Como animais ouvindo algo se mover no escuro.

Lucas foi o primeiro a reagir.

Abriu a porta com violência quebrando a tranca.

— Entrem!

Ethan e Nora se surpreenderam, mas obedeceram.

— Desliguem as luzes.

Ethan franziu a testa.

— O quê?

— AGORA.

A mudança na voz dele foi instantânea.

Pânico real.

Nora apagou o abajur imediatamente.

O quarto mergulhou numa penumbra vermelha vinda apenas da televisão sem sinal e da placa de neon do lado de fora.

Lucas já puxava a cortina da janela em pequenos movimentos controlados.

Sem expor o rosto.

Sem deixar o interior totalmente visível.

Treinamento antigo.

Paranoia refinada até virar método.

— Lucas… — Ethan começou.

— Cala a boca.

A voz saiu baixa.

Crua.

Lucas observava o estacionamento.

Chuva fina.

Asfalto molhado refletindo o neon quebrado.

O sedan preto.

Os postes.

Nada.

Por alguns segundos…

nada.

Então ele apareceu.

Parado do outro lado da estrada.

Imóvel.

Alto demais.

Magro demais.

A figura usava algo parecido com um sobretudo semitransparente completamente encharcado pela chuva.

Mas o rosto…

o rosto parecia errado.

Como se a escuridão ao redor da cabeça fosse mais profunda a própria escuridão.

Lucas sentiu o sangue gelar imediatamente.

— Não…

Nora percebeu a mudança nele.

— O quê você viu?

Lucas não respondeu.

As mãos tremiam.

Pela primeira vez desde que chegaram: tremiam de verdade.

— Lucas.

— Ele me encontrou.

A frase saiu quase inaudível.

Ethan se aproximou da janela.

Lucas segurou seu braço imediatamente.

Violento.

— NÃO OLHA DIRETO PRA ELE.

Silêncio.

Ethan encarou Lucas por um segundo.

Havia medo real ali.

Não histeria.

Não delírio comum.

Medo treinado.

Sobrevivência.

Nora se aproximou devagar.

— Quem encontrou você?

Lucas continuava olhando pela fresta da cortina.

Respiração curta.

— Observadores.

O nome pareceu errado dentro do quarto.

Como palavra proibida.

O rádio estalou novamente.

"…abaixo…"

A televisão mudou por um segundo.

Uma imagem apareceu rapidamente.

Corredores inundados.

Luzes vermelhas.

Uma mulher correndo.

Sophia.

Então a tela voltou à estática.

Ethan viu dessa vez.

Os olhos dele endureceram imediatamente.

— Merda…

Lucas apontou lentamente para a estrada.

— Lá.

Ethan finalmente olhou.

O estacionamento permanecia vazio.

Nenhuma figura.

Nenhum homem.

Nada além da chuva.

— Não tem ninguém lá fora.

Lucas continuou encarando.

— Ele estava ali.

Nora observou pela janela também.

Nada.

Mas então ela percebeu outra coisa.

Pegadas molhadas.

Começando no estacionamento.

E terminando exatamente diante da porta do quarto 208.

Como se alguém tivesse caminhado até ali segundos antes.

Os olhos dela desceram lentamente.

Sal grosso.

A linha de proteção diante da porta havia sido parcialmente apagada.

Lucas viu também.

E empalideceu.

Porque eles não tinham ouvido passos.

Nenhum.

O rádio da esquerda começou a transmitir vozes simultâneas.

Muitas.

Sobrepostas.

Sussurros rápidos demais para entender.

A temperatura do quarto caiu violentamente.

A respiração dos três começou a produzir fumaça branca.

Ethan finalmente sacou a arma.

— Lucas… o que diabos está acontecendo?

Lucas continuava olhando fixamente para a porta agora.

Como se esperasse alguma coisa atravessar a madeira.

— Eles observam primeiro.

Baixo.

Quase automático.

— Depois começam a aparecer nos sonhos. E depois...

O chiado dos rádios aumentou.

Nora sentiu algo naquele instante.

Uma presença.

Não exatamente dentro do quarto.

Mas muito perto.

Como algo pressionando a realidade do outro lado.

As luzes do corredor do motel piscaram sob a porta.

Uma vez.

Duas.

Três.

Então pararam completamente.

Agora só existia o vermelho fraco do neon entrando pela janela.

Lucas lentamente começou a recuar.

— Não deviam ter vindo aqui.

A voz dele falhou.

— Agora ele viu vocês também.

Então algo bateu na porta.

Uma única vez.

Pesado.

Lento.

Os três congelaram.

E a televisão voltou a ligar sozinha.

Na tela cheia de estática… uma frase apareceu por menos de um segundo:

"HE HAS BEEN MARKED"

Ele foi marcado.

Então tudo apagou.

Completamente.

Então...

As luzes voltaram.

De uma vez.

Brancas.

Violentas.

O quarto reapareceu num clarão morto de motel barato.

E ele já estava lá dentro.

Entre a televisão e a porta.

Alto.

Curvado.

Tangível.

A pele parecia tecido queimado esticado sobre ossos compridos demais. O sobretudo semitransparente pingava água negra no carpete. Onde deveria existir um rosto… havia apenas uma superfície lisa atravessada por pequenas fissuras pulsantes, como rachaduras respirando.

Lucas soltou um som seco.

Não um grito.

Puro terror animal.

O Observador moveu-se primeiro.

Rápido demais.

A criatura atravessou o quarto num borrão impossível e agarrou Lucas pelo pescoço antes que ele

pudesse reagir. As costas dele bateram contra a parede ao lado da cama com violência suficiente para rachar o gesso.

Nora sacou a pistola instantaneamente.

— CONTATO!

Ela disparou três vezes.

Os tiros atravessaram o ombro da criatura espalhando matéria escura pela parede.

O Observador virou lentamente a cabeça na direção dela.

Errado.

Artificial.

Como algo aprendendo movimento humano.

Ethan abriu fogo logo em seguida.

Os estampidos explodiram dentro do quarto fechado.

Vidro.

Plástico.

Madeira.

Tudo voou.

As balas arrancavam pedaços da criatura, mas ela continuava avançando.

O rádio começou a chiar violentamente.

A criatura ergueu um braço longo demais.

Ethan foi lançado contra a televisão.

A tela explodiu.

Vidro e estática.

Nora tentou recuar, mas o braço da criatura atingiu seu peito como uma marreta. O corpo dela atravessou a cômoda e caiu no chão entre madeira quebrada e fios arrancados.

Lucas caiu junto da parede.

Tossindo.

Sangue na boca.

O Observador avançava lentamente agora.

Sem pressa.

Como se soubesse que aquilo já tinha acabado.

O quarto inteiro vibrava.

Os símbolos desenhados no chão começavam a apagar sozinhos.

Um por um.

Lucas tentava puxar ar.

As mãos tremiam tanto que mal conseguia segurar a pistola.

A criatura se aproximou.

Mais perto.

Mais perto.

E então as fissuras onde deveria existir um rosto começaram a se abrir.

Como uma flor de carne morta.

Lucas congelou.

O velho pânico retornou inteiro.

Viu flashes de memórias que não eram suas.

Os corredores.

Os mortos.

As vozes.

Sophia desaparecendo na escuridão.

Ele começou a se arrastar para trás sem perceber.

Desesperado.

O rádio explodiu em estática.

Então uma voz surgiu no meio do chiado.

Fraca.

Distorcida.

Mas impossível de confundir.

— Lucas…

O mundo pareceu parar.

— Lucas… levanta…

Sophia.

A voz atravessou a paranoia como uma lâmina.

Os olhos dele focaram novamente.

O Observador ergueu o braço para finalizar o golpe.

Lucas virou o corpo violentamente.

A mão encontrou a lateral da cômoda caída.

Atrás dela.

A escopeta.

Ele puxou a arma no último segundo.

BOOM.

O disparo iluminou o quarto inteiro.

A criatura perdeu parte do torso.

Matéria negra explodiu pelas paredes.

Mas continuou avançando.

Lucas levantou parcialmente.

Os olhos agora completamente lúcidos.

BOOM.

O segundo disparo arrancou o braço da criatura.

Ela cambaleou.

Os rádios começaram a gritar simultaneamente.

Centenas de vozes.

Centenas.

Como se algo do outro lado tivesse percebido aquilo.

Lucas bombeou a escopeta.

Sem hesitar.

BOOM.

O rosto da criatura explodiu numa nuvem negra que atingiu o teto.

O corpo permaneceu parado por um segundo.

Então começou a colapsar sobre si mesmo.

Afundando.

Desmanchando.

Como fumaça sendo sugada para dentro de um buraco invisível.

E desapareceu.

Silêncio.

Somente a respiração pesada dos três.

O quarto parecia um campo de guerra.

Paredes destruídas.

Sangue.

Vidro.

Marcas negras se espalhando pelo carpete.

Ethan se levantou primeiro, gemendo de dor.

— Que… porra… foi aquilo…

Nora ainda tentava recuperar o ar.

Lucas permaneceu imóvel alguns segundos.

A escopeta abaixada.

Olhando para o vazio onde a criatura desaparecera.

A paranoia não estava mais ali.

Não daquela forma.

Agora existia apenas exaustão.

E uma certeza fria.

— Eles encontraram meu rastro.

A voz dele saiu seca.

Controlada novamente.

Ele abriu a câmara da arma e recarregou calmamente.

— Agora não faz mais diferença ficar escondido aqui.

Ethan limpou sangue da sobrancelha.

— Quantos desses existem?

Lucas olhou para a janela escura.

— Muitos.

O rádio chiou outra vez.

Distante.

Como respiração.

Lucas pegou o casaco.

— Quando entram em forma tangível… eles não param mais.

Nora observou a marca negra crescendo lentamente no carpete onde a criatura havia morrido.

Como mofo vivo.

— Então pra onde vamos?

Lucas finalmente encarou os dois.

Os olhos dele estavam diferentes agora.

Mais frios.

Mais próximos do homem que um dia trabalhou para o Departamento Orpheus.

— Primeiro… vamos descobrir por que Sophia apareceu num sinal morto.

Silêncio.

Então ele pegou a bolsa de armas escondida sob a cama.

— Depois vamos descobrir como tirar ela daquele buraco.

CAPÍTULO 3

O RETORNO AO ORPHEUS

A neve caía horizontalmente.

Fina.

Violenta.

O jato preto atravessava o céu austríaco como uma lâmina escura cortando nuvens mortas.

Lucas observava pela janela sem realmente enxergar a paisagem.

Os dedos batiam lentamente contra a coronha da escopeta apoiada ao lado do banco.

Tum.

Tum.

Tum.

O ritmo nunca mudava.

Nora permanecia alguns assentos atrás, analisando um pequeno gravador portátil conectado por cabos a um notebook antigo de tela verde. O equipamento emitia pequenos estalos elétricos enquanto ela tentava limpar o áudio do rádio do motel.

A voz de Sophia continuava enterrada sob camadas de interferência.

Ethan dormia do outro lado da cabine.

Ou fingia dormir.

Os hematomas escuros no rosto dele diziam o suficiente sobre a noite anterior.

O avião atravessou turbulência.

As luzes oscilaram.

Lucas ergueu os olhos imediatamente.

Instinto.

Todos dentro da cabine fizeram o mesmo.

Silêncio.

Depois as luzes estabilizaram novamente.

Ninguém relaxou.

A paranoia já fazia parte do trabalho.

Duas horas depois, o jato desapareceu sob as montanhas.

The Vault não existia em mapas.

Nem em satélites.

Nem oficialmente.

A pista surgia apenas quando o sistema óptico do avião sincronizava com transmissores enterrados sob a neve.

A montanha se abriu lentamente diante deles.

Gigantescas portas blindadas deslizaram para os lados enquanto luzes vermelhas emergiam da escuridão congelada.

Lucas sentiu o estômago apertar.

O mesmo sentimento de anos atrás.

Como voltar para dentro de um túmulo.

O avião entrou na estrutura colossal.

O hangar subterrâneo parecia uma mistura impossível de bunker militar, mosteiro brutalista e laboratório nuclear soviético.

Concreto.

Aço.

Cabos grossos pendendo do teto.

Computadores analógicos convivendo lado a lado com hologramas azulados.

Monitores de tubo exibiam símbolos ocultistas piscando sobre mapas mundiais.

Operadores digitavam em teclados mecânicos enquanto sacerdotes de roupas negras desenhavam marcas ritualísticas em placas metálicas.

O ar possuía cheiro de ozônio, óleo industrial e incenso queimado.

Acima de tudo aquilo…

o símbolo da Orpheus.

Gigantesco.

Vermelho.

Pendendo do teto como uma bandeira de guerra.

DISCIMUS VERITATEM PER TENEBRAS.

Aprendemos a verdade através das trevas.

Lucas desceu do avião lentamente.

As botas ecoaram pelo hangar.

E imediatamente percebeu os olhares.

Agentes.

Analistas.

Pesquisadores.

Alguns o reconheciam.

Outros apenas conheciam histórias.

O homem que desapareceu.

O homem que enlouqueceu.

O homem que voltou.

Um operador passou carregando fitas magnéticas enquanto outro empurrava um carrinho repleto de rádios antigos ligados simultaneamente em frequências diferentes.

Em uma das transmissões…

vozes sussurravam em latim.

Em outra…

alguém chorava.

Nora percebeu Lucas observando os equipamentos.

— Ainda usam tecnologia analógica pra contenção.

Lucas respondeu sem tirar os olhos dos rádios.

— Entidades atravessam sistemas digitais mais fácil do que atravessam cobre.

Ethan surgiu atrás deles.

— Odeio esse lugar... Isso aqui parece um cruzamento da NASA com o inferno.

— É exatamente isso — Lucas respondeu.

As enormes portas do hangar começaram a se fechar atrás do avião.

O som metálico ecoou por toda a estrutura subterrânea.

Pesado.

Definitivo.

Como algo selando uma cripta.

Então Lucas percebeu outra coisa.

Câmeras.

Centenas delas.

Girando lentamente em direção a ele.

Observando.

Registrando.

Esperando.

Uma sirene baixa ecoou distante pelos corredores subterrâneos.

Luzes vermelhas pulsaram brevemente no teto.

E por um segundo… muito rápido…

Lucas viu uma silhueta parada no alto de uma passarela metálica.

Imóvel.

Observando ele.

Alta demais para ser humana.

Então as luzes estabilizaram.

E não havia mais nada lá.

Lucas ficou imóvel.

Nora percebeu imediatamente.

— O quê?

Ele continuou olhando para a passarela vazia.

O coração desacelerando lentamente.

— Nada.

Mas ele sabia.

O Observador tinha chegado antes deles.

Se tranquilizou, pois, sabia que nada poderia se tornar tangível ali... ou alguma coisa teria mudado depois de tanto tempo?

Os corredores de The Vault pareciam não terminar nunca.

Longos.

Geométricos.

Enterrados quilômetros abaixo da montanha.

Tubulações atravessavam o teto como veias metálicas pulsando vapor quente. Cabos grossos desciam pelas paredes de concreto bruto enquanto lâmpadas industriais lançavam uma luz fria e cansada sobre o chão negro polido.

Tudo vibrava levemente.

Como uma máquina colossal respirando sob a terra.

Lucas caminhava à frente em silêncio.

Dois agentes armados acompanhavam o grupo à distância.

Não escolta.

Observação.

A diferença dentro da Orpheus era mínima.

Eles passaram por uma sala de monitoramento repleta de televisores de tubo.

Centenas deles.

Cada tela mostrava algo diferente.

Florestas.

Corredores vazios.

Estações de metrô abandonadas.

Igrejas.

Oceanos escuros.

Uma das telas exibia apenas algo que parecia um homem dormindo num quarto completamente coberto por símbolos ocultistas.

Nora desviou o olhar imediatamente.

Lucas percebeu.

— O que era aquilo?

— Contenção remota.

— De quê?

— Uma entidade que encontramos no México...

Ela ficou em silêncio depois disso.

Mais adiante, atravessaram um laboratório separado por vidros espessos.

Pesquisadores utilizavam computadores modernos conectados diretamente a equipamentos analógicos dos anos oitenta. Fitas magnéticas giravam ao lado de servidores refrigerados. Impressoras matriciais cuspiam folhas cobertas por símbolos que pareciam se mover quando observados por muito tempo.

Num dos cantos…

um padre católico discutia fórmulas matemáticas com uma mulher usando roupas cirúrgicas manchadas de sangue.

Ethan observou aquilo tudo com expressão cansada.

— Eu odeio esse lugar.

Lucas respondeu sem olhar para trás.

— Isso significa que você ainda está lúcido.

Eles dobraram outro corredor.

Desta vez mais escuro.

Mais silencioso.

O símbolo da Orpheus reaparecia pintado repetidamente nas paredes, misturado com frases em latim e avisos de segurança.

NÍVEL ÔMEGA — ACESSO RESTRITO.

EVITE CONTATO VISUAL PROLONGADO.

NÃO RESPONDA VOZES VINDAS DAS TUBULAÇÕES.

Ethan parou diante da última placa.

— Isso é sério?

— Sim — Nora respondeu antes de Lucas.

Ela não parecia confortável.

Isso preocupava Ethan mais do que a própria placa.

Então os alto-falantes da base chiaram.

Uma voz feminina ecoou pelos corredores.

— Agente Walker. Agente Hayes. Lucas. Sala sete na ala de observação estratégica.

Lucas congelou imediatamente.

A voz.

Ele conhecia aquela voz.

Os três seguiram pelo corredor final até uma ampla sala circular cercada por vidro fumê e monitores antigos.

E ela estava lá.

Maya Kessler.

O tempo não tinha sido gentil com ela.

Mas também não tinha conseguido quebrá-la.

O cabelo ruivo agora era mais curto, preso de forma prática. Os olhos continuavam afiados demais. Havia olheiras profundas abaixo deles e pequenos

tremores involuntários nos dedos enquanto segurava uma pasta preta contra o peito.

Ela ergueu os olhos.

Encontrou Lucas.

E toda a sala pareceu esfriar.

Nenhum dos dois falou imediatamente.

Anos comprimidos naquele silêncio.

Maya foi a primeira a quebrar.

— Então você realmente estava vivo.

A voz saiu seca.

Controlada demais.

Lucas não respondeu.

Ela se aproximou lentamente.

Os olhos analisando cada detalhe dele.

As cicatrizes novas.

O cansaço.

A paranoia escondida sob a postura fria.

— Cinco anos.

Lucas desviou o olhar.

Erro.

Maya percebeu imediatamente.

— Cinco anos sem uma ligação. Sem um relatório. Sem um sinal.

Ethan trocou um olhar discreto com Nora.

Claramente aquela conversa tinha história demais.

Lucas finalmente respondeu.

— Eu estava tentando sobreviver.

— E eu estava tentando te encontrar.

Aquilo atingiu mais forte do que ele esperava.

Maya riu sem humor algum.

— Sabe o que a Orpheus fez? Te declarou psicologicamente comprometido.

— Depois operacionalmente morto.

Ela se aproximou mais.

Baixo agora.

Quase pessoal demais.

— E eu fui idiota suficiente pra continuar procurando.

Lucas sustentou o olhar dela dessa vez.

Mas não havia resposta boa.

Porque ela estava certa.

Maya respirou fundo.

Recuperando controle.

A profissional retornando à superfície.

— Eleanor está esperando no subsolo. Acho que você ainda sabe o caminho...

Ela virou parcialmente.

Então parou.

Sem olhar para trás.

— Você devia ter confiado em mim.

A frase ficou no ar.

Pesada.

Maya saiu da sala logo em seguida.

O silêncio permaneceu alguns segundos.

Ethan observou Lucas.

— Então… vocês—

— Não — Lucas cortou imediatamente.

Rápido demais.

Nora arqueou uma sobrancelha.

— Isso pareceu um "sim".

Lucas ignorou os dois.

Mas a verdade era pior.

Muito pior.

Porque Maya tinha sido a última pessoa que havia enxergado algo humano nele antes do colapso.

E ele simplesmente desapareceu.

As luzes da sala oscilaram suavemente.

Um dos monitores desligou sozinho.

Chiado.

Estática.

Então uma imagem surgiu por menos de um segundo na tela preta.

Uma silhueta alta parada num corredor da própria base.

Imóvel.

Observando.

Lucas viu.

Ethan e Nora perceberam.

Mas quando olharam para a tela… havia apenas estática.

Respiração pesada.

O monitor continuava chiando.

— Você vai contar pra gente que merda tá acontecendo? — Ethan finalmente quebrou o silencio.

— Os Observadores... eles me seguem em todos lugares.

— Até aqui? Isso é impossível.

Nora levou a mão até sua arma instintivamente.

— Eles não conseguem se materializar em locais protegidos como esse — respondeu rapidamente — Mas quando algum idiota revela minha localização eles não param mais de me seguir.

Lucas trocou um olhar fulminante com Ethan.

— Merda cara, eu já pedi desculpa.

— Parem, vocês dois. Precisamos continuar.

O núcleo estratégico ficava no nível mais profundo de The Vault.

A descida levou quase cinco minutos completos.

Elevadores antigos de aço desciam lentamente pelo centro da montanha enquanto enormes símbolos de contenção passavam pelas paredes de concreto ao redor da cabine.

Lucas observava os andares desaparecerem.

Níveis de acesso.

Laboratórios.

Contenção biológica.

Arquivos litúrgicos.

Anomalias cognitivas.

O último nível não possuía identificação alguma.

Apenas um símbolo circular desenhado diretamente na porta blindada.

Quando o elevador finalmente abriu… o silêncio parecia diferente ali.

Mais pesado.

Como se até os sons fossem observados antes de existir.

A sala de estratégia era ampla e escura.

Mapas mundiais ocupavam paredes inteiras. Monitores antigos exibiam transmissões de rádio, surtos paranormais e movimentações suspeitas ao redor do planeta. No centro do ambiente existia uma enorme mesa circular iluminada por baixo, cheia de documentos físicos, fotografias e fitas magnéticas.

Tudo analógico.

Tudo redundante.

Tudo protegido.

Eleanor Vale estava parada diante da mesa.

Imóvel.

Elegante.

Fria.

Os cabelos negros com uma única mecha branca presos com perfeição quase militar contrastavam violentamente contra as roupas negras e bordô de corte impecável. Os olhos claros carregavam o tipo de cansaço que só existia em pessoas que sabiam demais.

Ela não levantou a voz quando falou.

Mas toda a sala pareceu escutar.

— Lucas.

Ele permaneceu parado alguns segundos antes de responder.

— Eleanor.

Nenhum abraço.

Nenhuma cordialidade.

Apenas sobreviventes.

Eleanor observou os ferimentos recentes no rosto dele.

Depois a escopeta presa às costas.

Depois os olhos.

Foi nos olhos que ela demorou mais.

— Ainda está vendo eles?

Lucas percebeu Ethan e Nora trocando olhares discretos.

Ele respondeu sem emoção.

— Às vezes.

Eleanor assentiu lentamente.

Como se já esperasse aquilo.

— Mas eles não entram aqui.

Lucas olhou ao redor da sala.

Os símbolos nas paredes.

As runas entalhadas diretamente no concreto.

Os transmissores analógicos vibrando em baixa frequência.

— Não. Aqui eles só observam.

Aquilo gerou um silêncio desconfortável.

Porque todos ali entenderam a diferença.

Eleanor caminhou lentamente até a mesa principal.

Acendeu um projetor antigo.

A imagem tremeluziu sobre a parede.

Sophia.

Sentada numa cadeira de contenção ritualística.

Olhos fechados.

Sangue escorrendo do nariz.

As imagens eram anteriores à missão na Terra do Fogo.

Ethan franziu a testa.

— Sessão mediúnica?

— Classe Ômega — Eleanor respondeu.

A gravação continuou.

Pesquisadores cercavam Sophia enquanto dezenas de rádios antigos transmitiam ruído branco simultaneamente.

Então Sophia começou a tremer.

Violentamente.

As luzes da sala da gravação piscaram.

Vozes começaram a surgir nos rádios.

Centenas delas.

Sobrepostas.

Latim.

Russo.

Inglês.

Algo pior.

Então Sophia abriu os olhos.

Completamente negros.

E falou apenas uma frase.

— Digam ao Lucas… que a porta já está aberta.

A gravação congelou.

Silêncio.

Nora lentamente olhou para Lucas.

Eleanor desligou o projetor.

— Isso aconteceu vinte e sete horas antes da operação.

Lucas permaneceu imóvel.

Mas os dedos apertaram lentamente contra a mesa.

— Por que não me procuraram antes?

Eleanor sustentou o olhar dele.

— Procuramos. Você desapareceu melhor do que qualquer agente que já vi.

Aquilo era verdade.

Lucas olhou novamente para a imagem congelada de Sophia.

Mesmo deteriorada.

Mesmo possuída.

Ela parecia assustada.

Aquilo incomodou mais do que deveria.

Então Eleanor percebeu algo na expressão dele.

Pequeno.

Mas suficiente.

— Tem mais alguma coisa.

Lucas demorou alguns segundos para responder.

Porque dizer aquilo em voz alta tornava tudo real.

— Ela falou comigo.

O silêncio na sala morreu instantaneamente.

Ethan levantou a cabeça.

Nora ficou imóvel.

Até Eleanor perdeu parte da frieza calculada.

— Explique.

Lucas respirou fundo.

— Durante o ataque no motel, ataque esse que você já deve ter recebido o relatório desses dois idiotas,

o Observador já tinha entrado em forma tangível. Então os rádios começaram a chiar…

Ele olhou para Nora.

— E eu ouvi Sophia.

Nora confirmou lentamente.

— Nós ouvimos a interferência primeiro e depois a voz.

Eleanor ficou completamente imóvel agora.

Perigoso.

Como uma máquina processando possibilidades demais ao mesmo tempo.

— O que ela disse?

Lucas respondeu baixo.

— "Levanta."

Silêncio novamente.

Então Eleanor começou a andar lentamente pela sala.

Pensando.

— Isso não deveria ser possível.

— Talvez ela esteja viva — Ethan disse.

Eleanor parou imediatamente.

— Não.

A resposta veio rápida demais.

Firme demais.

Ela virou lentamente para os três.

— Se Sophia conseguiu atravessar frequências protegidas… durante manifestação tangível… a possibilidade mais provável não é sobrevivência.

Lucas já sabia o que vinha.

Mesmo assim perguntou.

— Então o quê?

Eleanor encarou diretamente os olhos dele.

— Ela está presa em algum lugar entre os lados.

O ar da sala pareceu gelar.

Nora franziu a testa.

— "Entre os lados" não é um termo técnico muito reconfortante.

Eleanor ignorou a observação.

Apenas abriu outra pasta sobre a mesa.

Fotografias.

Satélites.

Documentos.

Símbolos.

Black Sun.

— Porque seja lá onde Sophia esteja… eles estão tentando chegar até ele também.

Lucas observou as fotografias lentamente.

Os símbolos.

Os laboratórios.

Os desaparecimentos.

Então percebeu algo específico.

Uma marcação temporal.

A operação da Terra do Fogo.

Monitorada dias antes.

Os olhos dele endureceram imediatamente.

— Eles já estavam esperando pela missão.

Eleanor assentiu.

Lenta.

Pesada.

— Sim.

E naquele instante Lucas compreendeu algo muito pior do que a própria emboscada.

Aquilo nunca tinha sido um acidente.

Sophia foi usada como isca.

CAPÍTULO 4

O EVENTO ZERO

A porta blindada do núcleo estratégico abriu com um estalo hidráulico pesado.

Todos na sala olharam imediatamente.

Adrian Reyes entrou acompanhado por dois agentes de segurança.

O diretor da Orpheus não precisava elevar a voz para dominar um ambiente.

A presença fazia isso por ele.

O terno vinho escuro parecia impecável demais para alguém que claramente não dormia havia dias. Os cabelos grisalhos perfeitamente alinhados contrastavam contra as olheiras profundas e contra a tensão constante presente no maxilar.

Adrian carregava uma pasta física sob o braço.

Nada digital.

Nunca digital.

Os olhos dele passaram rapidamente por Ethan.

Depois Nora.

Então pararam em Lucas.

— Você está vivo. Isso complica muita coisa.

Lucas soltou um pequeno sorriso cansado.

— Bom te ver também.

Adrian ignorou o comentário.

Apenas caminhou até a mesa central.

Mas antes que pudesse continuar… um dos monitores da sala falhou.

A imagem distorceu.

Chiado.

Linhas horizontais.

O rosto de Eleanor apareceu refletido na tela desligada.

Ou melhor… algo parecido com o rosto dela.

Duplicado.

Desfocado.

Como múltiplas versões tentando ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo.

Nora percebeu imediatamente.

Ela desviou o olhar do monitor para Eleanor.

Depois voltou para a tela.

O reflexo continuava errado.

Levemente atrasado.

Como se Eleanor existisse alguns milissegundos fora da realidade.

Adrian sequer reagiu.

Claramente acostumado.

Lucas percebeu o desconforto de Nora.

— Primeira vez vendo isso?

Nora respondeu baixo.

— Achei que fossem exageros dos arquivos internos.

Eleanor permaneceu imóvel diante da mesa.

Mas as luzes próximas a ela oscilaram levemente.

Quase imperceptível.

— Não são exageros.

A voz dela continuava perfeitamente calma.

Aquilo tornava tudo pior.

Nora observou novamente o rosto de Eleanor.

Nenhuma ruga.

Nenhum sinal verdadeiro de envelhecimento.

Apenas um refinamento frio e quase artificial.

Bonita demais.

Preservada demais.

Como uma fotografia antiga que se recusava a deteriorar.

Ethan cruzou os braços.

— Quanto tempo faz?

Adrian respondeu antes dela.

— Londres. 1912.

Silêncio.

Lucas desviou os olhos lentamente para Eleanor.

Ela sustentou o olhar sem qualquer reação emocional.

— Uma exposição parcial a entidade do Véu Negro

— Meu corpo parou de envelhecer corretamente depois disso.

Nora franziu levemente a testa.

— "Corretamente" parece uma palavra estranha nesse contexto.

Eleanor quase sorriu.

Quase.

— Porque eu continuo envelhecendo. Só não da maneira que vocês conseguem perceber.

O monitor atrás dela falhou novamente.

Desta vez a imagem mostrou Eleanor parada… mesmo ela estando em outro ponto da sala.

Um eco visual.

Uma pós-imagem impossível.

Então desapareceu.

— Caralho. — Ethan soltou baixo.

Adrian colocou a pasta sobre a mesa com força suficiente para interromper qualquer reação.

— Temos problemas maiores.

A sala voltou ao foco imediatamente.

Ele abriu a pasta.

Fotografias surgiram sobre a mesa.

Corpos.

Instalações destruídas.

Documentos queimados.

Símbolos da Black Sun.

— A missão da Terra do Fogo foi comprometida antes mesmo do deslocamento da equipe.

Lucas fechou lentamente a expressão.

— Já imaginava.

— Não. Você ainda não entendeu o tamanho do problema.

Adrian ativou outro projetor.

Uma linha cronológica apareceu na parede.

Movimentações da Black Sun.

Interceptações.

Chamadas.

Transferências.

Tudo apontava para um detalhe específico.

Eles não apenas sabiam da missão.

Eles sabiam exatamente qual artefato seria encontrado.

Antes da Orpheus.

Nora respirou fundo.

— Isso é impossível.

— Não — Eleanor respondeu.

— Infiltração.

O silêncio ficou imediatamente mais pesado.

Adrian apoiou ambas as mãos sobre a mesa.

— Existe alguém dentro da Orpheus alimentando a Black Sun há anos.

Lucas encarou os documentos.

Tentando organizar os pensamentos.

Tentando não deixar a raiva assumir controle.

— Quem?

Adrian respondeu seco.

— Ainda não sabemos.

Ethan soltou uma risada curta e amarga.

— Excelente. A organização paranormal secreta mais poderosa do planeta foi infiltrada por cultistas apocalípticos.

— Eles não são cultistas — Eleanor corrigiu. — São eugenistas.

Aquilo foi pior.

Muito pior.

Adrian então puxou outra fotografia.

A imagem de uma instalação subterrânea parcialmente destruída.

Lucas reconheceu imediatamente.

Mesmo sem nunca ter entrado no local.

O laboratório na caverna.

— Encontramos registros daquela instalação. Pertencia a uma organização chamada Kronos Initiative.

Nora cruzou os braços.

— Nunca ouvi falar.

— Porque oficialmente ela nunca existiu — Adrian respondeu.

— Pesquisa paranormal clandestina durante a Segunda Guerra Mundial.

Experimentos dimensionais.

Interação com entidades.

Extração de energia anômala.

Lucas observava a fotografia em silêncio.

O ar pareceu mais frio.

Eleanor caminhou lentamente até o projetor.

As luzes próximas a ela falharam outra vez.

Sua sombra demorou um segundo inteiro para acompanhar o movimento do corpo.

Errado.

Tudo nela parecia levemente errado quando alguém observava tempo suficiente.

— Kronos encontrou algo naquela instalação — ela disse. — Algo enterrado muito antes da humanidade existir.

Lucas já sabia a resposta antes mesmo dela continuar.

— O Fragmento.

Eleanor assentiu.

— Sim.

Então olhou diretamente para ele.

— Black Sun acredita que Sophia está morta e nós sabemos que ela é a única que pode nos levar até os outros fragmentos.

Silêncio.

Pesado.

Denso.

Até os monitores pareciam mais baixos agora.

Adrian então puxou uma última fotografia.

Uma imagem térmica granulada.

Várias figuras caminhando sobre neve.

Sophia.

Os agentes da Orpheus.

E atrás deles… outra equipe.

Observando à distância.

Black Sun.

Lucas sentiu o sangue ferver instantaneamente.

Eles estavam lá o tempo inteiro.

Esperando.
Assistindo.
Como predadores.
Adrian fechou lentamente a pasta.
— Bem-vindo de volta à guerra, Lucas.

Os Arquivos Profundos ficavam abaixo até mesmo do núcleo estratégico.

Nenhuma janela.

Nenhum sinal externo.

Somente corredores estreitos enterrados dentro da montanha como artérias levando para o coração morto da Orpheus.

As portas blindadas se abriam uma de cada vez.

Lentas.

Pesadas.

Cada nível exigia:

biometria,

senha,

símbolo ritualístico,

e confirmação verbal.

Redundância.

Sempre redundância.

Lucas caminhava à frente em silêncio enquanto Ethan e Nora acompanhavam atrás.

O som dos passos ecoava pelo concreto úmido.

No teto, cabos antigos serpenteavam ao lado de tubulações marcadas com tinta vermelha:

RISCO MEMÉTICO

NÃO OLHAR DIRETAMENTE PARA ARQUIVOS CLASSE NOX.

Ethan observou aquilo.

— Vocês realmente colocam aviso em tudo.

— Você trabalha aqui também — Nora respondeu.

— Ainda estou tentando aceitar isso.

No final do corredor existia apenas uma única porta preta.

Sem identificação.

Lucas parou diante dela.

Por um instante… hesitou.

Nora percebeu.

— Você nunca voltou aqui, não é?

Ele respondeu baixo:

— Não depois do Evento Zero.

A porta abriu lentamente.

O arquivo parecia uma mistura de mausoléu e centro de inteligência militar.

Luzes fracas.

Estantes metálicas infinitas.

Fitas magnéticas armazenadas em compartimentos refrigerados.

Gravações em VHS.

Fotografias queimadas.

Relatórios escritos à mão.

Tudo que era perigoso demais para existir digitalmente acabava ali.

No centro da sala havia um projetor antigo conectado a um terminal de computador verde-fósforo.

Lucas ligou o sistema.

A tela chiou violentamente antes de estabilizar.

CLASSIFICAÇÃO: EVENTO ZERO

STATUS: SELADO

ACESSO: DIRETORIA / LÁZARO

Ethan cruzou os braços.

— Nome amigável.

Lucas ignorou.

Os arquivos começaram a carregar lentamente.

Enquanto isso, Nora observava as paredes do arquivo.

Símbolos ritualísticos haviam sido gravados diretamente no concreto.

Camadas deles.

Como se algo ali precisasse permanecer dormindo.

Ou preso.

— O que exatamente são os Artefatos? — ela perguntou finalmente.

Lucas permaneceu alguns segundos em silêncio antes de responder.

Porque não existia resposta simples.

— Fragmentos.

— De quê?

Ele olhou para a tela verde piscando.

— Ainda não sabemos.

— A gente não sabe nada, quase sempre.

Ethan respondeu.

Lucas quase sorriu.

Quase.

— Bem-vindo ao Orpheus.

Ethan passou a mão pelo rosto.

— Isso não foi uma piada.

— Também não foi pra mim.

O terminal finalmente estabilizou.

Imagens começaram a surgir.

Símbolos antigos.

Relatórios.

Mapas.

Marcas de locais espalhados pelo planeta.

Argentina.

Brasil.

Rússia.

Inglaterra.

Antártica.

Nora franziu a testa.

— Então existem vários.

Lucas assentiu lentamente.

— São possíveis Artefatos conectados à Caixa.

O nome pareceu errado dentro da sala.

Mesmo ali.

Mesmo protegido.

As luzes oscilaram levemente.

Ethan percebeu imediatamente.

— Eu odeio quando vocês falam nomes assim.

Lucas continuou:

— Durante décadas… entidades capturadas pela Orpheus, médiuns, cultistas, sobreviventes… todos começaram a falar da mesma coisa.

A resposta incomodou Ethan imediatamente.

— Excelente. Então estamos entrando em missões suicidas atrás de objetos desconhecidos… por causa de rumores escutados de entidades paranormais e médiuns que talvez estejam malucos.

Lucas finalmente riu de lado.

Começava a gostar do estilo de Ethan.

Voltou para sua expressão profissional e então abriu outra pasta.

Desenhos antigos surgiram sobre a mesa.

Uma estrutura impossível.

Geométrica.

Errada.

— É uma Caixa. Ou uma Porta. Ou uma Prisão. Depende de quem descreve.

Nora observava os desenhos.

— E os Artefatos servem pra quê?

Lucas respondeu sem emoção:

— Pra manter ela fechada ou para abri-la.

Silêncio.

Pesado.

Então Ethan soltou uma pequena risada descrente.

— Certo. Claro. Porque isso definitivamente não parece nada ambíguo.

Lucas ignorou.

Mas a verdade era pior do que Ethan imaginava.

Muito pior.

Ele abriu outra gravação.

A imagem mostrou Eleanor anos mais jovem.

Ou talvez exatamente igual.

Difícil dizer.

Ao lado dela:

um Lucas muito diferente.

Mais limpo.

Mais vivo.

Menos cansado.

A gravação possuía falhas constantes.

Toda vez que Eleanor aparecia no quadro… a imagem distorcia.

Glitches.

Desfoque.

Som atrasado.

Como se as câmeras não conseguissem registrar ela corretamente.

Eleanor dizia:

— Lucas, explique novamente o sonho.

A versão antiga dele parecia perturbada.

Exausta.

— A caverna existe. Eu vi.

Chiado.

A gravação pulou.

— Não enviem equipes pra lá.

Outro corte.

— Tem alguma coisa esperando naquele lugar.

Nora lentamente olhou para Lucas.

— Você viu a Terra do Fogo anos antes da missão?

Lucas assentiu devagar.

Os olhos presos na gravação.

— Depois que morri… eu comecei a sonhar com lugares que ainda não tinham sido encontrados.

Silêncio absoluto.

Ethan parou de fazer piadas.

— Espera. — ele falou devagar. — Quando você diz "depois que morri"… significa o quê?

Lucas sustentou o olhar dele.

Sem humor.

Sem dramatização.

— Que eu morri.

Nenhum dos dois respondeu imediatamente.

Até o zumbido dos equipamentos pareceu mais alto naquele instante.

Nora foi a primeira a falar.

— Isso não constava no seu arquivo.

— A Orpheus alterou o relatório.

Lucas desviou os olhos para a gravação antiga ainda congelada na tela.

— Porque oficialmente eu nunca voltei direito.

Ethan soltou uma pequena risada nervosa.

— Isso definitivamente não é uma frase tranquilizadora.

Lucas ignorou.

Abriu outra pasta física sobre a mesa.

Fotografias surgiram.

Uma operação antiga.

Homens armados.

Neve.

Uma estrutura parcialmente enterrada no gelo.

As imagens estavam queimadas nas bordas.

Como se algo tivesse tentado apagar aquilo.

No canto inferior:

EVENTO ZERO.

Nora aproximou lentamente uma das fotos.

— Onde foi isso?

— Sibéria Oriental. Uma instalação subterrânea.

Lucas respirou fundo.

Como alguém prestes a abrir uma ferida antiga demais.

— Nós achávamos que era só outro laboratório abandonado.

As luzes do arquivo vibraram suavemente.

O projetor começou a funcionar sozinho.

Chiado.

A gravação iniciou.

Câmera tática.

Imagem tremida.

Respiração pesada.

Operadores avançando por corredores subterrâneos cobertos de gelo.

Vozes no rádio.

Estática.

Lucas mais jovem aparecia parcialmente no reflexo de uma porta metálica.

Ethan observava tudo em silêncio agora.

Sem piadas.

Sem comentários.

Na gravação, alguém perguntou:

— Johnson, você tá ouvindo isso?

O áudio falhou.

Então veio o som.

Baixo.

Profundo.

Como algo gigantesco respirando atrás das paredes.

A equipe continuou avançando.

Símbolos começaram a surgir no concreto.

Os mesmos da Terra do Fogo.

A mesma geometria impossível.

A gravação tremia cada vez mais.

Interferência.

Falhas.

E então—

o corredor terminou.

A câmera ergueu lentamente.

E revelou algo enorme enterrado na escuridão da instalação.

A imagem falhou antes que fosse possível entender.

Mas Ethan sentiu o corpo inteiro arrepiar mesmo assim.

— O que era aquilo?

Lucas respondeu baixo:

— Por que a surpresa? Você já viu isso também.

A gravação continuou.

Gritos.

Disparos.

Luzes vermelhas.

A câmera caiu parcialmente no chão.

Então alguém apareceu.

Uma figura alta demais.

Pálida demais.

Movendo-se errado.

Nora sentiu o estômago apertar imediatamente.

Observador.

A criatura atravessou o corredor num movimento impossível.

E a gravação congelou exatamente quando ela alcançou Lucas.

Chiado.

Linhas horizontais.

Então o vídeo retomou.

Por menos de dois segundos.

O pescoço de Lucas quebrando.

O som foi horrível.

Seco.

Úmido.

Instantâneo.

A gravação morreu logo depois.

Silêncio absoluto.

Ethan permaneceu imóvel olhando para a tela preta.

— Jesus Cristo…

Lucas continuava encarando o vazio.

Distante agora.

Preso em outro lugar.

— Eu lembro da dor por menos de um segundo.

Baixo.

Controlado.

— Depois… silêncio.

Ele fechou lentamente os olhos.

E quando voltou a falar… a voz parecia mais distante.

— Não tinha luz. Não tinha céu. Não tinha corpo.

As luzes do arquivo começaram a oscilar devagar.

Como se o próprio ambiente reagisse à lembrança.

— Só escuridão.

A respiração de Nora ficou mais lenta involuntariamente.

Lucas continuou:

— E então eu percebi que não estava sozinho.

O arquivo inteiro permaneceu imóvel.

Até Ethan parecia esquecer de respirar.

Lucas abriu os olhos.

— Tinha alguma coisa me olhando.

O silêncio ficou insuportável.

— Não um monstro. Não uma entidade. Algo pior.

Ele olhou diretamente para Ethan agora.

— Alguma coisa antiga o suficiente pra olhar pra morte… como nós olhamos pra chuva. Como algo trivial.

As luzes falharam violentamente por um segundo.

Os monitores desligaram.

Depois voltaram.

Lucas não pareceu notar.

Continuava preso naquela memória.

— E quando aquilo percebeu que eu podia vê-lo…

Ele parou.

A garganta apertando levemente.

— …ele sorriu.

Ethan soltou o ar lentamente.

— Eu realmente não gosto da direção que essa conversa tá tomando.

Ninguém riu.

Lucas fechou a pasta do Evento Zero devagar.

— Estou contando isso porque vamos voltar pra Argentina.

Os olhos dele passaram por Ethan.

Depois Nora.

— E vou precisar da ajuda de vocês pra trazer Sophia de volta.

Silêncio.

Ethan passou a mão pelo rosto cansado.

— Claro. Resgatar uma médium perdida entre dimensões depois de ouvir que nosso parceiro foi oficialmente morto e agora é perseguido por criaturas interdimensionais.

Ele respirou fundo.

— Isso parece extremamente saudável.

— Agora vocês sabem em que buraco estão entrando.

Ethan ficou alguns segundos em silêncio.

Então assentiu lentamente.

— Certo.

Nora olhou para ele.

— Isso foi um "sim"?

— Eu já tô aqui mesmo.

Lucas observou os dois por um instante.

E pela primeira vez desde o motel… pareceu menos sozinho.

CAPÍTULO 5
RETORNO À ARGENTINA

O jato cortava as nuvens escuras sobre o Atlântico Sul enquanto relâmpagos iluminavam o casco negro da aeronave.

Dentro da cabine:

silêncio.

O tipo de silêncio que só existia depois de conversas ruins.

Lucas permanecia sentado próximo da janela, desmontando lentamente a escopeta sobre a pequena mesa metálica diante dele.

Peça por peça.

Rotina.

Controle.

Ethan observava aquilo fazia quase dez minutos.

Até finalmente desistir de fingir que conseguiria ignorar.

— Certo. Eu preciso perguntar.

Lucas encaixou uma peça da arma sem olhar para ele.

— Perguntar o quê?

— Como você tá vivo.

Silêncio breve.

Nora permaneceu concentrada nos documentos espalhados sobre o notebook, mas Lucas percebeu que ela também queria ouvir a resposta.

O motor do avião vibrava baixo sob os pés deles.

Lucas suspirou lentamente.

— Eu não sou exatamente um agente comum.

Ethan cruzou os braços.

— Essa parte eu percebi quando vi você matar uma entidade interdimensional com uma escopeta escondida atrás de uma cômoda.

Lucas quase sorriu.

— Não é nada demais. Só aguento mais pancada que o resto de vocês.

Nora ergueu os olhos do notebook.

— Lucas...

O humor desapareceu imediatamente.

Ele olhou novamente pela janela.

Tempestade.

Escuridão.

Depois respondeu:

— A Orpheus fazia modificações em alguns agentes. Genéticas. Neurológicas. Psíquicas.

Ethan soltou um baixo:

— Claro que fazia... — Ethan soltou baixo.

— O índice de mortalidade era alto. Então eles selecionavam operadores específicos pra projetos experimentais.

Nora percebeu algo no tom dele.

— Você se voluntariou.

Lucas demorou alguns segundos para responder.

— Meu pai me voluntariou. O lendário pesquisador John Wright.

O silêncio voltou.

— Então... quando criança? — disse Nora boquiaberta.

— Eram outros tempos, isso já não acontece mais.

— Bom saber. — Ethan respondeu.

— Mas não foi por isso que voltei — respondeu Lucas. — Foi por conta do Protocolo Lázaro.

— Protocolo Lázaro?

Lucas ficou imóvel.

Apenas o som do motor preenchia a cabine agora.

— Recuperação pós-morte operacional.

Nora franziu a testa.

— Isso não é real. É apenas um rumor.

— É outra coisa que não acontece mais... o Departamento Orpheus descobriu bem rápido que algumas pessoas… não voltam completamente quando morrem perto de certas anomalias.

Ethan soltou uma risada curta.

— Isso continua sendo uma das explicações mais estranhas que eu já ouvi.

Lucas ignorou.

A voz ficou mais baixa agora.

Mais distante.

— O Evento Zero não foi só uma operação fracassada. Foi a primeira vez que a Orpheus tentou trazer alguém de volta depois de contato direto com…

Ele parou antes de completar.

Nora percebeu.

— Com o quê?

Lucas apertou lentamente a mandíbula.

— Ainda não sei.

Aquilo incomodou mais do que qualquer resposta.

Porque Lucas não parecia esconder informação.

Parecia genuinamente incapaz de compreender o que tinha visto.

O rádio interno da cabine estalou.

Chiado.

Então a voz de Maya surgiu nos alto-falantes.

— Que clima horrível. Vocês sempre ficam filosóficos assim perto do oceano?

Ethan relaxou parcialmente na cadeira.

— Ah, ótimo. Finalmente uma pessoa normal.

— Depende do relatório psicológico que você ler — Maya respondeu.

Lucas permaneceu em silêncio.

Maya percebeu imediatamente.

A voz dela ficou menos irônica.

— Continue sua história. Quem sabe eu possa te perdoar depois dela.

Ele respirou fundo.

— Depois que voltei… as coisas começaram.

A cabine parecia menor agora.

Mais fria.

— Sonhos com lugares que eu nunca visitei. Nomes que eu nunca ouvi. Símbolos. Estruturas enterradas.

Nora lentamente fechou o notebook.

Escutando com atenção total agora.

— E os Observadores?

Lucas olhou diretamente para ela.

— Eu aprendi que os mortos deixam rastros.

O motor do avião vibrou mais forte enquanto atravessavam turbulência.

— Algumas entidades conseguem sentir isso. Como cheiro de sangue na água.

Ethan apoiou os braços nos joelhos.

— Então eles te seguem porque você morreu.

— Porque eu voltei.

Silêncio.

Lucas desmontou novamente a escopeta.

Movimentos automáticos.

— O Protocolo Lázaro trouxe meu corpo de volta. Mas alguma coisa ficou em aberto quando eu morri.

Maya falou no rádio.

Baixo agora.

Quase cautelosa.

— E foi aí que começaram os sonhos sobre a Terra do Fogo.

Lucas assentiu levemente.

— Eu vi a caverna anos antes da missão. Tentei avisar Eleanor pra nunca mandar equipes pra lá.

Nora lembrou imediatamente da gravação nos arquivos.

"Tem alguma coisa esperando naquele lugar."

Então Ethan perguntou:

— E Sophia?

Silêncio.

Longo dessa vez.

Lucas observou a chuva deslizando pela janela.

— Sophia era diferente.

A frase saiu baixa demais.

— Ela conseguia ouvir coisas que nenhum outro médium conseguia.

Maya respondeu imediatamente pelo rádio:

— Incluindo os Artefatos.

Lucas assentiu.

— Só tem outro médium conhecido capaz do mesmo, Elias Dreyer. Antes da minha fuga, existiam informações que a Black Sun havia conseguido assegurar ele.

Nora franziu a testa.

— Se ela é tão importante assim... Por que deixariam Sophia viva?

— Porque eles acreditaram que ela morreria na caverna e nós não poderíamos mais chegar até os outros artefatos.

Lucas finalmente ergueu os olhos.

Frios novamente.

— E agora que a Black Sun acredita que ela está morta, talvez possamos usar isso como uma vantagem.

— Primeiro temos que saber se ela realmente está viva...

Lucas lançou um olhar fulminante para Ethan.

— Ok, ok... foi mal.

A cabine ficou silenciosa.

Só o som da tempestade lá fora.

Então Maya quebrou o clima:

— Falando em más decisões operacionais… eu encontrei alguém pra ajudar vocês quando pousarem.

Uma imagem apareceu na pequena tela da cabine.

Um homem de sobretudo marítimo diante de um porto envolto em neblina.

Teo Álvarez.

— Informante local. Contrabandista ocasional. Sobreviveu a duas manifestações marítimas Classe Abissal.

Ethan observou a foto.

— Isso não me tranquiliza nem um pouco.

Maya ignorou.

— Ele conhece uma entrada alternativa da caverna.

Lucas ficou imóvel por um segundo.

Então perguntou:

— Quanto ele quer?

Maya respondeu imediatamente:

— Segundo ele? "Só quer destruir aquela caverna de uma vez por todas."

Silêncio.

Então Ethan soltou uma pequena risada cansada.

— Ah, ótimo. Adoro quando até os guias parecem malucos.

— Não — respondeu Ethan. — Talvez não seja uma ideia ruim, isso diminuiria bastante os casos paranormais naquela região.

— Se o especialista está dizendo, quem sou eu para discordar.

Ethan riu abertamente.

Então o avião começou lentamente a descer através da tempestade.

E abaixo das nuvens… a costa congelada da Terra do Fogo apareceu outra vez.

A chuva havia parado.

O que piorava tudo.

Sem o som constante da água… o silêncio da costa parecia artificial.

A caminhonete preta da Orpheus avançava lentamente pela estrada costeira enquanto o oceano surgia e desaparecia entre bancos densos de neblina.

A Terra do Fogo parecia mais vazia daquela vez.

Mais morta.

Postes desligados.

Barcos abandonados.

Casas com janelas cobertas por tábuas.

Até os cães de rua tinham desaparecido.

Maya falava através do rádio preso ao painel do veículo.

— Mais três desaparecimentos registrados nas últimas vinte e quatro horas. Todos perto da costa.

Ethan dirigia enquanto observava a estrada escura.

— Pessoas desaparecem perto do oceano e ainda continuam morando aqui?

— Argentinos são resistentes — Maya respondeu.

Lucas permanecia no banco do passageiro observando o mar.

Distante.

Pensativo demais.

Nora percebeu.

— Você conhecia Sophia há quanto tempo?

Silêncio breve.

O rádio chiou baixo.

Lucas continuou olhando pela janela quando respondeu:

— Desde crianças.

Ethan ergueu uma sobrancelha.

— Crianças?

— The Vault pega alguns órfãos cedo. Principalmente os sensitivos.

A frase saiu seca.

Automática.

Como algo que ele odiava admitir.

— Sophia chegou pouco depois de mim. Ela veio de um orfanato cristão na Inglaterra.

A caminhonete passou lentamente diante de um porto parcialmente abandonado.

Guindastes enferrujados surgiam na neblina como esqueletos gigantes.

— Então vocês cresceram juntos — Nora comentou.

Lucas assentiu devagar.

— Ela foi minha primeira e única amiga.

O rádio imediatamente produziu um pequeno:

— Humm… humm…

Maya.

Ethan soltou uma risada.

Lucas fechou os olhos por um segundo.

Cansado.

— Primeira e única amiga. Por um tempo.

— Impressionante como você consegue piorar frases simples — Maya respondeu no rádio.

Nora observou Lucas discretamente.

A expressão dele mudava quando falava de Sophia.

Menos rígida.

Mais humana.

E aquilo dizia muito.

A caminhonete finalmente entrou no porto principal.

O lugar parecia apodrecido pelo oceano.

Containers enferrujados.

Redes rasgadas.

Barcos inclinados parcialmente afundados na água escura.

Luzes fracas balançavam ao vento.

E no final do cais…

um homem fumava sozinho sob um poste quebrado.

Teo Álvarez.

O sobretudo marítimo balançava lentamente enquanto ele observava a caminhonete se aproximar.

Ele não parecia assustado.

O que era um mau sinal.

Ethan estacionou.

Todos saíram do veículo.

O cheiro do oceano atingiu imediatamente.

Sal.

Diesel.

Peixe podre.

E algo mais.

Teo percebeu a reação de Lucas imediatamente.

— Ah. Então você já sentiu também.

A voz dele era rouca.

Cansada.

Como alguém que fumava desde os quinze anos e dormia pouco desde então.

Lucas se aproximou lentamente.

— Você conhece a entrada alternativa?

Teo puxou o cigarro devagar.

— Conheço.

Silêncio.

— E conhece o que vive lá embaixo.

Teo finalmente olhou diretamente para Lucas.

Os olhos dele estavam vermelhos de privação de sono.

Ou medo constante.

Difícil dizer.

— Tem alguma coisa errada.

A frase saiu baixa.

Quase reverente.

O vento soprou mais forte entre os barcos.

As correntes metálicas começaram a bater umas contra as outras.

Clang.

Clang.

Clang.

Teo continuou:

— Tem coisa subindo das profundezas faz semanas. Barcos ouvindo vozes. Gente entrando no oceano sozinha. Pescador arrancando os próprios olhos.

Nora trocou um olhar rápido com Ethan.

Mesma assinatura da caverna.

Lucas permaneceu imóvel.

— E a entrada?

Teo apontou para a neblina sobre o oceano.

Longe dali.

Quase invisível.

Uma pequena embarcação balançava presa ao cais.

Velha.

Mas reforçada.

— Pelo mar. Como os antigos faziam.

Ethan imediatamente respondeu:

— Odeio essa ideia.

— Eu também — Teo respondeu. — Mas é a única maneira de entrar sem atravessar chamar a atenção das criaturas.

O rádio chiou novamente.

Maya voltou.

— Lucas.

— Fala.

Silêncio breve do outro lado.

Depois:

— Estou captando ecos psíquicos perto da costa. Fracos. Mas constantes.

Lucas ficou imóvel.

— Sophia?

— Não sei. Mas alguma coisa ainda está tentando atravessar as frequências.

O oceano bateu violentamente contra o cais naquele instante.

Todos olharam automaticamente.

A água parecia se mover errada sob a neblina.

Como algo gigantesco respirando abaixo da superfície.

Teo percebeu também.
E apagou o cigarro imediatamente.
— Precisamos sair daqui agora.
A voz dele havia mudado.

O barco de Teo avançava lentamente pela neblina.

O motor velho vibrava baixo sob os pés deles enquanto o oceano negro desaparecia em todas as direções.

Não havia horizonte.

Não havia céu.

Apenas água… e fumaça branca.

Lucas permanecia sentado próximo da proa observando o mar com atenção constante.

A escopeta descansava atravessada sobre o colo.

Nora estava atrás dele tentando estabilizar um pequeno equipamento portátil de leitura psíquica conectado ao rádio da embarcação.

A tela piscava números sem sentido.

Interferência total.

Ethan segurava uma lanterna presa ao ombro enquanto observava a neblina ao redor.

— Odeio oceano.

Teo respondeu imediatamente do leme:

— O oceano não gosta muito da gente também.

O barco balançou levemente.

A água parecia mais pesada ali.

Densa.

Como petróleo escuro.

O rádio chiou.

Maya surgiu novamente.

Distorcida pela distância.

— Vocês acabaram de entrar numa zona morta.

Lucas não desviou os olhos do mar.

— Define.

— Sem satélite. Sem sinal marítimo. Sem leitura magnética estável. Sem padrão climático.

Silêncio breve.

— E os ruídos estão aumentando.

Nora franziu a testa olhando para os gráficos tremendo na tela.

— Que ruídos?

O rádio respondeu com estática.

Então Maya transmitiu o áudio diretamente para eles.

Vozes.

Centenas.

Sussurrando juntas sob camadas de interferência oceânica.

Ethan imediatamente sentiu o estômago apertar.

— Ah, eu definitivamente odeio isso.

Teo apenas manteve os olhos no oceano.

Como alguém tentando não olhar diretamente para alguma coisa.

— Eles escutam a gente daqui.

Lucas ergueu lentamente os olhos.

— "Eles"?

Teo demorou alguns segundos para responder.

O vento soprou forte pela embarcação.

A neblina ficou mais densa.

— Os homens sapo... as coisas que vivem abaixo.

Nora percebeu Lucas ficando mais tenso imediatamente.

— Você já viu elas?

Teo soltou uma pequena risada sem humor.

— Vi coisa suficiente pra parar de pensar sobre.

O barco avançou mais fundo na névoa.

Então as bússolas enlouqueceram.

Todas ao mesmo tempo.

Os ponteiros começaram a girar violentamente.

O motor falhou por um segundo.

As luzes oscilaram.

E o oceano ficou completamente silencioso.

Lucas sentiu imediatamente, como em seus sonhos.

A mesma pressão da caverna.

A mesma sensação impossível de profundidade.

Como se alguma coisa colossal tivesse acabado de despertar muito abaixo deles.

Teo reduziu a velocidade imediatamente.

— Não façam barulho.

Ethan olhou em volta.

— Você fala isso como se estivéssemos numa floresta.

Teo respondeu sem tirar os olhos da água:

— Aqui é pior.

O casco do barco estalou.

Baixo.

Como algo raspando lentamente na parte inferior da embarcação.

Nora congelou.

— Isso foi o quê?

Ninguém respondeu.

Outro estalo.

Mais forte.

Lucas lentamente segurou a arma.

O oceano ao redor parecia se mover errado agora.

Ondulações enormes surgiam abaixo da superfície escura sem gerar ondas normais.

Como o corpo de algo gigantesco atravessando profundezas absurdas.

Então Lucas ouviu a voz.

Baixa.

Distante.

Sophia.

"…Lucas…"

Ele congelou imediatamente.

Os olhos perderam foco por um segundo.

A neblina desapareceu.

O oceano desapareceu.

E de repente ele estava em outro lugar.

Água até os joelhos.

Escuridão infinita.

Estruturas ciclópicas emergindo no horizonte como ruínas afogadas de uma civilização impossível.

Sophia caminhava distante entre colunas negras.

Descalça.

Coberta de sangue.

Os olhos completamente negros.

Ela virou lentamente o rosto para ele.

E então algo enorme começou a surgir atrás dela na escuridão oceânica.

Um olho.

Apenas um.

Gigantesco.

Abrindo abaixo da água.

— LUCAS!

Ele voltou violentamente.

O barco balançava.

Ethan segurava seu ombro.

— Você apagou por um segundo.

Lucas respirava rápido.

A mão apertada contra a própria cabeça.

Nora observava os equipamentos.

Os gráficos haviam explodido em atividade psíquica.

— Você viu alguma coisa.

Lucas permaneceu em silêncio alguns segundos.

Depois respondeu:

— Ela ainda está viva.

O rádio chiou novamente.

Maya parecia nervosa agora.

— Lucas… tem alguma coisa enorme se movendo abaixo de vocês.

Teo já sabia.

Dava pra perceber pelo rosto dele.

O homem observava a água como alguém esperando o oceano abrir.

Então a neblina começou lentamente a se afastar.

E diante deles… as falésias da caverna surgiram novamente.

Negras.

Colossais.

Esperando.

Mas agora existia outra coisa.

Luzes.

Fracas.

Piscando dentro da abertura rochosa.

Alguém ainda estava lá embaixo.

CAPÍTULO 6

A CAVERNA SUBMERSA

A maré batia contra as pedras negras da falésia enquanto o grupo descia pela entrada lateral indicada por Teo.

A abertura era estreita.

Quase invisível sob a neblina e o musgo congelado.

Água escura escorria constantemente pela rocha formando pequenos rios que desapareciam na escuridão abaixo.

Lucas foi o primeiro a entrar.

Lanterna presa ao peito.

Escopeta nas costas.

Fuzil em mãos.

O ar dentro da passagem era imediatamente diferente.

Quente.

Úmido.

Como respirar dentro de algo vivo.

Teo veio logo atrás carregando uma velha espingarda envolta em ferrugem e símbolos religiosos improvisados.

— O túnel leva pros setores inferiores da instalação — ele sussurrou. — Mas a maré sobe rápido.

Ethan iluminou o corredor estreito.

A água já cobria parcialmente o chão.

— Excelente.

Nora ignorou o comentário enquanto ajustava o equipamento psíquico preso ao braço.

A pequena tela verde tremia constantemente.

Picos irregulares.

Interferência total.

Mas no meio do caos…

uma assinatura permanecia.

Sophia.

Fraca.

Distante.

Mas viva.

— O sinal continua abaixo da gente — Nora murmurou.

Lucas apenas assentiu.

Ele sentia também.

Mais forte agora.

Como uma presença familiar perdida dentro de um sonho ruim.

O túnel começou a descer mais profundamente.

A luz do exterior desapareceu completamente atrás deles.

Agora existia apenas:

o som da água;

as lanternas;

e a respiração dos quatro.

As paredes mudaram gradualmente conforme avançavam.

Rocha natural deu lugar a concreto antigo.

Tubulações parcialmente submersas cruzavam os corredores.

Símbolos da Kronos Initiative ainda permaneciam visíveis sob ferrugem e limo marinho.

E então encontraram o primeiro corpo.

Preso entre grades metálicas parcialmente destruídas.

Traje antigo de mergulho.

O capacete havia sido arrancado.

O rosto… não existia mais.

A carne parecia parcialmente dissolvida.

Como se o oceano tivesse começado a consumir o homem ainda vivo.

Ethan desviou imediatamente a lanterna.

— Jesus…

Teo permaneceu olhando.

Silencioso demais.

Lucas percebeu.

— Você já viu isso antes.

Teo demorou alguns segundos para responder.

— Vi um pescador voltar assim uma vez.

Silêncio.

— Ele continuou respirando por três dias.

Ninguém comentou depois disso.

O corredor terminou numa ampla área inundada.

Água negra até a cintura.

Passarelas metálicas parcialmente destruídas desapareciam na escuridão.

Acima deles:

gigantescas estruturas da Kronos Initiative estavam fundidas diretamente à pedra da caverna.

Laboratórios.

Tubulações.

Cabos grossos descendo para profundezas invisíveis.

Tudo parcialmente tomado pelo oceano.

As lanternas atravessavam a neblina úmida sem conseguir alcançar o final do espaço subterrâneo.

Nora verificou novamente o equipamento.

Os números dispararam imediatamente.

— Ela está perto.

O rádio preso ao ombro de Lucas chiou.

"…abaixo…"

A voz de Sophia.

Fraca.

Distante.

Mas real.

Lucas imediatamente ergueu a cabeça.

— Sophia?

Só estática respondeu.

Então alguma coisa se moveu na água.

Rápido.

Todos ouviram.

Teo apontou a lanterna imediatamente.

Ondulações circulares se espalhavam pela superfície negra.

Silêncio.

Ethan lentamente puxou a arma.

— Me diz que isso foi um peixe.

Lucas já sabia que não era.

Porque o cheiro havia mudado.

Doce.

Podre.

Então mãos surgiram da água.

Muitas.

Pálidas.

Humanas demais.

Os Afogados emergiram sem fazer som.

Corpos magros cobertos por sal cristalizado e pele parcialmente aberta pela pressão oceânica. Alguns ainda usavam restos de uniformes marítimos presos aos corpos deformados.

Os olhos eram vazios.

Mas as bocas… as bocas se moviam constantemente.

Sussurrando.

Todos ao mesmo tempo.

Lucas disparou primeiro.

O estampido do fuzil ecoou violentamente pela caverna.

A cabeça da criatura explodiu contra a água negra.

E imediatamente as outras avançaram.

Rápidas.

Erráticas.

Uma delas saltou diretamente sobre Ethan.

Ele caiu na água com violência enquanto a criatura tentava abrir a mandíbula impossivelmente larga sobre seu rosto.

Nora disparou duas vezes.

Teo acertou outra criatura no peito com a espingarda.

O impacto lançou sal, sangue negro e carne podre pela parede metálica.

Lucas puxou Ethan de volta enquanto outro Afogado surgia da água atrás deles.

Mais.

Mais sombras se movendo abaixo da superfície.

O corredor inteiro começou a encher de murmúrios.

Centenas deles.

Como vozes vindo do fundo do oceano.

Nora olhou rapidamente para o equipamento psíquico.

Os sinais de Sophia disparavam violentamente agora.

Muito próximos.

E então todas as criaturas pararam.

Imóveis.

Como animais ouvindo algo maior.

O rádio de Lucas chiou novamente.

Dessa vez mais claro.

"…Lucas…"

Silêncio absoluto.

Os Afogados lentamente começaram a recuar para a água escura.

Um por um.

Desaparecendo nas profundezas.

Como se alguma coisa tivesse ordenado aquilo.

O grupo permaneceu imóvel.

Respirando pesado.

A água ao redor deles ainda vibrava lentamente.

E bem abaixo da superfície negra… algo enorme se moveu.

A água voltou ao silêncio.

Mas agora o silêncio parecia consciente.

Lucas manteve o fuzil apontado para a superfície negra enquanto os últimos círculos desapareciam lentamente ao redor deles.

Teo respirava pesado.

— Isso não devia acontecer.

Ethan limpou água escura do rosto.

— Qual parte exatamente?

Teo apontou para a água.

— Eles recuarem.

Nora observava o equipamento psíquico tremendo violentamente.

O sinal de Sophia parecia atravessar os aparelhos agora.

Não era apenas uma leitura.

Parecia… uma presença tentando empurrar a própria consciência através da interferência.

Lucas percebeu primeiro.

— Ela protegeu a gente.

Ninguém respondeu imediatamente.

Porque todos haviam pensado a mesma coisa.

O corredor seguinte descia ainda mais fundo na instalação.

As paredes agora eram completamente artificiais.

Concreto reforçado.

Tubulações soviéticas.

Cabos grossos cobertos por fungos marítimos.

Mas existia outra coisa misturada à arquitetura industrial.

Símbolos.

Milhares deles.

Gravados diretamente nas estruturas metálicas.

Alguns pareciam religiosos.

Outros matemáticos.

Outros… estranhos demais para serem compreendidos.

Nora evitava olhar diretamente por muito tempo.

Ela já tinha aprendido isso.

Mais à frente, uma porta blindada permanecia parcialmente aberta.

Kronos Initiative — Sector Theta.

Lucas empurrou lentamente a estrutura enferrujada.

O laboratório surgiu diante deles.

Ethan imediatamente desejou que não tivesse surgido.

Tanques cilíndricos ocupavam quase toda a sala.

Alguns quebrados.

Outros ainda funcionando.

Líquido escuro iluminado por luzes fracas azuladas pulsava lentamente dentro deles.

Corpos flutuavam ali.

Humanos.

Ou o que restava deles.

Alguns estavam inchados pela água. Outros tinham partes metálicas implantadas diretamente nos ossos.

Alguns… ainda respiravam.

Nora sentiu o estômago revirar.

— Meu Deus…

Uma mulher dentro de um dos tanques abriu lentamente os olhos quando as lanternas passaram por ela.

Os pulmões dela ainda se moviam.

Mesmo parcialmente fundidos a estruturas orgânicas que cresciam pelas paredes do cilindro.

Ethan recuou imediatamente.

— Não. Não. Isso aqui é impossível.

Lucas caminhava lentamente pelo laboratório.

O fuzil acompanhando cada sombra.

Cada reflexo.

Monitores antigos ainda permaneciam ligados em alguns pontos da sala. Fitas magnéticas giravam lentamente em máquinas alemães parcialmente inundadas.

Teo apontou para uma das paredes.

— Tem escrita.

Nora se aproximou.

Os documentos estavam presos sob vidro rachado.

Relatórios da Kronos Initiative.

Ela começou a ler em voz baixa.

— "O Fragmento demonstra resposta ativa à atividade neural humana…", "…contato prolongado resulta em dissolução identitária parcial…", "…sujeitos continuam conscientes após transição…"

Silêncio.

Ethan olhou para ela.

— "Transição" pra onde?

Nora continuou lendo.

A voz ficando mais baixa a cada linha.

— "…o oceano abaixo da instalação não é geologicamente natural…"

Lucas parou imediatamente.

— O quê?

Ela ergueu lentamente os olhos do relatório.

Assustada agora.

— "A profundidade continua aumentando."

O laboratório inteiro pareceu mais frio.

Teo soltou um baixo:

— Eu odeio esse lugar.

Nora continuou:

— "A estrutura encontrada abaixo da caverna aparenta preceder atividade tectônica da região…", "…e parece continuar crescendo."

As luzes do laboratório oscilaram violentamente.

Um dos tanques rachou.

Todos ergueram as armas imediatamente.

A criatura dentro dele começou a se mover.

Devagar.

Os olhos abriram.

Brancos.

Completamente brancos.

Tubos ainda presos à carne.

A mandíbula deslocou lentamente.

Então ela falou.

— …Sophia…

A voz saiu líquida.

Afogada.

Lucas se aproximou imediatamente.

— Onde ela está?

A criatura tentou erguer a mão contra o vidro.

Os dedos estavam parcialmente fundidos.

— …abaixo…

O tanque explodiu.

O líquido negro inundou o chão da sala.

A criatura caiu violentamente diante deles se debatendo como peixe fora d'água.

Então começou a mudar.

O corpo estalou.

Ossos se movendo sob a carne.

A pele começou a abrir nas costas.

Teo atirou primeiro.

A espingarda explodiu metade do tórax da coisa.

Mas ela continuou se arrastando.

Murmurando.

"…abaixo…"

Lucas ergueu o fuzil.

Rajada curta.

A cabeça da criatura desapareceu numa explosão negra contra o chão metálico.

Silêncio.

Somente o líquido escorrendo pelos ralos.

E então o rádio chiou novamente.

Mais forte.

Mais perto.

A voz de Sophia atravessou a interferência claramente daquela vez.

— Lucas… não olhe pra água… me encontre...

Todos congelaram.

Porque alguma coisa começou a subir lentamente abaixo da superfície inundada do laboratório.

Grande.

Grande demais.

As lanternas não conseguiam mostrar forma alguma.

Só movimento.

Como uma massa colossal atravessando profundezas impossíveis diretamente sob a instalação.

E então… todas as luzes do laboratório apagaram.

A escuridão tomou o laboratório inteiro.

Instantaneamente.

As lanternas falharam junto com as luzes.

O oceano abaixo deles rugiu.

Não como água.

Como alguma coisa viva despertando.

— MOVIMENTO! — Lucas gritou.

O primeiro Afogado surgiu da escuridão no mesmo instante.

A criatura saltou sobre uma bancada metálica diretamente contra Ethan. O impacto lançou os dois contra os cilindros de contenção enquanto vidro explodia pela sala.

Ethan disparou à queima-roupa.

— Por que esses putos insistem em vir pra cima de mim!? – gritou.

O clarão iluminou o laboratório por um segundo.

E revelou dezenas deles emergindo da água.

Muito mais do que antes.

As criaturas avançavam pelas paredes, teto e corredores inundados como insetos famintos. As bocas se abriam e fechavam continuamente enquanto sussurros preenchiam o ambiente.

"…abaixo…"

"…abaixo…"

"…abaixo…"

Lucas abriu fogo imediatamente.

O fuzil rugiu dentro da escuridão.

Rajadas curtas.

Precisas.

Cabeças explodiam.

Sal.

Sangue negro.

Carne podre.

Mas mais continuavam vindo.

Nora puxou Ethan violentamente do chão enquanto Teo disparava contra o corredor inundado.

— PRA ONDE?!

O equipamento psíquico no braço de Nora enlouquecia agora.

O sinal de Sophia estava absurdamente forte.

Muito perto.

Lucas viu uma porta metálica semiaberta no fundo do laboratório.

Símbolos cobriam toda a estrutura.

Os mesmos símbolos dos sonhos.

— ALI!

O grupo correu.

Os Afogados vinham atrás deles aos montes.

Mãos agarrando.

Corpos emergindo da água.

Mandíbulas abrindo largas demais.

Uma criatura alcançou Teo pelas costas.

Lucas virou imediatamente.

Rajada curta.

A cabeça da coisa desapareceu numa explosão negra que pintou a parede.

— CONTINUA!

Eles atravessaram a porta metálica.

E então chegaram a algo que parecia uma catedral.

O lugar não parecia construído por humanos.

As paredes desapareciam na escuridão infinita acima deles. Colunas ciclópicas emergiam da água negra cobertas por símbolos pulsantes que pareciam respirar sob a pedra.

No centro do espaço…

Sophia.

Suspensa acima da água.

O corpo pairava alguns centímetros no ar enquanto correntes ritualísticas atravessavam o chão ao redor dela.

Os olhos estavam completamente negros.

Cabelos flutuando lentamente como se ainda estivesse submersa.

E ao redor dela… o oceano se movia errático.

Lucas parou imediatamente.

Todo o resto desapareceu por um segundo.

Só Sophia existia.

Viva.

Ou perto disso.

— Sophia…

Os olhos negros dela lentamente se moveram até ele.

E então o chão inteiro tremeu.

O oceano explodiu.

Uma criatura abissal emergiu das profundezas.

Colossal.

Não havia forma correta pra descrever aquilo.

Parte organismo.

Parte abismo.

Parte oceano vivo.

Tentáculos gigantescos atravessados por estruturas ósseas surgiram primeiro esmagando colunas antigas enquanto água negra inundava a catedral.

Depois vieram os olhos.

Muitos.

Abrindo simultaneamente na escuridão.

Ethan ficou completamente imóvel.

— Ah… não…

Teo começou a rezar em espanhol sem perceber.

Os Afogados imediatamente recuaram para as bordas da catedral.

Como animais diante de algo superior.

Lucas abriu fogo primeiro.

O fuzil rugiu.

As balas desapareceram contra a carne colossal sem causar efeito algum.

Nora disparou junto.

Ethan também.

Inútil.

A criatura continuava subindo.

Gigantesca demais.

Antiga demais.

A própria presença dela fazia os símbolos nas paredes sangrarem uma substância negra.

Sophia permanecia suspensa no centro daquilo tudo.

Os olhos fixos em Lucas.

Distante.

Presa entre dois mundos.

O monstro avançou.

A água subiu violentamente ao redor deles.

Lucas percebeu imediatamente.

Eles não tinham chance.

Nenhuma.

Então ele gritou:

— SOPHIA!

A criatura rugiu.

O som atravessou a caverna inteira como terremoto submarino.

Lucas avançou pela água mesmo assim.

— SOPHIA, OLHA PRA MIM!

Os olhos dela se moveram lentamente.

Pequeno movimento.

Mas suficiente.

Lucas continuou:

— VOCÊ PRECISA ACORDAR!

A criatura ergueu um dos membros gigantescos acima deles.

Ethan puxou Nora para trás.

Teo tropeçou na água.

O impacto viria.

Lucas viu isso.

Mesmo assim continuou olhando apenas para Sophia.

— VOLTA PRA MIM!

Silêncio.

Por um instante absurdamente pequeno… os olhos negros dela pareceram hesitar.

Então Sophia respirou.

A catedral inteira tremeu.

As luzes mortas da Kronos Initiative explodiram simultaneamente.

Os rádios enlouqueceram.

E Sophia gritou.

Não um grito humano.

Algo psíquico.

Antigo.

O som atravessou diretamente a mente deles.

Lucas caiu de joelhos imediatamente.

Ethan levou as mãos aos ouvidos.

Nora começou a sangrar pelo nariz.

A criatura congelou.

Todos os olhos dela se abriram ao mesmo tempo.

Então… lentamente… o monstro começou a afundar novamente.

Como algo sendo forçado ao sono.

A água recuou.

Os tentáculos desapareceram nas profundezas negras.

O rugido virou silêncio.

E Sophia despencou.

Lucas a segurou antes que atingisse a água.

O corpo dela tremia violentamente.

Frio.

Leve demais.

Os olhos começaram lentamente a voltar ao normal.

Claros.

Humanos.

Ela encarou Lucas por alguns segundos.

Como alguém tentando lembrar o próprio nome.

Então tocou o rosto dele com a ponta dos dedos.

Pequeno gesto.

Quase infantil.

— Você também viu o outro lado…

A voz saiu fraca.

Distante.

Lucas não respondeu.

Não conseguiu.

Sophia então perdeu completamente a força.

Desmaiando nos braços dele.

O som dos Afogados voltou imediatamente nas profundezas da catedral.

Mais próximos.

Mais numerosos.

Teo recarregou a espingarda.

— ACHO QUE ELA ACABOU DE ACORDAR TUDO AQUI!

Lucas ergueu Sophia nos braços.

O fuzil preso novamente ao peito.

Os murmúrios começaram a crescer pela escuridão.

Centenas deles.

Talvez milhares.

Ethan já apontava a arma para o corredor inundado.

— Então VAMOS EMBORA DESSE INFERNO!

— Droga, mas por onde? — Nora perguntou.

Lucas escaneou o local, buscou qualquer sinal de uma saída.

Ao fundo percebeu algo que parecia uma escada negra entalhada na rocha.

E mais acima um pequeno feixe de luz.

— Por ali! — disse apontando.

A catedral começou a tremer violentamente.

Colunas rachando.

Água subindo.

Símbolos queimando nas paredes.

O oceano inteiro parecia despertar abaixo deles.

E então o grupo correu em direção das escadas enquanto alguma coisa colossal começava a respirar novamente nas profundezas.

CAPÍTULO 7

OS MARCADOS

The Vault parecia mais silenciosa depois da Terra do Fogo.

Ou talvez apenas mais cansada.

Os corredores subterrâneos continuavam vivos com o mesmo zumbido constante de máquinas antigas, rádios analógicos e sistemas de contenção vibrando sob a montanha… mas agora existia tensão no ar.

Uma tensão diferente.

Como se toda a instalação tivesse percebido alguma coisa se movendo além da realidade.

Lucas caminhava pelo corredor médico enquanto observava agentes de contenção transportando caixas seladas marcadas com símbolos ritualísticos.

RISCO PSÍQUICO

NÃO EXPOR À LUZ SOLAR

CONTATO AUDITIVO PROIBIDO

O cheiro de antisséptico misturado com incenso queimado preenchia o ambiente.

Teo vinha alguns passos atrás.

Ainda parecia deslocado dentro da Orpheus.

O sobretudo marítimo destoava completamente dos corredores militares subterrâneos da organização.

Mesmo assim…ele não parecia intimidado.

Só desconfortável.

— Eu agradeço por terem me aceitado na operação, mas...

— Isso aqui parece uma igreja construída por gente que perdeu a guerra contra Deus e não quer admitir — continuou.

Lucas sorriu.

— Você acostuma.

— Espero que não.

Eles passaram por uma enfermaria parcialmente isolada por vidro blindado.

Sophia dormia lá dentro.

Ou algo parecido com sono.

O corpo permanecia imóvel sobre a cama médica enquanto dezenas de cabos monitoravam atividade cerebral, frequência cardíaca e oscilações psíquicas.

Símbolos haviam sido desenhados diretamente ao redor do quarto.

Camadas deles.

Proteção.

Contenção.

Talvez ambos.

O detalhe mais perturbador era o vidro.

Reflexos não funcionavam corretamente perto dela.

A imagem parecia atrasada.

Levemente distorcida.

Como Eleanor.

Teo percebeu imediatamente.

— Isso é normal?

Lucas ficou olhando Sophia alguns segundos antes de responder.

— Não.

Sophia murmurou algo dormindo.

Baixo.

Impossível de entender.

Os monitores dispararam pequenas ondas de interferência.

Então voltaram ao normal.

Lucas continuou andando.

Mais à frente, Ethan e Nora aguardavam próximos à sala de avaliação psicológica.

Lucas abriu a porta da sala.

Ethan segurava um café horrível de máquina.

Nora analisava relatórios num tablet analógico híbrido da Orpheus.

— Homem morto andando, homem morto andando... — Ethan comentou.

Lucas não respondeu a piada.

O ambiente interno parecia uma mistura desconfortável entre consultório psiquiátrico e sala de interrogatório militar.

Luzes frias.

Câmeras analógicas.

Símbolos desenhados atrás do espelho falso.

Uma mulher idosa aguardava sentada diante de uma mesa metálica.

Dra. Ingrid Keller.

Psiquiatria Cognitiva Anômala.

Ela sequer levantou os olhos quando falou:

— Lucas. Sente.

Ele obedeceu sem discutir.

O que já dizia muito.

Ethan observava da porta.

— Isso vai demorar?

Ingrid respondeu seca:

— Depende de quantas entidades vão me ajudar hoje.

— Certo. Vou fingir que isso foi uma piada.

Não foi.

Nora percebeu imediatamente.

Lucas sentou lentamente diante da mesa.

Ingrid abriu um enorme arquivo físico.

Papéis.

Fotos.

Relatórios médicos.

No topo:

PROTOCOLO LÁZARO.

— Você voltou a sonhar?

Lucas permaneceu em silêncio.

— Lucas.

— Sim.

Ela anotou algo.

— Frequência?

— Toda noite.

— Os Observadores continuam aparecendo?

Lucas demorou alguns segundos para responder.

— Mais perto agora, mas não atacaram mais.

Silêncio breve.

Ingrid finalmente ergueu os olhos.

Velhos.

Cansados.

Mas extremamente atentos.

— Você entende o que isso significa?

Lucas assentiu devagar.

— Eles sabem que a Caixa está próxima de ser aberta.

A frase pareceu errada dentro da sala.

Até as luzes oscilaram levemente.

Agora do lado de fora, Ethan olhou para Nora.

— Eu tenho a sensação constante de que devia ter escolhido um emprego mais simples. Tipo alguma guerra no Oriente Médio.

Nora sorriu.

Algo que dificilmente acontecia por conta das piadas sem graça de Ethan.

Então Maya surgiu no rádio preso ao ombro dela.

— Isso provavelmente teria sido mais seguro.

A voz dela estava cansada também.

Mas funcional.

Operacional.

— Eleanor quer todos na sala estratégica em vinte minutos.

Lucas então saiu lentamente da sala de avaliação.

A expressão mais cansada do que antes.

Teo percebeu.

— Notícias boas?

— Eles ainda acham que sou parcialmente humano.

— Parcialmente?

— Melhor não perguntar.

Ethan terminou o café horrível.

— Então é agora? Nossa equipe suicida internacional vai começar?

Maya respondeu imediatamente no rádio:

— Tecnicamente vocês não são a equipe principal.

Silêncio.

Ethan franziu a testa.

— "Tecnicamente" é uma palavra preocupante.

A voz de Maya ficou mais séria.

— Porque a Orpheus está montando algo maior.

O corredor ao redor deles pareceu ficar mais frio naquele instante.

Mais pesado.

Lucas já sabia.

Conseguia sentir.

A organização inteira estava se preparando para guerra.

A sala estratégica principal de The Vault parecia mais cheia do que o normal.

Operadores caminhavam entre mapas holográficos e monitores analógicos exibindo surtos paranormais ao redor do planeta. Rádios antigos transmitiam interferências contínuas enquanto agentes armados observavam projeções da Terra cobertas por pequenas marcações vermelhas.

Anomalias.

Desaparecimentos.

Rupturas.

O mundo inteiro começava lentamente a adoecer.

Lucas entrou primeiro.

Teo logo atrás.

Ethan e Nora vieram em seguida ainda carregando a exaustão da Argentina nos rostos.

Maya apareceu imediatamente em uma das telas suspensas acima da mesa central.

Ela estava em outra sala da base, cercada por computadores antigos, arquivos físicos e dezenas de transmissões simultâneas.

— Bom. Ninguém morreu no corredor. Já é um progresso.

Ethan puxou uma cadeira.

— Ainda temos tempo de mudar isso.

A porta lateral da sala abriu logo depois.

O primeiro homem entrou sem fazer barulho.

Dmitri Volkov.

Alto.

Pesado.

Postura militar absoluta.

O sobretudo escuro escondia parcialmente as cicatrizes no pescoço e nas mãos. Os olhos frios percorreram a sala inteira antes de parar em Lucas.

Avaliação instantânea.

Ameaças.

Rotas.

Fraquezas.

Ele não parecia exatamente humano quando ficava imóvel.

Parecia uma arma esperando autorização.

Ethan observou aquilo discretamente.

— Será que esse cara já sorriu alguma vez?

Dmitri respondeu sem emoção:

— Não desde 2009.

Silêncio breve.

Ethan olhou para Nora.

— Eu não faço ideia se isso foi humor russo ou ameaça.

A segunda figura entrou logo depois.

Mako.

Muito mais jovem.

Movimentos rápidos demais.

Olhar inquieto.

Diferente de Dmitri, ele parecia confortável dentro do caos da Orpheus. O casaco tático estava parcialmente aberto revelando equipamentos improvisados presos ao corpo.

E carregada um grande headphone envolta do pescoço.

Quase como um amuleto.

Ele observou Lucas imediatamente.

— Então é você.

Lucas não respondeu.

Mako sorriu de leve.

— Achei que fosse maior.

— Achei que você fosse mais velho — Lucas respondeu.

— Trauma acelera amadurecimento.

Ethan murmurou baixo:

— Esse grupo parece ser extremamente bagunçado psicologicamente.

Então a última pessoa entrou.

E a sala ficou silenciosa.

Doutora Aruem Lee.

Ela caminhava devagar.

Quase sem produzir som.

Os olhos observavam tudo com uma calma desconfortável. Não parecia intimidada pela Orpheus.

Parecia… acostumada com coisas piores.

Teo percebeu imediatamente.

— Essa aí definitivamente vê fantasmas.

Aruem olhou para ele.

— Às vezes eles falam demais.

Teo decidiu não continuar a conversa.

Aruem então parou diante da mesa estratégica.

Os olhos passaram rapidamente por Lucas.

Depois Sophia através do monitor transmitindo a imagem da enfermaria.

E pela primeira vez… a expressão dela mudou.

Pequena coisa.

Mas suficiente.

Preocupação.

Maya percebeu imediatamente pela câmera.

— Você sentiu também.

Aruem respondeu baixo:

— Parece que ela não voltou sozinha.

Silêncio.

O ar da sala pareceu mais pesado naquele instante.

Lucas imediatamente olhou para Sophia através do monitor.

Os equipamentos ao redor dela tremeluziam novamente.

Interferência.

Os desenhos presos às paredes do quarto começaram lentamente a se mover com o vento inexistente.

Então Eleanor entrou.

Todos ficaram em silêncio imediatamente.

Ela caminhou até a mesa central enquanto as telas atrás dela exibiam mapas da Antártica, Brasil, Inglaterra e Rússia simultaneamente.

O glitch ao redor da imagem dela aparecia mais forte naquela noite.

As câmeras atrasavam pequenos fragmentos do movimento.

As luzes piscavam perto dela.

Como se a realidade estivesse lentamente perdendo definição ao redor de Eleanor Vale.

— A situação mudou — ela disse calmamente.

Maya projetou novas imagens sobre a mesa.

Templos subterrâneos.

Símbolos.

Registros da Black Sun.

— Depois da Terra do Fogo… anomalias aumentaram globalmente.

A tela mudou novamente.

Brasil.

Floresta Amazônica.

— Detectamos atividade ligada a outro Artefato.

Outra imagem surgiu.

Antártica.

Uma cadeia montanhosa perdida sob gelo eterno.

— E algo abaixo do continente antártico acabou de despertar e rachar o gelo.

Silêncio absoluto.

Até Dmitri pareceu desconfortável olhando para aquilo.

Ethan passou a mão no rosto.

— Certo. Então agora temos: cultistas dimensionais, monstros oceânicos, artefatos apocalípticos e alguma coisa acordando sob a Antártica.

— Sabe, as vezes você fala demais — Nora respondeu.

Ethan deu de ombros.

Maya respondeu imediatamente:

— Eu concordo, mas resumidamente ele está certo.

Aruem continuava olhando para Sophia.

Sem piscar.

Então falou:

— Ela está vendo isso agora.

Todos olharam imediatamente para o monitor da enfermaria.

Sophia permanecia desacordada.

Mas a mão dela se movia lentamente sobre os lençóis.

Como se estivesse desenhando alguma coisa invisível.

E os monitores começaram a chiar novamente.

O chiado dos monitores aumentou lentamente pela sala estratégica.

Todos olharam para a tela principal.

Sophia continuava deitada na enfermaria isolada.

Mas alguma coisa havia mudado.

Os sensores cardíacos oscilavam em padrões irregulares enquanto pequenas distorções atravessavam a imagem da câmera.

Como interferência magnética.

Ou realidade falhando.

A mão dela continuava se movendo sobre os lençóis.

Desenhando.

Devagar.

Compulsivamente.

Maya ampliou a imagem imediatamente.

— Espera…

Linhas começaram a surgir no tecido branco da cama.

Marcas queimadas.

Como se os dedos de Sophia estivessem gravando símbolos diretamente nas fibras.

Nora sentiu o estômago apertar.

— Ela tá fazendo isso dormindo?

Aruem permaneceu imóvel observando a tela.

— Ela não está dormindo.

Silêncio.

Sophia começou a murmurar.

Baixo demais no início.

Então os microfones da enfermaria captaram melhor.

O idioma não parecia humano.

As palavras se moviam erradas dentro da garganta dela.

Consoantes impossíveis. Sons profundos demais.

Como algo tentando falar através de uma voz humana.

Teo imediatamente fez o sinal da cruz.

— No. No.Definitivamente no.

Ethan apontou para ele.

— Finalmente alguém sensato.

Maya já gravava tudo freneticamente.

Os computadores da sala começaram a apresentar pequenas falhas enquanto Sophia continuava falando.

As luzes oscilaram.

Os rádios antigos começaram a chiar simultaneamente.

Então Sophia abriu os olhos.

Completamente negros.

A sala estratégica inteira ficou imóvel.

Mesmo através do monitor… a sensação era horrível.

Como ser observado através da tela.

Sophia sentou lentamente na cama.

Os cabos médicos se esticaram atrás dela.

Os símbolos desenhados ao redor do quarto começaram a escurecer.

Queimando.

Um por um.

Lucas deu um passo involuntário em direção ao monitor.

— Sophia…

Ela não parecia enxergar a enfermaria.

Nem o quarto.

Nem a realidade ao redor.

Os olhos negros permaneciam fixos em algum ponto distante.

Então começou a desenhar de verdade.

Rápido agora.

Violento.

Os dedos atravessavam os lençóis deixando marcas negras enquanto mapas impossíveis surgiam diante deles.

Montanhas.

Círculos.

Estruturas geométricas enterradas no gelo.

Maya ampliou novamente.

Eleanor imediatamente ficou rígida.

— Antártica.

As linhas continuavam surgindo compulsivamente.

Uma cadeia montanhosa gigantesca apareceu entre símbolos desconhecidos.

E abaixo dela… uma estrutura.

Colossal.

Sepultada sob quilômetros de gelo.

Aruem observava em silêncio absoluto.

Os olhos dela refletiam os símbolos da tela.

Sophia continuava desenhando.

Agora mais rápido.

O sangue começou a escorrer das pontas dos dedos dela.

Mesmo assim ela não parava.

O mapa mudou.

O branco da Antártica desapareceu.

Verde surgiu no monitor.

Árvores.

Rios.

Uma floresta absurdamente densa.

Brasil.

Amazônia.

Os símbolos ficaram diferentes agora.

Mais antigos.

Mais orgânicos.

Como raízes crescendo sob pedra.

Sophia começou a falar novamente.

Mais forte.

Mais desesperado.

Maya tentava traduzir padrões fonéticos enquanto as telas piscavam violentamente.

Então Sophia pronunciou claramente uma única palavra.

— Ka'thar.

Silêncio.

Os computadores falharam simultaneamente.

Todas as telas apagaram por um segundo.

Quando voltaram…

Sophia havia parado de desenhar.

O quarto inteiro da enfermaria estava coberto por símbolos agora.

Paredes.

Lençóis.

Vidros.

Tudo marcado.

E no centro do desenho principal… uma estrutura piramidal parcialmente enterrada sob árvores gigantescas.

Lucas sentiu imediatamente.

O próximo Artefato.

Aruem continuava olhando para a tela.

A expressão completamente vazia.

Mas a voz saiu baixa.

Quase um sussurro.

— Tem alguma coisa esperando naquele templo.

Então Sophia virou lentamente o rosto em direção à câmera.

Os olhos ainda negros.

E falou diretamente para eles.

— Eles já estão lá.

A transmissão morreu imediatamente.

Estática absoluta.

Eleanor respirou devagar.

Controlando o próprio medo.

— Black Sun.

Maya confirmou segundos depois.

Novos dados surgiram nas telas.

Imagens de satélite.

Movimentações financeiras.

Helicópteros sem identificação chegando em uma cidade no limite da floresta amazônica brasileira.

E numa das fotografias granuladas…

Yelena Sokolov observava a selva diante de uma equipe armada da Black Sun.

Ao lado dela:

Elias Dreyer.

Os olhos do médium estavam cobertos por sangue seco.

Mas ele sorria.

Como alguém ouvindo uma voz distante.

Lucas ficou completamente imóvel diante da tela.

Porque agora não existiam mais dúvidas.

A corrida pelos Artefatos havia começado oficialmente.

CAPÍTULO 8

O TEMPLO NO CORAÇÃO DA FLORESTA

A sala de preparação tática do The Vault parecia um cruzamento impossível entre bunker militar, mosteiro subterrâneo e laboratório experimental.

Luzes industriais pendiam do teto de concreto.

Cabos grossos atravessavam as paredes.

Monitores modernos dividiam espaço com computadores antigos de fósforo verde.

Rádios analógicos chiavam continuamente sobre mesas metálicas.

O cheiro de óleo, pólvora, café velho e incenso queimado impregnava o ar.

Lucas observava tudo em silêncio enquanto ajustava o próprio equipamento.

Colete modular preto.

Fuzil preso ao peito.

Escopeta nas costas.

Faca ritualística presa horizontalmente na cintura.

A cicatriz em seu pescoço ainda queimava.

Sempre queimava antes de uma missão.

Do outro lado da sala, Dmitri Volkov encaixava brutalmente um carregador em sua escopeta automática pesada.

O russo parecia mais uma máquina de guerra do que um homem.

Alto.

Largo.

Coberto por blindagem negra marcada por inscrições religiosas riscadas à faca.

Símbolos ortodoxos.

Runas.

Marcas de exorcismo.

A máscara de gás pendia no peito como parte do próprio corpo.

Dmitri percebeu Lucas olhando.

— Se as coisas derem errado… — disse. — eu seguro a linha. Vocês correm.

Lucas soltou um pequeno sorriso cansado.

— Muito otimista da sua parte assumir que vamos ter tempo para correr.

Dmitri quase sorriu.

Quase.

Perto dos terminais principais, Maya organizava dezenas de telas holográficas improvisadas sobre computadores antigos.

Ela digitava rápido demais.

Como alguém tentando acompanhar uma realidade que se movia mais rápido do que deveria.

— Interceptamos movimentações da Black Sun próximo da fronteira norte da floresta. Eles ainda não encontraram o templo.

— O Brasil é grande pra caramba, mas isso não é exagerado? Quantas horas leva para chegar nesse templo? — Teo perguntou.

— Muitas horas, muitas horas.

Teo estava completamente diferente agora.

O argentino carregava um rifle apoiado no ombro enquanto fumava algum tipo de cigarro que ninguém queria descobrir o que era.

Havia trocado as roupas civis por equipamento tático improvisado do Orpheus.

Mako apareceu logo depois.

E a presença dele mudou completamente a energia da sala.

Jaqueta oversized preta reforçada.

Mochila cheia de sensores.

Fones pendurados no pescoço.

Símbolos rabiscados nas mangas.

O notebook coberto de adesivos ocultistas parecia sobreviver puramente por ódio.

O uniforme dele parecia menos organizado que o dos outros.

Mais vivido.

Mais gasto.

Mais humano.

— Então… — ele começou. — Oficialmente somos uma equipe agora?

Ninguém respondeu imediatamente.

Mako olhou ao redor da sala.

Lucas.

Dmitri.

Teo.

Maya nos monitores.

Sophia ainda na enfermaria.

Aruem observando tudo em silêncio absoluto.

Depois abriu um sorriso torto.

— Beleza. Então precisamos de um nome.

Dmitri pareceu ofendido instantaneamente.

— Não precisamos.

— Toda equipe precisa.

— Não.

— Precisa sim.

Lucas suspirou.

— Mako…

— Não. Escuta. Pensa comigo. A gente tem: um cara que morreu, uma médium quebrada, uma operadora com insônia, um russo traumatizado, um hermano maconheiro e uma chinesa assustadora que provavelmente consegue ler minha alma.

Aruem ergueu os olhos lentamente.

— Consigo.

Mako ficou alguns segundos em silêncio.

— Isso foi extremamente desconfortável.

Teo começou a rir sozinho.

Até Dmitri pareceu quase sorrir outra vez.

Mako apontou então para Lucas.

— Mas olha só a coincidência bonita: todo mundo aqui foi marcado por alguma coisa.

Silêncio.

O sorriso dele desapareceu um pouco.

Lucas desviou os olhos.

Sophia.

Os Observadores.

A morte.

— Então pronto. Vai ser "Os Marcados".

A sala ficou silenciosa.

Porque ninguém odiou o nome.

E aquilo era pior.

Maya ergueu os olhos do terminal.

— Horrível.

— Obrigado.

— Mas combina.

— Obrigado de novo.

A porta da sala abriu naquele instante.

E o silêncio da sala mudou completamente.

Sophia entrou devagar.

Ainda havia algo errado nela.

Algo profundamente errado.

Mas agora… ela parecia humana outra vez.

A veste negra de freira havia sido adaptada para combate.

Tecidos escuros reforçados.

Colete tático preso sobre o hábito.

Correias militares cruzando o peito.

Crucifixos pendurados na cintura.

Símbolos religiosos costurados discretamente nas mangas.

Os cabelos claros caíam parcialmente sobre os olhos cansados.

As olheiras profundas permaneciam.

Assim como a sensação de que parte dela ainda estava em outro lugar.

Mas ela caminhava sozinha agora.

Respirava sozinha.

Viva.

Lucas sentiu algo apertar dentro do peito.

Sophia ergueu os olhos lentamente até ele.

— Você voltou.

A voz dela ainda parecia distante.

Como eco atravessando água.

Lucas respondeu baixo.

— Você também.

Ela observou os outros integrantes da sala.

Parou alguns segundos em Dmitri.

Depois em Aruem.

Passou por Mako.

Por último… em Teo.

Sophia franziu levemente a testa.

— Você escuta coisas quando dorme.

Teo congelou.

— Eu odeio muito quando vocês fazem isso.

Mako deu um tapa amigável nas costas dele.

— Relaxa. Agora você faz parte dos malucos oficialmente.

Sophia finalmente chegou até a mesa principal.

Os símbolos desenhados por ela estavam espalhados nos mapas digitais da Amazônia.

Maya ampliou a imagem do templo.

Uma estrutura gigantesca escondida sob a floresta.

Antiga demais.

Errada demais.

Então Eleanor entrou na sala.

Todos imediatamente ficaram sérios.

A líder cientifica do Orpheus observou cada um deles lentamente.

Como se estivesse vendo soldados indo para uma guerra que talvez não pudesse ser vencida.

— Ethan Walker e Nora Hayes serão reintegrados às operações padrão do Departamento. Eu permiti eles virem para se despedir.

A porta lateral abriu.

Ethan entrou primeiro.

— O que honestamente é ótimo pra minha saúde mental.

Nora veio logo atrás.

Ela parecia menos satisfeita.

Os olhos encontraram rapidamente Lucas… e Sophia.

— Boa sorte.

— Boa sorte babacas.

Mako apontou imediatamente.

— Ah não. Falando assim parece que eu vou morrer e nunca mais ver vocês depois.

Ethan respondeu sem hesitar:

— Exatamente por isso eu falei.

Teo começou a rir sozinho outra vez.

Até Sophia soltou um pequeno sorriso cansado.

Pequeno.

Mas real.

Eleanor então desligou o monitor principal da sala.

A imagem do templo desapareceu.

— A Black Sun já está se movendo. Vocês precisam partir o mais rápido possível.

O silêncio voltou imediatamente.

Pesado.

Porque agora aquilo era oficial.

Não eram mais sobreviventes improvisando.

Nem agentes isolados.

Agora eram uma equipe.

E estavam entrando numa corrida contra algo que talvez nem pudesse ser compreendido.

A Caixa.

A chuva começou antes mesmo do avião tocar o solo.

Grossa.

Violenta.

As gotas explodiam contra a fuselagem como pequenas pedras.

Lá embaixo, a Amazônia parecia um oceano verde escuro infinito.

Sem fim.

Sem forma.

Sem silêncio.

Lucas observava pela pequena janela enquanto o raio distante iluminava as nuvens.

Por alguns segundos… ele jurou ter visto algo gigantesco se movendo sobre a floresta.

Algo comprido.

Antigo demais.

Então a luz desapareceu.

— Não começa — Maya falou no comunicador.

Lucas franziu a testa.

— Eu não disse nada.

— Mas pensou alto.

Mako começou a rir do outro lado da cabine.

— Bem-vindo ao Brasil. Nessa parte do mundo, a floresta escuta os pensamentos ruins.

Aruem quase esboçou um sorriso.

Sua personalidade ainda parecia um mistério para os outros membros da equipe.

O pouso foi brutal.

A pequena pista quase desaparecia sob a tempestade.

A cidade nos limites da floresta parecia afundar lentamente na lama.

Casas antigas.

Luzes falhando.

Barcos abandonados.

Postes inclinados.

Tudo cheirava a chuva, madeira podre, peixe morto e fumaça.

Sophia desceu por último.

O hábito preto balançava sob o vento violento.

Os crucifixos presos ao colete batiam levemente uns contra os outros.

Ela parou ainda na pista.

Olhou diretamente para a floresta.

E ficou imóvel.

Lucas percebeu imediatamente.

— O quê?

Sophia demorou alguns segundos para responder.

— Ela parece estar viva.

Silêncio.

Nem mesmo Dmitri ironizou aquilo.

Porque todos sentiram.

A floresta parecia estar… observando.

Os rádios começaram a chiar enquanto caminhavam pela cidade.

Maya surgiu no ponto eletrônico.

— Consegui localizar Selma Vasconcelos. Ela está esperando vocês próximo ao porto velho.

— Ela é confiável? — Dmitri perguntou.

Mako respondeu antes.

— De cara nós vamos perceber se ela é confiável ou não.

— Você é especialista em julgar caráter? — respondeu Dmitri.

— Talvez.

As ruas estavam quase vazias.

As poucas pessoas que ainda apareciam evitavam olhar diretamente para o grupo.

Algumas faziam sinais religiosos.

Outras simplesmente fechavam as portas.

Teo observou marcas estranhas riscadas nas paredes das casas.

Símbolos feitos com carvão.

E sangue.

Bocas abertas.

Olhos riscados.

E espirais.

— Alguma forma de culto? — ele perguntou.

— Primeiro veio o medo — Mako respondeu. — O culto chegou depois.

Então ouviram os gritos.

Um homem surgiu correndo no meio da chuva.

Descalço.

Coberto de lama.

Os olhos completamente vermelhos.

Ele carregava algo nos braços.

Algo enrolado num pano ensopado.

O homem caiu ajoelhado no meio da rua.

Começou a rir.

Um riso alto.

Desesperado.

Molhado.

Os moradores imediatamente recuaram.

Ninguém tentou ajudá-lo.

O homem levantou lentamente o pano.

E revelou a cabeça de um peixe gigantesco.

Mas havia dentes humanos dentro da boca do animal.

Centenas deles.

O pescador começou a chorar enquanto ria.

— Eles estão por todos os lados… eles estão com fome… eles abriram o sétimo selo.

Dmitri ergueu imediatamente a arma.

Aruem e Mako trocaram olhares assustados.

O homem começou a bater a própria cabeça contra o chão enlameado.

Uma.

Duas.

Três vezes.

Até os dentes quebrarem.

Lucas avançou rápido e segurou o sujeito.

— Ei! Olha pra mim!

O pescador encarou Lucas.

E imediatamente parou de rir.

O terror tomou completamente o rosto dele.

— Você…

A voz saiu tremendo.

— Você morreu.

Silêncio absoluto.

O homem começou a recuar desesperadamente na lama.

Apontando diretamente para Lucas.

— Marcado… marcado pela morte…

Sophia ficou imóvel.

Os olhos dela levemente desfocados.

Como se estivesse ouvindo alguma coisa distante.

Então… o homem começou a gritar.

Não de medo.

De dor.

O próprio peito dele começou a se mover sob a pele.

Algo rastejava ali dentro.

Mako puxou Lucas para trás no mesmo instante.

O pescador caiu de costas na lama.

E alguma coisa abriu a barriga dele de dentro para fora.

A criatura grande surgiu se debatendo entre sangue e chuva.

O corpo do pescador agora jazia no chão enlameado como uma casca arrebentada.

Magra.

Pálida.

Coberta por lodo escuro.

E havia uma boca quase humana aberta no próprio abdômen.

A mandíbula vertical se mexia freneticamente.

Tentando falar.

Tentando mastigar.

Dmitri atirou primeiro.

O estampido ecoou pela rua inteira.

A criatura explodiu contra o chão molhado.

Silêncio.

Só restou a chuva.

E o cheiro de sangue fresco misturado à água barrenta.

— Madre mia, que porra de recepção é essa!? — disse Teo. — Achei que os brasileiros fossem mais receptivos.

— Ei, cala boca, argentino! — respondeu Mako.

O rádio do grupo chiou e a voz de Maya surgiu dele.

— Parem vocês dois!

Lucas sinalizou para os dois se calarem.

Então avançou em direção da criatura que agora se debatia no chão.

Aruem também se aproximou lentamente.

Agora não parecia mais assutada.

— Nunca havia visto esse tipo de padrão — disse. — Ela está... oco.

Então uma voz surgiu atrás deles.

— Eu avisei pras pessoas da cidade não pescarem mais à noite.

O grupo virou imediatamente.

Uma mulher mais velha observava todos da varanda de um prédio antigo próximo ao porto.

Olhos escuros.

Cabelos presos.

Colares religiosos misturados:

crucifixos, guias, amuletos indígenas e afro-americanos.

Selma Vasconcelos.

Ela segurava um cigarro aceso enquanto observava o corpo do pescador.

Sem surpresa alguma.

Sem medo algum.

Depois olhou diretamente para Lucas.

E o semblante dela mudou imediatamente.

A mulher ficou séria.

Profundamente séria.

— Ah…

O cigarro parou entre os dedos.

— Então é verdade.

Lucas sustentou o olhar dela.

Selma desceu lentamente os degraus da varanda.

Parando bem na frente dele.

A chuva escorria lentamente pelo rosto enrugado da mulher.

— Faz muito tempo que eu não vejo alguém carregando a morte de tão perto assim.

O vento soprou mais forte.

A floresta pareceu respirar atrás da cidade.

E Sophia… olhou lentamente para a escuridão entre as árvores.

Como se alguma coisa estivesse olhando de volta.

Agora o porto velho rangia sob a tempestade.

A chuva transformava tudo em vultos borrados.

Selma levou o grupo até um galpão antigo próximo ao cais.

O interior cheirava a ervas queimadas, ferrugem e café forte.

Velas estavam espalhadas por toda parte.

Símbolos religiosos dividiam espaço com mapas antigos da floresta.

Santos católicos.

Máscaras africanas.

Pontos riscados no chão com sal grosso.

O lugar parecia um santuário improvisado contra alguma coisa que já havia atravessado a porta há muito tempo.

Mako fechou o casaco molhado.

— Esse lugar é sinistro.

Selma acendeu outro cigarro.

— Esse é o lugar mais santo que você vai encontrar em quilômetros.

— Imagina o mais profano — pontuou Aruem.

Dmitri observava tudo desconfiado.

A mão nunca saía completamente da arma.

Teo parou diante de uma parede coberta por fotografias.

Pessoas desaparecidas.

Dezenas delas.

Pescadores.

Crianças.

Garimpeiros.

Turistas.

Algumas imagens tinham palavras escritas por cima em tinta vermelha:

"LEVADO"

"OUVIU O CHAMADO"

"ABERTO"

Lucas percebeu algo estranho.

Em várias fotos…

as vítimas apareciam olhando para algum ponto fora da câmera.

Como se todas estivessem observando a mesma coisa.

Sophia permanecia quieta perto da janela.

A chuva refletia nos olhos dela.

Distante.

Quase ausente.

Selma percebeu imediatamente.

— Ela já escutou, não foi?

Lucas respondeu antes que Sophia pudesse falar.

— Escutou o quê?

A mulher tragou lentamente.

— A floresta chamando de volta.

Silêncio.

Maya surgiu no comunicador.

— Isso ficou dramaticamente preocupante.

Mako respondeu:

— Percebeu isso só agora?

Selma ignorou os comentários.

Abriu um mapa antigo sobre a mesa.

Partes da floresta estavam marcadas com símbolos circulares.

Alguns riscados violentamente.

Outros cercados por anotações.

— Os desaparecimentos começaram faz uns oito meses. Primeiro os garimpeiros. Depois os ribeirinhos.

Ela apontou para o rio no mapa.

— Eles apareciam dias depois.

Teo cruzou os braços.

— Mortos?

Selma olhou diretamente para ele.

— Vazios.

O silêncio ficou pesado.

A chuva batia forte no telhado.

— Sem órgãos. Sem sangue. Sem olhos.

Maya ficou alguns segundos quieta no rádio.

— Isso não ajuda em nada minha ansiedade.

Selma continuou:

— Algumas vítimas ainda respiravam quando encontravam elas. Mas por dentro… já não tinha mais nada.

Sophia fechou os olhos lentamente.

Como se já soubesse daquela parte.

Lucas percebeu as mãos dela tremendo.

— Sophia?

Ela abriu os olhos devagar.

E por um instante… as pupilas pareciam dilatadas demais.

— Eles comem as pessoas por dentro.

A voz dela saiu distante.

Errada.

— Quem? — Dmitri perguntou.

Sophia olhou lentamente para a floresta.

— Os Necrófagos.

O nome pareceu esfriar o ambiente inteiro.

Selma assentiu devagar.

— Vejo que a garota realmente é poderosa, eu só pensei no nome e ela conseguiu captar — disse surpresa. — Os cultistas acreditam que eles são mensageiros. Arautos da fome antiga.

Ela puxou uma fotografia antiga de dentro de uma pasta.

A imagem mostrava um altar escondido na mata.

E dezenas de pessoas ajoelhadas diante de algo gigantesco coberto por tecido preto.

Todos os cultistas tinham cortes profundos feitos no próprio abdômen.

Como bocas abertas.

Teo desviou o olhar imediatamente.

— Caralho…

Selma apontou para a fotografia.

— Eles acreditam que a floresta está acordando. Que alguma coisa embaixo dela quer voltar.

Lucas sentiu o estômago apertar.

O Artefato.

Sempre voltava para aquilo.

Mako observava as imagens em silêncio agora.

Sem piadas.

Sem comentários.

Até ele parecia desconfortável.

Então Sophia congelou completamente.

O corpo inteiro endureceu.

Os olhos perderam o foco.

Lucas avançou imediatamente.

— Sophia?

Ela não respondeu.

A respiração começou a falhar.

Ruídos estáticos escaparam do rádio preso ao colete dela.

Maya apareceu instantaneamente no comunicador.

— Espera. Espera. Os sensores dela dispararam.

A luz da sala oscilou.

Uma vez.

Duas.

E Sophia finalmente falou.

Mas não parecia ela.

A voz saiu dupla.
Ecoando.
— Eu consigo ver você.
O grupo inteiro ficou imóvel.
Lucas segurou os ombros dela.
— Sophia!
Ela virou lentamente a cabeça.
Só que… não estava olhando para Lucas.
Estava olhando para algo muito distante.
Muito longe dali.
Então sorriu.
Um sorriso pequeno.
Frio.
Estranho.
— Você continua fraco, Lucas.
O sangue gelou instantaneamente no corpo dele.
Porque aquela voz… não era Sophia.
Era masculina.
Calma.
Elegante.
E cruel.
Aruem sussurrou:
— Quem é esse filho da—
Sophia interrompeu.
Ou melhor…
a coisa usando a voz dela interrompeu.
— Eu, Elias, conheço seu pai.
Silêncio absoluto.
Lucas sentiu o coração parar por um segundo.
Até Maya ficou muda no rádio.
Sophia inclinou lentamente a cabeça.
Como um animal curioso.
— John Wright já abriu a primeira porta.
Dmitri ergueu a arma instintivamente.

Selma começou a fazer um símbolo religioso com os dedos.

E então Sophia gritou.

O som explodiu pela sala.

As luzes estouraram imediatamente.

Vidros racharam.

O rádio entrou em estática total.

Lucas segurou Sophia antes dela cair.

O corpo dela tremia violentamente.

Como alguém tentando voltar de muito longe.

Então… parou.

Silêncio.

Só a chuva outra vez.

Sophia abriu os olhos lentamente.

Confusa.

Cansada.

Assustada.

— Ele está aqui…

Lucas sentiu um arrepio percorrer a espinha.

— Elias?

Ela assentiu devagar.

A chuva aumentou lá fora.

E, em algum lugar da floresta… alguma coisa respondeu.

CAPÍTULO 9
A CIDADE SAGRADA DE KA'THAR

A viagem pela floresta começou antes do amanhecer.

E a Amazônia parecia diferente longe da cidade.

Mais escura.

Mais silenciosa.

O barco avançava lentamente pelo rio coberto pela neblina enquanto a chuva diminuía para uma garoa fina.

Lucas observava as margens.

Árvores gigantescas desapareciam na escuridão acima deles.

Raízes saíam da água como corpos tentando emergir.

O motor fazia um som baixo e constante.

Mas às vezes… alguma coisa respondia do fundo do rio.

Teo conduzia a embarcação em silêncio absoluto.

As mãos firmes controlando o motor improvisado.

Os olhos atentos à correnteza.

Mako permanecia agachado perto dos equipamentos.

Notebook aberto.

Cabos espalhados.

Fones no pescoço.

Ele monitorava sinais térmicos e interferências eletromagnéticas enquanto mascava chiclete nervosamente.

— Isso aqui tá um inferno eletrônico.

Dmitri respondeu sem tirar os olhos da mata.

— Melhor do que silêncio.

— Não. Silêncio nesse caso seria muito melhor.

Sophia permanecia sentada na parte frontal do barco.

Imóvel.

O hábito preto balançava suavemente com o vento úmido.

Os crucifixos presos ao peito batiam uns contra os outros em pequenos estalos metálicos.

Ela parecia escutar algo muito distante.

Aruem observava Sophia em silêncio.

Como se estivesse tentando medir quanto dela ainda permanecia humana.

Lucas aproximou-se lentamente.

— Você tá bem?

Sophia demorou alguns segundos para responder.

— Não.

Honesta.

Direta.

Ela ergueu os olhos para a floresta.

— Tem alguma coisa sonhando aqui.

Um trovão distante ecoou acima das árvores.

Maya surgiu no rádio:

— Detectei estruturas abaixo de vocês. Gigantescas.

Mako ampliou rapidamente um scanner no notebook.

E ficou em silêncio.

— Ah.

— O quê? — Teo perguntou.

Mako girou a tela.

Linhas enormes apareciam abaixo do solo.

Geometria impossível enterrada sob quilômetros de floresta.

Círculos.

Corredores.

Pirâmides.

Uma cidade inteira.

Dmitri franziu a testa.

— Isso é antigo?

Mako respondeu baixo:

— Muito antigo, não temos registro de satélites dessa área.

O rio estreitou.

A neblina aumentou.

E então eles viram.

As ruínas.

Pedras gigantescas emergindo entre árvores centenárias.

Escadarias parcialmente engolidas pelas raízes.

Colunas cobertas por símbolos impossíveis.

A arquitetura não parecia totalmente humana.

Os ângulos errados faziam o cérebro hesitar.

Como olhar para alguma coisa que não deveria existir.

Lucas sentiu dor atrás dos olhos imediatamente.

Sophia parou de respirar por alguns segundos.

— É aqui…

Então... tiros explodiram no meio da mata.

O barco sacudiu violentamente.

Madeira estilhaçou ao lado de Teo.

— CONTATO! — Dmitri rugiu.

Operadores armados surgiram entre as ruínas.

Uniformes negros.

Máscaras.

Símbolos da Black Sun.

O primeiro caiu imediatamente quando Dmitri abriu fogo.

O estampido da arma pesada ecoou pela floresta inteira.

Lucas puxou Sophia para cobertura enquanto disparava contra as árvores.

Mako quase derrubou o notebook tentando sacar a pistola.

— Eu odeio MUITO quando cultistas tem financiamento militar!

Teo manobrou o barco e praticamente o lançou até a margem.

Os Marcados saltaram em busca de cobertura contra os tiros dos operadores da Black Sun.

A floresta virou caos.

Disparos.

Lama.

Gritos.

Fumaça.

Teo avançou pela lateral das ruínas cobrindo Dmitri.

Movimentos rápidos.

Precisos.

Ele conhecia combate melhor do que gostaria de admitir.

Aruem desapareceu entre as árvores sem fazer barulho algum.

Como um fantasma.

Então tudo ficou silencioso por um instante.

Silencioso demais.

E então, uma figura encapuzada apareceu.

Saindo lentamente da mata sob a chuva fina.

Alto.

Imenso.

Um manto negro cobria praticamente todo seu corpo.

O rosto parcialmente coberto por uma máscara de gás negra.

A outra parte visível era uma mescla de cicatrizes com dois olhos brilhantes impossíveis de existir.

A presença dele parecia esmagar o ambiente inteiro.

Lucas imediatamente reconheceu aquilo.

Predador contra Predador.

Cain observou o grupo inteiro lentamente.

Até parar em Lucas.

— Então você é o que voltou.

A voz era grave.

Pesada.

Lucas ergueu o fuzil.

— Infelizmente pra você não pretendo voltar pra lá tão cedo.

Um som macabro que parecia uma risada surgiu de trás da máscara do homem.

— Meu nome é Cain e eu vou assegurar que você volte para o outro lado.

— Não estou interessado, amigo... — respondeu Lucas.

Cain quase sorriu.

Então avançou.

Rápido demais.

O impacto da faca contra o rifle lançou Lucas diretamente contra uma coluna antiga.

Pedra rachou.

Dor explodiu nas costelas dele.

Cain tentou finalizar imediatamente.

Mas Sophia ergueu um de seus braços e uma onda psíquica pareceu irradiar em direção a Cain.

O som atravessou a floresta como vidro quebrando.

O mundo inteiro pareceu tremer por um segundo antes da onda de choque acertar Cain, o lançando para longe.

E então Elias apareceu.

Não fisicamente.

Mas atrás dela.

Uma silhueta astral formada por fumaça negra e símbolos dourados.

Elegante.

Calmo.

Os olhos impossivelmente claros fixos em Sophia.

O tempo desacelerou.

A floresta inteira ficou silenciosa.

Até os tiros diminuíram.

Elias observou Sophia como alguém reencontrando algo perdido.

— Finalmente.

Sophia tremia.

Os olhos completamente dilatados.

— Sai da minha cabeça…

Elias inclinou levemente a cabeça.

— Você já atravessou a porta. Agora algo se abriu dentro de você.

Lucas tentou levantar.

Mas Cain já havia se recuperado e estava parada em sua frente.

— Desgraçado... você é rápido.

Cain o segurou pelo pescoço violentamente.

A força absurda ergueu Lucas do chão.

Mais de perto Lucas pôde perceber que o braço esquerdo de Cain não era comum.

Parecia uma amálgama de carne podre metal e espinhos de osso.

Cain aproximou o rosto lentamente.

— Seu pai me falou muito de você.

Silêncio.

Lucas congelou.

Por um segundo inteiro.

— O que... você sabe... sobre... meu pai? — disse Lucas com dificuldade.

— E então você ainda não entendeu? Seu pai foi um dos fundadores da Black Sun.

Lucas conseguiu ver o prazer nos olhos de Cain ao dizer aquilo.

Então Lucas puxou a faca ritualística presa na cintura e atravessou diretamente o ombro de Cain.

O homem finalmente soltou um som de dor.

Os dois caíram violentamente na lama.

Disparos voltaram imediatamente.

Dmitri abriu fogo pesado contra os operadores da Black Sun enquanto Teo puxava Lucas para trás das ruínas e para longe de Cain.

Sophia ainda encarava Elias.

Presos um ao outro através do astral.

E então ela viu.

O templo.

Debaixo da cidade enterrada.

Debaixo da floresta.

Debaixo da água negra.

E alguma coisa… respirando ao redor dele.

Sophia caiu de joelhos imediatamente.

Sangue escorreu pelo nariz dela.

— O artefato está abaixo…

— Muito obrigado.

A conexão astral entre Irmã Sophia e Elias foi desfeita, enquanto a floresta inteira parecia estremecer.

Como se tivesse ouvido tudo aquilo.

A água escorria pelas pedras negras do templo como sangue velho.

Os Marcados desciam cada vez mais fundo pelas ruínas subterrâneas enquanto os disparos da Black Sun ecoavam atrás deles.

O lugar inteiro parecia pulsar.

Respirar.

As paredes estavam cobertas por símbolos circulares entalhados profundamente na rocha.

Alguns brilhavam fracamente em tons azulados.

Outros pareciam recém-feitos… com unhas.

Sophia caminhava na frente.

Os olhos parcialmente perdidos no vazio.

Ela tocava as paredes enquanto avançava.

Como se estivesse sendo guiada por alguma coisa do outro lado.

Lucas mantinha o fuzil apontado para os corredores inundados.

Dmitri vinha logo atrás cobrindo a retaguarda.

Teo observava cada passagem lateral.

Mako quase tropeçava tentando acompanhar enquanto segurava notebook, rádio e pistola ao mesmo tempo.

— Eu odeio templo ancestral. Templo ancestral nunca acaba bem.

— Cala a boca e anda — Dmitri respondeu.

Aruem permaneceu em silêncio absoluto.

Mas os olhos dela analisavam tudo.

Cada símbolo.

Cada som.

Cada mudança no ar.

Mako chechou a tela e informou:

— Tem uma sala ampla à direita, seu fosse apostar...

— Diria que o artefato está lá — respondeu Teo.

Dobraram a direita e avançaram um pouco mais.

O corredor terminava em uma abertura colossal.

E então eles viram.

A câmara central.

Gigantesca.

Circular.

Parcialmente inundada.

Estruturas ciclópicas subiam até desaparecer na escuridão acima.

Pontes antigas cruzavam o vazio.

E no centro da sala… existia a criatura.

O Necrófago colossal permanecia preso ao chão como uma montanha de carne morta.

Gigantesco.

Humanoide apenas em partes.

O torso aberto verticalmente revelava uma boca colossal ocupando praticamente todo o abdômen.

Centenas de dentes.

Camadas de carne pulsando lentamente.

Correntes antigas atravessavam o corpo da criatura e desapareciam nas pedras do templo.

Ela parecia adormecida.

Ou morta.

Lucas imediatamente sentiu o estômago virar.

O artefato estava lá.

Cravado no fundo da garganta aberta da criatura.

Uma peça metálica que parecia ser feita de cobre envolvida por símbolos verdes.

Pulsando lentamente.

Como um coração.

E a Black Sun já estava ali.

Doutora Yelena Sokolov permanecia parada diante da criatura.

Elegante.

Imóvel.

Os olhos frios observavam o artefato.

Cain estava ao lado dela.

O braço monstruoso parcialmente exposto sob o manto negro.

Elias permanecia mais atrás.

Quase invisível, intangível.

Mas Sophia o sentia imediatamente.

Como uma lâmina dentro da mente.

Lucas puxou o grupo para cobertura nas estruturas elevadas acima da câmara.

Eles tinham a vantagem da altura.

Mas pouca munição.

Pouco tempo.

Yelena ergueu lentamente os olhos.

Ela sabia que eles estavam ali.

Mesmo sem olhar diretamente.

— Recuperem o fragmento.

Um operador da Black Sun hesitou.

— Senhora… a criatura—

— RECUPERE.

A voz dela cortou o ambiente inteiro.

O homem engoliu seco.

Então aproximou-se lentamente da boca colossal do Necrófago.

A criatura não reagiu.

O operador tremia visivelmente.

A mão dele mergulhou entre os dentes enormes.

Mais fundo.

Mais fundo.

Até alcançar o artefato.

Então os olhos da criatura abriram.

Centenas deles.

Espalhados sob a pele.

O operador mal conseguiu gritar.

A mandíbula colossal fechou violentamente.

Sangue explodiu pela sala.

O braço inteiro desapareceu.

O homem caiu berrando enquanto a criatura começava a despertar.

As correntes estremeceram.

O templo inteiro tremeu junto.

— AGORA! — Lucas gritou.

Os Marcados abriram fogo do alto da estrutura.

O caos explodiu instantaneamente.

Operadores da Black Sun tombaram antes mesmo de entender o que estava acontecendo.

Dmitri descarregou rajadas pesadas sobre a plataforma central.

Teo avançou pela lateral descendo entre as estruturas antigas.

Mako tentava controlar os scanners enquanto atirava completamente desesperado.

— ISSO NÃO TAVA NO PLANEJAMENTO!

Cain ergueu os olhos diretamente para Lucas.

E sorriu.

Então avançou.

Aruem se protegeu em uma das colunas e continuou abrindo fogo contra os operadores da Black Sun abaixo.

Sophia cambaleou subitamente.

Os olhos dela ficaram completamente brancos.

Elias finalmente falou dentro da mente dela.

— Você sente, não sente? Ela está acordando.

A criatura colossal começou a se levantar lentamente.

Pedra rachando.

Correntes rompendo.

A água da câmara inteira começou a vibrar.

O Necrófago despertou gritando.

O som não parecia vir apenas da criatura.

Parecia vir do próprio templo.

Das pedras.

Da água.

Da floresta acima deles.

A monstruosidade ergueu lentamente o corpo colossal enquanto correntes antigas explodiam ao redor da câmara.

A boca no abdômen continuava aberta.

Pulsando.

Respirando.

E o artefato permanecia preso entre os dentes gigantescos.

Lucas deslizou pela estrutura elevada enquanto disparava contra operadores da Black Sun abaixo.

Rajadas atravessavam fumaça, água e carne ao mesmo tempo.

Dmitri desceu pela lateral da plataforma disparando a arma pesada sem parar.

Cada tiro parecia demolir partes do templo.

Teo e Aruem cobriam os corredores laterais impedindo reforços da Black Sun de cercarem o grupo.

Mako praticamente gritava no rádio enquanto digitava freneticamente no notebook.

— A ESTRUTURA INTEIRA TÁ COLAPSANDO! E EU ACHO QUE O TEMPLO TÁ… MEXENDO?!

— FOCA NO MONSTRO! — Teo respondeu.

— EU ESTOU FOCANDO NO MONSTRO! O PROBLEMA É QUE EXISTEM VÁRIOS CHEGANDO!

Os olhos do Necrófago começaram a abrir um por um sob a carne deformada.

Centenas deles.

Observando tudo.

Observando todos.

Yelena permanecia imóvel no centro do caos.

A chuva atravessava partes quebradas do teto acima enquanto o sobretudo negro dela balançava lentamente.

Como se nada daquilo realmente assustasse.

Lucas finalmente alcançou a plataforma principal.

E Cain já o esperava.

O impacto veio imediato.

A faca monstruosa de Cain colidiu contra o fuzil de Lucas num estrondo metálico brutal.

Lucas quase perdeu equilíbrio.

— O mesmo ataque não vai funcionar duas vezes.

Cain sorriu por trás da máscara.

Lucas bloqueou outro golpe violentamente.

— Vamos, garoto!

Cain avançou novamente.

Rápido.

Preciso.

Animal.

O braço deformado atravessou uma coluna inteira de pedra tentando atingir Lucas.

Fragmentos explodiram pela água.

Lucas rolou para o lado e puxou a pistola lateral disparando três vezes contra o peito de Cain.

Inútil.

O homem sequer desacelerou.

Enquanto isso… Sophia caiu de joelhos.

Os olhos dela ficaram completamente negros outra vez.

Elias caminhava lentamente pela plataforma oposta.

Calmo.

Elegante.

Como se estivesse passeando dentro do próprio templo.

Os operadores da Black Sun evitavam chegar perto dele.

Por medo.

Por reverência.

Difícil dizer.

Elias observou Sophia quase com tristeza.

— Você sente eles agora.

A voz atravessava diretamente a mente dela.

Não o ar.

Sophia apertou a cabeça violentamente.

Os símbolos nas paredes começaram a pulsar junto com sua respiração.

— Sai da minha mente…

Elias inclinou levemente a cabeça.

— Não existe mais separação entre nós.

O templo desapareceu.

Pelo menos para Sophia.

De repente ela estava em outro lugar.

Água negra até os joelhos.

Escuridão infinita.

As mesmas estruturas impossíveis do Outro Lado surgiam ao redor dos dois.

Elias permanecia parado diante dela.

A bata ritualística perfeitamente alinhada mesmo naquele vazio impossível.

Os olhos claros brilhavam fracamente.

— Eles estão acordando, Sophia.

Ela sentiu imediatamente.

Presenças.

Gigantescas.

Movendo-se na escuridão além das estruturas.

Sophia recuou.

— O que você viu do outro lado?

Elias sorriu pela primeira vez.

Pequeno.

Melancólico.

— Um deus morto.

A frase atravessou Sophia como gelo.

E então ele atacou.

A onda psíquica explodiu pelo vazio.

Sophia gritou.

O impacto atravessou simultaneamente o plano astral e a realidade.

Na câmara do templo, todas as luzes explodiram.

Os rádios morreram.

Operadores da Black Sun começaram a sangrar pelos ouvidos.

Mako caiu sentado segurando a cabeça.

— AI MEU DEUS!

Sophia respondeu.

Os crucifixos presos ao corpo começaram a vibrar violentamente.

E então ela abriu os braços.

A água negra do Outro Lado ergueu-se ao redor dela como muralhas líquidas.

E a força psíquica atingiu Elias diretamente.

Na realidade… o templo inteiro tremeu.

Pedras explodiram.

Colunas racharam.

O Necrófago rugiu de dor.

Elias finalmente perdeu a postura elegante por um segundo.

Sangue escorreu lentamente do nariz dele.

Sophia também sangrava.

Os dois permaneceram se encarando dentro do vazio.

Predadores iguais.

Marcados iguais.

Então Elias sorriu outra vez.

Mais triste dessa vez.

— Agora eu entendo porque ela escolheu você.

Sophia congelou.

— Quem?

Mas Elias já desaparecia junto com o Outro Lado.

O templo voltou violentamente ao redor dela.

A dor atravessou sua cabeça como faca.

Nenhum venceu.

Nenhum perdeu.

E ambos entenderam isso imediatamente.

Enquanto isso…Lucas finalmente conseguiu derrubar Cain usando a própria corrente quebrada do Necrófago.

O homem caiu violentamente na água.

Lucas avançou direto para a criatura colossal.

O artefato ainda pulsava entre os dentes monstruosos.

Yelena observava aquilo tudo em silêncio absoluto.

Então finalmente falou.

— John Wright acreditava que a Caixa não deveria permanecer fechada.

Lucas parou por um segundo.

Erro.

Cain o atingiu pelas costas imediatamente.

Os dois atravessaram uma parede de pedra juntos.

Dor explodiu pelas costelas de Lucas.

Yelena continuou calmamente enquanto caminhava até o Necrófago desperto.

— Seu pai não fundou apenas a Black Sun. Ele quer que a caixa seja aberta.

Lucas sentiu o mundo vacilar.

Mentira.

Precisava ser.

Mas no fundo… alguma parte dele já suspeitava.

O Necrófago rugiu novamente.

A boca colossal começou lentamente a se abrir mais.

E atrás do artefato… alguma coisa parecia respirar dentro da garganta infinita da criatura.

Sophia ergueu lentamente os olhos.

Assustada.

— Lucas…

A voz dela falhou.

— Tem alguma coisa vindo.

A garganta do Necrófago começou a se abrir mais.

Muito mais.

Os dentes gigantescos se afastaram lentamente enquanto alguma coisa pulsava nas profundezas da criatura.

Não parecia um órgão.

Nem carne.

Parecia… escuridão líquida.

Respirando.

Lucas ainda estava no chão entre os destroços da parede quebrada enquanto Cain avançava novamente.

Sem hesitação.

Sem cansaço.

O braço deformado rasgou o ar em direção ao rosto dele.

Lucas desviou por centímetros.

A lâmina monstruosa atravessou pedra sólida como papel.

Dmitri apareceu no mesmo instante.

O disparo da arma pesada atingiu Cain diretamente no peito lançando o homem contra a água inundada da câmara.

— PEGA O FRAGMENTO! — Dmitri rugiu.

Lucas não hesitou dessa vez.

Correu.

A água negra explodia ao redor das botas enquanto o Necrófago começava a despertar completamente.

O templo inteiro tremia.

Acima deles… a floresta rugia junto.

Sophia ainda mal conseguia ficar de pé.

Sangue escorria pelo nariz, olhos e ouvidos.

Mas ela continuava olhando para a garganta da criatura.

Como alguém ouvindo alguma coisa impossível vindo lá de dentro.

Elias a observava do outro lado da câmara.

Os dois se encararam uma última vez.

Nenhum precisava falar.

A guerra entre eles já havia começado.

Mako quase caiu tentando estabilizar os scanners.

— A ENERGIA DESSE NEGÓCIO TÁ SUBINDO! LUCAS, VOCÊ TEM MAIS OU MENOS… DEZ SEGUNDOS ANTES DISSO VIRAR UM APOCALIPSE BIOLÓGICO!

— Dez segundos?!

— ISSO NÃO É TEMPO SUFICIENTE PRA NADA!

Teo descarregou o fuzil sobre operadores da Black Sun tentando subir pela plataforma lateral.

Aruem surgiu atrás de outro operador silenciosamente.

A lâmina atravessou o pescoço do homem antes dele sequer perceber.

Movimento limpo.

Preciso.

Quase sobrenatural.

Lucas finalmente se aproximava do monstro e de Yelena.

Yelena finalmente ergueu a arma.

Lucas fugiu da trajetória do cano e se impulsionou contra Yelena que foi jogada longe enquanto disparava para o alto.

— Já escutei você por tempo demais.

Lucas sacou rapidamente sua pistola e realizou três disparos precisos em direção aos olhos principais da criatura.

O monstro rugiu violentamente.

A cabeça colossal se moveu.

E o artefato deslizou parcialmente para fora da garganta.

Yelena olhou diretamente para Lucas.

— Desgraçado.

Lucas saltou.

A mão atravessou sangue, saliva negra e carne pulsante até alcançar o Fragmento.

O contato foi instantâneo.

Dor absoluta.

O mundo desapareceu.

Por um segundo inteiro… Lucas viu a Antártica.

Branca.

Infinita.

Montanhas ciclópicas enterradas sob gelo eterno.

E abaixo delas… uma cidade colossal dormindo sob a escuridão.

Então ele viu a Caixa.

Gigantesca.

Respirando.

E milhares de vozes começaram a sussurrar ao mesmo tempo:

"ABRA."

Lucas gritou.

E arrancou o Fragmento da criatura.

O Necrófago enlouqueceu imediatamente.

A câmara inteira começou a colapsar.

As correntes explodiram.

As paredes racharam.

Água invadiu corredores subterrâneos.

O rugido da criatura atravessou o templo inteiro.

E algo começou a subir pela garganta dela.

Algo pior.

Muito pior.

Sophia arregalou os olhos.

— NÃO OLHA PRA DENTRO!

Lucas desviou imediatamente o rosto.

Instinto puro.

Mas um operador da Black Sun não foi rápido o suficiente.

O homem olhou diretamente para dentro da garganta aberta do Necrófago.

E começou a rir.

A arma caiu das mãos dele.

Então o corpo inteiro se abriu no meio.

Verticalmente.

Como uma boca gigantesca nascendo dentro da carne.

Dmitri atirou na criatura instantaneamente.

Tarde demais.

Mais Necrófagos começavam a emergir do operador morto.

Yelena recuou pela primeira vez.

Até ela parecia desconfortável agora.

— Cain. Retirada.

Cain levantou lentamente entre os destroços.

Os olhos monstruosos fixos agora em Lucas e em Dmitri.

Raiva pura.

Mas ele obedeceu.

Elias permaneceu imóvel por mais alguns segundos olhando para Sophia.

Então falou calmamente:

— Nos vemos por aí.

A silhueta astral dele desapareceu primeiro.

Depois a Black Sun começou a recuar pelas galerias inundadas do templo.

Lucas segurava o Fragmento com força.

A peça pulsava sob a mão dele.

Viva.

Errática.

Sophia imediatamente cambaleou até ele.

E colocou a mão sobre o artefato.

Os olhos dela ficaram negros por um instante.

O suficiente.

— Guarda isso longe de você…

A voz saiu tremendo.

— Ele escuta.

O Necrófago rugiu outra vez.

Muito mais perto agora.

O teto começou a desabar.

Teo puxou Mako violentamente antes que uma coluna esmagasse onde ele estava.

— VAMOS!

Os Marcados correram.

A água subia rapidamente pelos corredores.

Necrófagos emergiam de dentro dos operadores da Black Sun que não recuaram a tempo.

O lugar inteiro parecia quer iria entrar em colapso biológico.

Lucas correu na frente segurando o Fragmento.

Sophia ao lado dele.

Dmitri cobrindo a retaguarda.

Aruem correndo ao seu lado.

Teo e Mako tentando manter o grupo vivo no meio do caos absoluto.

Atrás deles… o templo gritava pela última vez.

CAPÍTULO 10
O LABORATÓRIO CHIMERA

A instalação Chimera não existia oficialmente.

Nem em satélites.

Nem em mapas.

Nem em registros financeiros.

Enterrada quilômetros abaixo de alguma costa esquecida pelo mundo, a estrutura da Black Sun parecia mais um organismo do que um laboratório.

Concreto úmido.

Tubulações grossas.

Água negra correndo lentamente sob grades metálicas.

Tudo vibrava.

Respirava.

As luzes industriais lançavam reflexos azulados sobre corredores cobertos por condensação e sangue seco.

O cheiro era pior.

Antisséptico.

Ferrugem.

Carne viva.

E alguma coisa doce escondida atrás disso tudo.

Yelena Sokolov caminhava pelos corredores acompanhada de Cain.

Os operadores da Black Sun desviavam imediatamente do caminho dos dois.

Medo puro.

Tanques gigantescos ocupavam os laboratórios laterais.

Corpos flutuavam dentro deles.

Alguns humanos.

Outros… quase.

Membros extras.

Colunas vertebrais expostas.

Rostos parcialmente fundidos.

Um deles abriu lentamente os olhos quando Yelena passou.

E começou a bater desesperadamente no vidro.

Cain sequer olhou.

— O espécime quarenta e dois continua consciente — comentou uma pesquisadora nervosamente.

Yelena respondeu sem parar de andar:

— Então aumentem a dose do sedativo.

A mulher hesitou.

— Senhora… ele perdeu os pulmões há três dias.

Yelena finalmente olhou para o tanque.

O híbrido ainda se movia lá dentro.

Respirando sem órgãos.

Os olhos implorando por morte.

— Interessante... faça o que eu ordenei.

Ela continuou andando.

Mais à frente, o laboratório principal se abriu diante deles.

Gigantesco.

Catedrais de concreto preenchidas por máquinas biotecnológicas impossíveis.

Cabos atravessavam corpos.

Tanques pulsavam lentamente.

Estruturas ósseas cresciam junto de metal.

Água negra escorria continuamente por canais abertos no chão.

E no centro de tudo aquilo… lá estava ele.

John Wright.

Lucas tinha os olhos dele.

O mesmo olhar cansado.

A mesma postura silenciosa.

O mesmo peso constante carregado nos ombros.

Mas onde Lucas ainda parecia humano… John parecia gasto pela própria existência.

Os cabelos grisalhos caíam parcialmente sobre o rosto marcado por cicatrizes antigas. O braço esquerdo estava completamente substituído por uma estrutura biomecânica negra coberta por símbolos dourados.

A máquina parecia viva.

Pulsando lentamente junto ao coração dele.

John permanecia diante de um enorme tanque vertical.

E dentro dele…

havia um corpo.

Um homem parcialmente aberto cirurgicamente.

O peito exposto.

Cabos ligados ao cérebro.

Símbolos ritualísticos gravados diretamente nos ossos.

Mas o rosto… o rosto parecia Lucas.

Não exatamente igual.

Mas perto o suficiente para ser perturbador.

Yelena aproximou-se calmamente.

— A missão no Brasil falhou parcialmente.

John não desviou os olhos do tanque.

— E o Fragmento?

— Orpheus recuperou.

Silêncio.

Apenas o som do líquido circulando dentro do laboratório.

Cain permaneceu imóvel próximo da entrada.

Como um animal guardando território.

John finalmente falou:

— E Lucas?

A pergunta saiu baixa demais.

Humana demais.

Yelena percebeu imediatamente.

— Vivo.

Silêncio outra vez.

Então John assentiu devagar.

Como alguém confirmando um cálculo antigo.

— Ele continua funcionando acima do esperado.

Yelena cruzou os braços.

— Você fala dele como experimento.

John finalmente virou o rosto.

Os olhos cansados encontraram os dela.

— Porque ele foi.

A frase morreu no laboratório.

Mesmo Cain desviou os olhos por um segundo.

John aproximou-se lentamente do tanque.

A mão biomecânica tocou o vidro.

— O Protocolo Lázaro nunca foi um projeto da Orpheus. Sempre foi um projeto só meu.

Yelena permaneceu em silêncio.

Ela já sabia.

Mas ouvir aquilo em voz alta era surpreendente.

John continuou:

— Eles acreditavam que estavam tentando ressuscitar soldados. Nós estávamos tentando criar pontes com o Outro Lado.

O homem dentro do tanque começou a se debater subitamente.

Violentamente.

Alarmes dispararam.

Os símbolos gravados no corpo começaram a brilhar sob a pele aberta.

O pesquisador entrou em pânico.

— Senhor Wright, o espécime está entrando em ruptura!

John apenas observou.

Calmo.

Frio.

— Observe.

O corpo dentro do tanque abriu os olhos.

Completamente negros.

Então falou numa voz impossível:

— A Caixa sonha.

Os vidros do laboratório racharam simultaneamente.

A água negra nos canais começou a vibrar.

Os alarmes continuavam ecoando pelo laboratório.

Luzes vermelhas pulsavam sobre a água negra enquanto pesquisadores corriam entre os tanques tentando conter o caos.

O homem dentro do cilindro continuava sorrindo.

Mesmo com o corpo parcialmente aberto.

Mesmo morto.

— A Caixa sonha…

A voz saiu outra vez.

Dessa vez mais baixa.

Como um sussurro vindo do fundo do oceano.

Então o corpo finalmente parou de se mover.

Silêncio.

Só restou o som das máquinas.

John Wright permaneceu olhando para o tanque por alguns segundos antes de desligar manualmente os sistemas de suporte.

O líquido escuro começou lentamente a esvaziar.

— Removam o espécime.

Os pesquisadores obedeceram imediatamente.

Nenhum deles parecia confortável perto de John.

Nem mesmo Yelena.

Cain observava tudo imóvel próximo da entrada.

A máscara de gás escondia qualquer emoção.

Mas os olhos monstruosos permaneciam atentos.

Sempre atentos.

Yelena aproximou-se lentamente de John.

— O garoto está começando a entender.

John respondeu sem emoção:

— Ainda não o suficiente.

Ele caminhou até outro terminal do laboratório.

Imagens começaram a surgir em hologramas distorcidos sobre a água escura.

Lucas.

Arquivos médicos.

Sessões psicológicas.

Relatórios do Protocolo Lázaro.

Criança.

Adolescente.

Operador.

Yelena observava em silêncio.

Até que finalmente perguntou:

— Você realmente amava ele?

John demorou alguns segundos para responder.

Tempo demais.

— Sim.

A honestidade da resposta pareceu incomodar até ele.

O holograma mudou novamente.

O Evento Zero.

Gravações fragmentadas da morte de Lucas.

Cain observava aquilo sem reação alguma.

John aproximou lentamente os dedos biomecânicos da imagem congelada do filho.

— O primeiro retorno completo.

Yelena cruzou os braços.

— E também o primeiro marcado pelos Observadores.

John assentiu.

— Porque ele atravessou mais fundo do que calculamos.

Os monitores exibiram símbolos semelhantes aos vistos pela Orpheus.

Antártica.

Amazônia.

Londres.

Tudo conectado.

Elias surgiu silenciosamente no laboratório naquele instante.

Como sombra atravessando fumaça.

Os olhos dele estavam cansados.

Mas estranhamente fascinados.

— Sophia sobreviveu melhor do que o esperado.

Cain soltou um pequeno som metálico atrás da máscara.

— Ela quase destruiu metade do templo.

Elias ignorou.

Os olhos permaneciam presos nos símbolos.

— Ela conseguiu resistir ao Outro Lado mais tempo que qualquer médium anterior.

John finalmente olhou para Elias.

— E Lucas?

O médium permaneceu em silêncio breve.

Depois respondeu:

— Ele continua sendo a peça mais importante.

A água negra nos canais vibrou novamente.

Pequena oscilação.

Mas suficiente para todos perceberem.

John desligou lentamente as projeções.

— A Caixa está acelerando.

O laboratório ficou silencioso.

Até os pesquisadores pararam.

Porque todos ali entendiam o que aquilo significava.

Mais rupturas.

Mais entidades.

Mais sonhos.

Mais proximidade.

Yelena observou o mapa holográfico de Londres surgindo lentamente acima do terminal.

Chuva.

Estações subterrâneas.

Símbolos ocultos abaixo da cidade.

— Então o próximo Fragmento está lá.

John assentiu devagar.

Os olhos perdidos por um instante.

Distantes.

— E quando eles chegarem em Londres…

Ele finalmente ergueu o rosto.

A expressão cansada parecia quase triste agora.

— Lucas vai começar a lembrar.

Silêncio.

Cain inclinou levemente a cabeça.

— Lembrar do quê?

John não respondeu imediatamente.

Apenas observou a água negra correndo lentamente pelos canais do laboratório.

Então falou baixo:

— Do que realmente aconteceu quando ele morreu.

As luzes do laboratório oscilaram violentamente.

A chuva caía sobre os Alpes austríacos quando os Marcados retornaram ao The Vault.

Lenta.

Constante.

O tipo de chuva que fazia o mundo parecer mais silencioso do que realmente era.

Dentro da instalação subterrânea, porém…

o silêncio havia desaparecido há dias.

Alarmes discretos.

Rádios chiando.

Operadores correndo entre setores.

A Orpheus inteira parecia funcionar num estado permanente de ansiedade.

Lucas caminhava pelos corredores carregando o Fragmento dentro de uma maleta ritualística reforçada.

Dois agentes o acompanhavam à distância.

Não escolta.

Precaução.

O objeto pulsava mesmo fechado.

Pequenas vibrações metálicas atravessavam a estrutura da maleta como batimentos cardíacos.

Sophia caminhava ao lado dele.

Mais quieta do que o normal.

Os olhos frequentemente perdiam foco por segundos.

Como se parte dela continuasse ouvindo outra realidade.

Teo vinha logo atrás carregando equipamentos enquanto Mako discutia com operadores técnicos sobre interferência paranormal em sistemas da base.

— Eu tô falando que o problema NÃO É vírus. O computador literalmente começou a sangrar sozinho.

— Isso não ajuda no relatório técnico — respondeu um operador.

— E sangue saindo da entrada USB ajuda?!

Dmitri simplesmente continuou andando.

Ignorando todos.

Aruem já aguardava no laboratório de análise profunda junto de Eleanor Vale.

O ambiente parecia frio demais.

Branco demais.

As paredes estavam cobertas por símbolos de contenção enquanto dezenas de equipamentos analógicos cercavam uma estrutura circular de observação no centro da sala.

Quando Lucas entrou…as luzes oscilaram imediatamente.

O ar pareceu mais pesado.

O Fragmento começou a vibrar imediatamente.

Eleanor observou aquilo em silêncio absoluto.

O glitch ao redor da imagem dela parecia pior agora.

As câmeras próximas apresentavam atrasos constantes.

Reflexos duplicados.

Som distorcido.

Aruem aproximou-se lentamente do Fragmento.

Os olhos fixos na peça metálica pulsando dentro do campo ritualístico.

— Ele está vivo.

Maya surgiu nos monitores da sala.

— Tecnicamente isso não é possível.

Aruem não desviou os olhos.

— Mesmo assim está.

O Fragmentos vibrou outra vez.

E Sophia cambaleou.

Lucas segurou ela imediatamente.

O toque gerou uma pequena descarga elétrica invisível entre os dois.

Os monitores dispararam.

Todos na sala perceberam.

Pequena coisa.

Mas errada.

Sophia fechou os olhos.

Respiração falhando levemente.

Então sussurrou:

— Chuva…

Silêncio.

Aruem observava ela atentamente agora.

Como médica.

Como pesquisadora.

Mas também… como alguém vendo um padrão surgir.

Sophia continuou:

— Escadas… trens… homens sem rosto…

As luzes da sala começaram a oscilar.

Maya imediatamente abriu mapas digitais.

— Talvez Londres?

Mako franziu a testa.

— Por causa da chuva ou dos homens sem rosto?

Ninguém riu.

Sophia apertou a própria cabeça.

Os olhos começando lentamente a escurecer nas bordas.

— Alguma coisa me chama debaixo da cidade.

Lucas percebeu imediatamente a diferença.

Não parecia possessão.

Parecia… ressonância.

Como se o Fragmento estivesse respondendo à presença dela.

Eleanor aproximou-se lentamente.

— Você consegue ver o lugar?

Sophia respirou fundo.

Então a sala desapareceu para ela.

Por um instante… estava novamente no Outro Lado.

Chuva infinita.

Escuridão azulada.

Uma estação subterrânea impossível se estendia abaixo de Londres como um cadáver enterrado sob concreto moderno.

Trilhos enferrujados desapareciam na escuridão.

Figuras sem rosto aguardavam imóveis nas plataformas.

E no final da estação… uma porta colossal pulsava lentamente.

Sophia abriu os olhos violentamente.

Sangue escorreu discretamente pelo nariz.

— Tem outro abaixo da cidade.

Maya ampliou rapidamente imagens da Inglaterra nos monitores.

Falhas elétricas.

Desaparecimentos.

Estações abandonadas reativando sozinhas.

O mundo inteiro começava lentamente a dobrar.

Eleanor observava tudo em silêncio.

Mas os olhos dela permaneciam presos em Lucas e Sophia.

Nos dois.

Na forma como o Fragmento reagia perto deles.

Como se reconhecessem algo familiar.

Aruem percebeu também.

Não falou nada.

Mas anotou alguma coisa discretamente no terminal ao lado.

Então os rádios da sala chiaram simultaneamente.

Uma transmissão global surgiu nos monitores.

Relatos.

Vídeos.

Pânico.

Marés subindo no Japão.

Pessoas sonhando os mesmos símbolos na Rússia.

Crianças desenhando portas negras na Inglaterra.

A Caixa estava começando a tocar o mundo.

E todos ali sentiram a mesma coisa ao mesmo tempo.

Eles estavam ficando sem tempo.

CAPÍTULO 11
O PADRE EXCOMUNGADO

A chuva continuava caindo quando os preparativos começaram.

The Vault parecia funcionar mais rápido agora.

Mais pesado.

Como se toda a instalação soubesse que algo estava se aproximando.

Operadores atravessavam corredores carregando armamentos ritualísticos, caixas seladas e equipamentos de contenção psíquica enquanto Maya coordenava transmissões simultâneas da Inglaterra, Rússia e Japão.

O mundo inteiro estava começando a apresentar rachaduras.

E ninguém conseguia mais esconder isso.

No laboratório principal, o Fragmento recuperado no Brasil permanecia suspenso sozinho dentro do campo ritualístico.

Pulsando.

Respirando.

A peça parecia ainda mais ativa depois da visão de Sophia.

Pequenas ondas de interferência atravessavam constantemente os sistemas da sala.

Aruem observava tudo em silêncio enquanto digitava lentamente no terminal.

Os olhos dela alternavam constantemente entre:

o Fragmento;

Sophia;

e Lucas.

Padrões.

Ela começava a enxergar padrões.

Lucas percebeu.

— Tá me olhando desse jeito faz meia hora.

Aruem não desviou os olhos do monitor.

— Você interfere nos sensores.

— Isso parece problema de vocês.

— Não. Parece problema seu.

Sophia permaneceu sentada próxima da área de observação.

As mãos apertadas contra o próprio colo.

Cansada.

Mas diferente da Argentina… ela parecia mais estável agora.

Como alguém começando lentamente a aceitar uma voz constante dentro da própria cabeça.

Mako aproximou-se com dois cafés horríveis de máquina.

Entregou um para Lucas.

— Você tem cara de quem vai precisar disso antes de Londres.

Lucas observou o líquido suspeito dentro do copo.

— Isso aqui parece que até dissolve metal.

— Provavelmente.

Teo apareceu logo depois carregando mapas subterrâneos do metrô londrino.

— Maya conseguiu acesso parcial às linhas abandonadas.

Maya respondeu imediatamente no comunicador:

— "Parcial" porque metade da infraestrutura inglesa aparentemente enlouqueceu nos últimos dias.

As telas mudaram.

Vídeos surgiram rapidamente.

Estações vazias.

Pessoas desaparecendo nas plataformas.

Câmeras gravando figuras imóveis observando passageiros através dos túneis.

Homens altos.

Magros.

Parados longe demais da luz.

Observadores.

Lucas imediatamente sentiu o estômago apertar.

Sophia ergueu lentamente os olhos para os monitores.

E congelou.

Porque agora… eles olhavam para ela também.

Mesmo nas gravações.

Mesmo através das telas.

A sensação atravessou a sala inteira.

Os Observadores sabiam.

Mako percebeu primeiro.

— Ah não. Não gostei disso.

Os vídeos começaram a falhar.

As figuras apareciam cada vez mais próximas das câmeras.

Mais definidas.

Os rostos alongados surgindo lentamente da escuridão.

Dmitri destravou a arma por instinto.

Até Eleanor pareceu desconfortável.

Sophia respirou fundo.

Os olhos ficando parcialmente negros nas bordas.

— Eles sentem o Fragmento.

Silêncio.

Lucas percebeu outra coisa.

— Não. Eles sentem a gente.

A frase morreu pesada dentro da sala.

Porque ninguém discordou.

Aruem finalmente desviou os olhos dos monitores.

Diretamente para Lucas.

Depois para Sophia.

Como se estivesse muito perto de entender alguma coisa que ainda não conseguia provar.

Então os rádios explodiram em estática.

Todas as luzes apagaram simultaneamente.

Por um segundo… o laboratório inteiro mergulhou na escuridão.

E Lucas ouviu passos.

Lentos.

Molhados.

Muito próximos.

O cheiro veio junto.

Chuva.

Ferrugem.

Carne úmida.

Observadores.

As luzes voltaram violentamente.

Todos ergueram as armas.

Nada estava ali.

Exceto… marcas molhadas no chão da sala.

Pegadas longas demais.

Terminando exatamente diante de Sophia.

Ela observou as marcas em silêncio absoluto.

Depois sussurrou:

— Já começou.

O Fragmento pulsou violentamente dentro do campo ritualístico.

Londres parecia doente.

A chuva caía sem parar sobre a cidade.

Fraca.

Constante.

Cinza.

As ruas estavam cheias.

Mas silenciosas demais.

Pessoas evitavam contato visual.

Estações de metrô fechavam sem explicação.

Câmeras públicas falhavam constantemente.

E em praticamente todos os lugares… existiam relatos de homens observando da chuva.

Os Marcados atravessaram a cidade dentro de duas SUVs pretas da Orpheus enquanto Maya alimentava rotas diretamente do The Vault.

— Nosso informante já está nos aguardando, ele nos deu algumas informações interessantes.

Maya deu uma leve pausa dramática e então continuou.

— Sete desaparecimentos nas últimas quarenta e oito horas próximos às linhas subterrâneas abandonadas.

— A polícia local acredita em cultos urbanos.

— Acho que cultos urbanos são mais fáceis de explicar que criaturas interdimensionais — Mako respondeu do banco traseiro.

Lucas observava a cidade pela janela.

Os Observadores estavam ali.

Ele sentia.

Às vezes via silhuetas imóveis refletidas nos vidros dos prédios.

Outras vezes… somente sensação.

Sophia permanecia quieta ao lado dele.

Os olhos dela acompanhavam a chuva escorrendo pela janela.

Como se estivesse ouvindo alguma coisa dentro dela.

Dmitri dirigia o primeiro veículo.

Teo observava mapas físicos do metrô espalhados sobre o colo.

Mako alternava entre notebook, scanners e três rádios diferentes simultaneamente.

— Tá. Definitivamente tem alguma coisa errada nessa cidade.

— Você diz isso sobre toda cidade que a gente passa — Aruem comentou calmamente.

— Sim. Mas geralmente eu estou certo.

Silêncio.

Porque ninguém tinha certeza se aquilo era piada.

O comboio finalmente parou diante de uma igreja esquecida entre ruas estreitas de Whitechapel.

Velha.

Úmida.

Quase abandonada.

A cruz acima da entrada estava parcialmente quebrada.

E símbolos ocultos haviam sido gravados discretamente na madeira das portas.

Sophia congelou assim que saiu do carro.

Ela reconhecia aquele lugar.

Mesmo sem lembrar completamente.

Pequenos fragmentos surgiram na mente dela.

Velas.

Mãos segurando as dela.

Orações em latim.

E chuva.

Sempre chuva.

Lucas percebeu imediatamente.

— Sophia?

Ela demorou alguns segundos para responder.

— Eu já estive aqui.

A porta da igreja abriu lentamente antes que alguém pudesse bater.

O cheiro de cigarro veio primeiro.

Depois whisky.

E então uma figura apareceu na penumbra.

Grande.

Cansado.

Barba grisalha desorganizada.

O sobretudo clerical negro estava molhado pela chuva e parcialmente queimado nas mangas.

Um crucifixo pesado balançava no peito dele enquanto segurava um cigarro aceso entre os dedos.

Os olhos encontraram Sophia imediatamente.

E algo dentro dele pareceu quebrar por um segundo.

— Meu Deus…

A voz saiu baixa.

Humana.

Sophia permaneceu imóvel.

O rosto dela completamente sem expressão agora.

O homem tragou lentamente o cigarro.

Tentando esconder nervosismo.

Falhando.

— Você cresceu.

Silêncio absoluto.

A igreja atrás dele parecia errada por dentro.

Maior do que deveria.

Corredores escuros desapareciam além do salão principal enquanto símbolos ritualísticos cobriam discretamente as paredes próximas ao altar.

Lucas imediatamente percebeu armadilhas de contenção espalhadas pelo local inteiro.

Aruem também percebeu.

E anotou mentalmente cada símbolo.

O padre finalmente desviou os olhos para o resto da equipe.

— Sou Father Malcolm Reed — disse ele. — Então a Orpheus finalmente resolveu escutar um velho excomungado.

Dmitri respondeu seco:

— Depende do que você sabe.

Malcolm soltou fumaça lentamente.

Os olhos cansados voltando para Sophia.

— Eu sei que algo está acordando debaixo dessa cidade.

A chuva aumentou lá fora.

A igreja agora parecia respirar.

Madeira antiga estalava lentamente.

Velas tremeluziam sem vento.

Sombras se moviam pelos corredores laterais como pessoas passando atrás de cortinas.

Malcolm guiou os Marcados até uma antiga sala de estudos atrás do altar principal.

Livros empilhados até o teto.

Mapas subterrâneos de Londres presos nas paredes.

Símbolos riscados em dezenas de páginas abertas.

O cheiro de mofo, tabaco e vinho velho impregnava tudo.

Mako encarou um desenho preso numa das paredes.

— Isso aqui definitivamente parece o esconderijo de um padre normal e mentalmente saudável.

— Obrigado — Malcolm respondeu enquanto servia whisky em um copo rachado. — Tento manter uma estética consistente.

Teo soltou uma risada baixa.

Dmitri não riu.

Aruem permanecia observando cada detalhe do local atentamente.

Lucas observava Sophia.

Ela permanecia imóvel perto da janela.

A chuva refletia nos olhos dela.

Malcolm também observava.

Com culpa.

Pesada.

Antiga.

Finalmente ele falou.

— Você deve me odiar.

Sophia não respondeu.

— Eu odiei — ela disse por fim. — Durante muito tempo. Não mais.

O silêncio tomou conta da sala.

Até mesmo Mako fechou o notebook devagar.

Malcolm assentiu lentamente.

Como alguém aceitando uma sentença antiga.

— Você tinha três anos quando chegou aqui. Não falava. Não dormia. E as luzes explodiam quando você chorava.

Sophia abaixou levemente os olhos.

Memórias começaram a voltar.

Quartos frios.

Orações.

Pessoas assustadas olhando para ela.

— Eu tentei esconder você da Igreja.

Malcolm tragou o cigarro.

— Mas começaram os eventos paranormais.

A palavra pareceu errada saindo da boca dele.

— Crianças falando línguas mortas perto de você. Pessoas vendo mortos. Animais aparecendo mutilados ao redor da igreja.

Ele encarou Sophia diretamente agora.

— E então você começou a desenhar portas.

Lucas observou a tensão crescer no rosto dela.

Sophia raramente demonstrava emoções fortes.

Mas aquilo… aquilo atravessava alguma parte profunda demais.

— Você me entregou.

A voz dela saiu baixa.

Sem raiva.

O que era pior.

Malcolm fechou os olhos por um instante.

— Eu entreguei você para Eleanor.

A chuva aumentou do lado de fora.

— Porque a Orpheus era o único lugar no mundo que talvez pudesse impedir você de morrer… ou de destruir alguma coisa sem querer.

Sophia ficou em silêncio.

Os dedos apertando lentamente o rosário preso ao colete.

Lucas percebeu imediatamente.

Ela estava tentando manter controle emocional.

E emocional significava psíquico.

Sempre.

Malcolm olhou para Lucas então.

Os olhos cansados ficando mais sérios.

— E você… seu caso é pior.

Lucas arqueou levemente a sobrancelha.

— Obrigado, padre.

— Estou falando sério.

O ambiente pareceu esfriar alguns graus.

Malcolm caminhou até uma parede coberta de mapas antigos do subterrâneo londrino.

Atrás deles havia símbolos desenhados à mão.

E figuras humanas deformadas.

Algumas sem rosto.

Outras… sem pele.

— Existem coisas antigas vivendo abaixo dessa cidade há muito tempo.

Ele apontou para um dos símbolos.

Um círculo incompleto.

— Entidades que estavam aqui antes de nós. Antes de impérios. Antes de religião.

Aruem observava tudo em silêncio absoluto.

Registrando cada palavra.

— Algumas delas querem destruir a humanidade — Malcolm continuou. — Mas outras…

Ele hesitou.

Como se tivesse medo da própria frase.

— Outras querem substituir a humanidade.

Silêncio.

— Elas aprenderam observando a gente. Aprenderam linguagem. Comportamento. Memória.

O padre apontou para Sophia.

— E aprenderam principalmente observando pessoas tocadas pelo Outro Lado.

Sophia ergueu os olhos lentamente.

— Os Observadores.

Malcolm assentiu.

— Eles não são soldados. Nem predadores.

O cigarro queimava lentamente entre os dedos dele.

— São testemunhas.

Lucas sentiu um arrepio subir pela espinha.

Porque aquilo… de alguma forma… era pior.

Malcolm então caminhou até uma velha mesa de madeira no fundo da sala.

E puxou um mapa antigo parcialmente queimado.

Nele existia apenas uma frase escrita repetidas vezes em latim:

SUB GLACIE CIVITAS VIVIT.

Sob o gelo, a cidade vive.

— Existe uma cidade enterrada sob a Antártica — Malcolm disse. — E tudo aponta para ela.

O silêncio ficou pesado imediatamente.

Sophia encarou o mapa.

Os dedos tremendo quase imperceptivelmente.

Ela conhecia aquele símbolo.

Porque já havia desenhado aquilo antes.

Nos seus sonhos.

A chuva piorou quando deixaram a igreja.

Londres parecia afundar lentamente sob água e névoa.

Sirene distante.

Luzes vermelhas refletindo no asfalto molhado.

O metrô vibrando sob os pés como um coração enterrado.

Father Malcolm guiava o grupo pelas ruas estreitas do East End usando um guarda-chuva velho que mal cobria o próprio corpo.

Lucas caminhava na frente.

Fuzil escondido embaixo da capa de chuva negra.

Olhos atentos.

Sophia vinha logo atrás dele.

Quieta demais.

Desde o mapa da Antártica ela parecia distante. Como se parte dela ainda estivesse naquela sala.

Mako andava mexendo em um scanner improvisado conectado ao notebook preso no peito.

— A radiação não é normal aqui.

— Defina o "não é normal" — Teo perguntou.

— O aparelho tá captando alteração magnética, frequência eletromagnética e… acho que eco neural.

Dmitri olhou para trás.

— Eco neural?

— Tipo… o lugar tá pensando.

Silêncio.

— Odeio quando ele fala essas coisas — Teo murmurou.

Malcolm parou diante de uma antiga estação de metrô abandonada.

A placa enferrujada dizia:

ALDWYCH STATION.

Fechada oficialmente há décadas.

Mas uma luz fraca pulsava escada abaixo.

Como respiração.

Lucas encarou o padre.

— Você vem conosco?

Malcolm soltou fumaça lentamente.

— Não. Eu já fui lá uma vez...

O jeito como ele disse aquilo bastou.

Ninguém perguntou detalhes.

Sophia observou a entrada escura.

O ar vindo lá de baixo era frio demais.

Velho demais.

Como o interior de um túmulo.

Malcolm então segurou o braço dela suavemente.

— Sophia…

Ela virou o rosto.

— O que quer que esteja chamando você… não é Deus.

Os olhos dela vacilaram por um instante.

Só por um instante.

Então ela soltou o braço devagar.

— Eu sei.

E começou a descer.

As luzes da estação piscavam.

Tubos fluorescentes antigos zumbiam acima deles enquanto desciam cada vez mais fundo.

Água escorria pelas paredes.

O cheiro era horrível.

Mofo.

Ferrugem.

E algo orgânico.

Como carne esquecida.

Mako olhava ao redor enquanto digitava nervosamente.

— Isso aqui não aparece em mapa nenhum do metrô atual.

— Porque essa parte foi selada pela Orpheus há vinte anos — Maya respondeu pelo rádio. — Oficialmente, houve um vazamento químico.

— E extraoficialmente?

Silêncio no rádio.

— Cento e sete desaparecidos em poucos meses.

Mako fechou a boca.

Os trilhos terminavam abruptamente mais à frente.

Além deles…

existia uma parede.

Não de concreto.

Mas de pedra negra.

Lisa.

Imensa.

Símbolos haviam sido gravados nela de cima a baixo.

Símbolos iguais aos que Sophia desenhava dormindo.

Lucas sentiu a cicatriz em seu pescoço pulsar imediatamente.

Dor.

Fria.

Os Observadores estavam perto.

Muito perto.

Sophia se aproximou lentamente da parede.

Os olhos desfocados.

Respiração rasa.

Então ela tocou a superfície negra.

O metrô inteiro tremeu.

As luzes explodiram.

Mako xingou alto.

Dmitri ergueu o rifle instantaneamente.

E então… eles ouviram passos.

Atrás deles.

Lentos.

Arrastados.

Lucas virou primeiro.

Figuras começaram a surgir no túnel escuro.

Altas.

Magras.

Longos membros tortos.

Os Observadores.

Dessa vez havia muitos.

Dezenas.

Os rostos imóveis observando o grupo sem emoção alguma.

Teo engatilhou o fuzil.

— Caralho…

Os Observadores começaram a avançar.

Devagar.

Como pessoas caminhando dentro d'água.

Lucas ergueu a arma.

— Sophia!

Ela permanecia imóvel diante da parede negra.

Sussurrando algo numa língua impossível.

Os símbolos começaram a brilhar.

A pedra tremeu.

E então… uma linha vertical apareceu no centro da parede.

Como um olho se abrindo.

A Porta Negra.

— Incrível... — pontuou Aruem.

Os Observadores aceleraram imediatamente.

Agora correndo.

Rápido demais.

Disparos ecoaram pelo túnel.

Dmitri abriu fogo primeiro.

Os tiros atravessavam algumas criaturas.

Outras cambaleavam apenas por segundos antes de continuar avançando.

Lucas empurrou Sophia para dentro.

— VAI!

A porta começou a abrir ainda mais.

Mas o que existia do outro lado… não parecia Londres.

Parecia um corredor de hotel.

Iluminado por lustres antigos.

Quente.

Silencioso.

Um Observador quase alcançou Teo.

Dmitri o derrubou com uma rajada.

— ENTREM!

Os Marcados atravessaram a porta um por um.

Lucas foi o último.

E antes de atravessar… olhou para trás.

Os Observadores haviam parado.

Todos imóveis.

Observando.

Como se não pudessem entrar.

Ou talvez… como se estivessem esperando.

A Porta Negra se fechou atrás deles.

E o silêncio veio imediatamente.

Um silêncio absoluto.

Pesado.

Artificial.

Na frente deles existia apenas um longo corredor vermelho.

Tapetes antigos.

Portas infinitas.

E um pequeno sino dourado tocando sozinho sobre um balcão vazio.

CAPÍTULO 12
O HOTEL IMPOSSÍVEL

O silêncio do hotel era errado.

Não era ausência de som.

Era como se o próprio lugar estivesse abafando o mundo.

Os Marcados permaneceram imóveis por alguns segundos diante do corredor vermelho.

Tapete escuro.

Papel de parede dourado.

Lustres antigos iluminando tudo com uma luz quente demais.

Nenhuma poeira.

Nenhum cheiro de mofo.

Nenhum som de vento.

Apenas… silêncio.

Mako olhou lentamente para trás.

A Porta Negra havia desaparecido.

No lugar dela agora existia apenas uma parede comum.

— Não... Não gosto disso.

Teo bateu na parede.

Sólida.

Sem marca alguma.

— Ótimo. Estamos presos numa porra de hotel fantasma dimensional.

— Tecnicamente — Aruem corrigiu calmamente — não sabemos se isso é um hotel.

Mako encarou ela.

— Bem, parece um hotel.

Sophia permanecia olhando para frente.

Os olhos fixos no corredor.

Como se escutasse algo distante.

Lucas percebeu primeiro.

— Sophia.

Ela piscou devagar.

— Tem alguém chorando.

O grupo ficou imóvel.

Dmitri apertou sua arma imediatamente.

— Eu não ouço nada.

— Nem eu — Maya respondeu pelo rádio.

A voz dela chiava fortemente agora.

Interferência.

Muita.

— O sinal vai ficar instável daqui pra frente.

Mako abriu o notebook.

As telas enlouqueceram imediatamente.

Números mudavam rápido demais.

Mapas se reconstruíam sozinhos.

Linhas apareciam fora do monitor.

Como rachaduras digitais.

— Ok… isso definitivamente não é um lugar normal.

Lucas começou a andar.

Os outros seguiram.

Os passos afundavam levemente no tapete vermelho.

O corredor parecia longo demais.

Muito mais longo do que deveria.

Portas alinhadas dos dois lados.

Todas numeradas.

Mas os números… mudavam.

302.

313.

307.

30∞.

Teo parou.

— Vocês viram isso, né?

A placa de uma das portas acabara de mudar diante deles.

Mako fotografou.

A imagem no celular saiu completamente preta.

— Lugar amaldiçoado nível premium.

Sophia parou subitamente.

O grupo quase esbarrou nela.

Ela encarava uma porta específica.

214.

A madeira vibrava levemente.

Como respiração.

Lucas se aproximou.

— O que foi?

Sophia parecia distante.

— Tem alguém chorando aí dentro.

Silêncio.

Lucas ergueu lentamente o fuzil.

— Dmitri.

O russo se aproximou da porta.

Posição tática.

Respiração controlada.

Então abriu.

O quarto do outro lado… não era um quarto.

Era uma praia.

Escura.

Tempestuosa.

Ondas gigantescas batiam contra rochas negras sob um céu sem estrelas.

O vento gelado invadiu o corredor instantaneamente.

Teo recuou um passo.

— Que porra… Terra Del Fuego.

Mako olhava fixamente para dentro.

— Isso… isso não é possível.

Sophia sussurrou algo baixo.

Lucas olhou para ela.

— O que foi?

Ela continuava olhando o oceano impossível.

— Tem algo... aí.

Então… alguma coisa emergiu da água distante.

Gigantesca.

Alta demais.

Apenas uma silhueta.

Parcialmente humana.

Apenas parcialmente…

A porta bateu sozinha violentamente.

BANG.

Todos apontaram armas imediatamente.

Silêncio outra vez.

Pesado.

Lucas sentiu o pescoço latejar.

A cicatriz queimando sob a pele.

Os Observadores estavam perto.

Muito perto.

As luzes do corredor começaram a oscilar lentamente.

Um lustre apagou.

Depois outro.

Depois outro.

O corredor atrás deles ficou escuro.

E alguma coisa respirou na escuridão.

Mako virou lentamente.

O notebook tremendo nas mãos.

— Lucas…

No fim do corredor…

uma figura imóvel observava o grupo.

Alta.

Magra.

Sem rosto.

O primeiro Observador havia encontrado o hotel também.

O Observador não se moveu.

Permaneceu imóvel no fim do corredor.

Alto.

Silencioso.

Como uma sombra tentando aprender o formato de uma pessoa.

Lucas manteve o fuzil apontado.

— Não atirem ainda.

A criatura inclinou lentamente a cabeça.

Depois…

desapareceu.

Não andando.

Não correndo.

Simplesmente deixou de existir.

O corredor voltou ao silêncio absoluto.

Mako respirou fundo.

— Certo. Agora eu oficialmente odeio esse lugar mais do que qualquer outro lugar em que já estive. E eu já estive em Brasília.

Teo soltou uma risada curta pelo nariz.

Então as luzes piscaram novamente.

O corredor mudou.

Literalmente mudou.

As paredes estremeceram como músculos contraindo.

Portas deslizaram alguns centímetros.

O tapete se estendeu.

O teto ficou mais alto.

Mako deu um passo para trás imediatamente.

— NÃO. NÃO. O prédio acabou de se mexer.

Aruem observava tudo atentamente.

Os olhos analisando padrões invisíveis.

— A geometria não está fixa.

Lucas olhou para ela.

— Explica.

— O hotel está reorganizando espaço interno em tempo real. Como se arquitetura fosse apenas… uma sugestão.

— Ótimo — Teo murmurou.

Sophia levou a mão lentamente até a cabeça.

As vozes estavam mais fortes agora.

Sussurrando atrás das paredes.

Dentro da ventilação.

Dentro das luzes.

Centenas delas.

Chamando.

Pedindo.

Rezando.

Chorando.

Ela apertou os olhos.

— Eles morreram aqui.

Lucas imediatamente olhou para ela.

— Quem?

Sophia demorou alguns segundos para responder.

Quando respondeu… a voz saiu estranha.

Baixa.

Distante.

— Pessoas que entraram e nunca conseguiram sair.

Silêncio.

Até Maya ficou quieta no rádio.

Então uma porta se abriu sozinha alguns metros à frente.

Devagar.

Creeeeec.

Dmitri ergueu o rifle instantaneamente.

Lá dentro havia outro corredor.

Mas não daquele hotel.

Era um corredor hospitalar.

Luzes fluorescentes.

Macas abandonadas.

Sangue seco nas paredes.

Mako encarou aquilo.

— Isso é outra dimensão? Outra época? O quê?

Aruem respondeu sem emoção:

— Talvez tudo ao mesmo tempo.

Lucas sentiu o estômago apertar.

Porque ele reconhecia aquele lugar.

O corredor do Protocolo Lázaro.

Ele entrou antes que alguém pudesse impedir.

— Lucas! — Teo chamou.

Mas ele já estava andando.

Os outros seguiram rapidamente.

O ar dentro do corredor era frio.

Cirúrgico.

Cheiro de desinfetante velho e carne podre.

As luzes piscavam acima deles.

Mako observava as paredes.

— Isso não pode existir aqui…

Lucas parou lentamente diante de uma porta metálica.

LÁZARO — SALA 03

A respiração dele ficou pesada imediatamente.

Sophia percebeu.

— Lucas…

Ele abriu.

Dentro da sala… existia apenas uma cadeira metálica.

Correias.

Sangue seco.

E um homem morto sentado nela.

A cabeça caída para o lado.

Pescoço quebrado.

Mesmo rosto.

Mesmo corpo.

Mesmo corte no supercílio.

Lucas estava olhando para si mesmo.

Mako empalideceu imediatamente.

— Ah não… ah não… que porra é essa?

O cadáver ergueu lentamente a cabeça.

O som dos ossos estalando ecoou pela sala.

Crack.

Crack.

Crack.

Os olhos mortos encararam Lucas diretamente.

Então o corpo sorriu.

Lucas recuou um passo involuntariamente.

O cadáver falou com sua própria voz:

— Você devia ter ficado morto.

As luzes explodiram.

BANG.

Escuridão total.

Sophia sentiu algo atravessar o corredor.

Rápido.

Muitos passos.

Muitos.

Os Observadores estavam entrando no hotel e o hotel parecia feliz com isso.

A escuridão durou apenas alguns segundos.

Mas dentro do Hotel Impossível… segundos não significavam muita coisa.

Quando as luzes voltaram… o corredor havia mudado novamente.

As paredes estavam mais estreitas.

O papel de parede agora parecia úmido.

As lâmpadas pendiam tortas do teto.

E o cadáver de Lucas havia desaparecido.

Como se nunca tivesse existido.

Mako respirava rápido.

Rápido demais.

Os olhos percorriam cada centímetro do ambiente.

Cada porta.

Cada sombra.

Cada reflexo.

— Não. Não. Não. Não.

Lucas olhou para ele.

— Mako.

— Isso não é real.

— Eu sei.

— NÃO. Você não entendeu.

A voz saiu mais alta.

Mais nervosa.

— Isso aqui não segue regra nenhuma. Não segue matemática. Não segue física. Não segue lógica.

Ele apontou para o corredor.

— O corredor acabou de mudar de tamanho três vezes.

Silêncio.

— Eu medi.

Aquilo era a parte mais assustadora.

Porque Mako estava certo.

Lucas tinha visto também.

O hotel crescia.

Mudava.

Respirava.

Como uma criatura adormecida.

Sophia continuava imóvel.

Os olhos fechados.

A mão pressionada contra a parede.

Escutando.

Não o hotel.

Outra coisa.

Mais profunda.

Mais distante.

Aruem percebeu.

— Sophia?

Ela não respondeu.

Porque naquele momento… já não estava completamente ali.

A chuva caía do Outro Lado.

Infinita.

Escura.

Fria.

Sophia caminhava sozinha entre corredores impossíveis construídos de pedra negra e sombras líquidas.

Não existia hotel.

Não existia Londres.

Não existia realidade.

Somente ecos.

Milhares deles.

Vozes.

Memórias.

Mortos.

E algo observando tudo.

Lá longe.

Sempre lá longe.

Ela viu portas.

Centenas.

Milhares.

Todas abertas.

Todas levando para lugares diferentes.

Uma delas mostrava a Antártica.

Outra mostrava uma cidade enterrada sob gelo.

Outra… mostrava Lucas.

Morto.

Outra vez.

E outra.

E outra.

Como se existissem infinitas versões daquele momento.

Outra mostrava um artefato emitindo energia.

Então Sophia ouviu alguém chamando.

Uma voz que não era nem masculina e nem feminina, que era humana e ao mesmo tempo não o era.

Calma.

Velha.

Antiga.

Profunda.

— Já é quase hora.

Sophia virou.

Mas não havia ninguém.

Somente a chuva.

E a sensação de que algo gigantesco caminhava atrás das portas.

CAPÍTULO 13
O HOMEM GRISALHO

No hotel… Sophia abriu os olhos violentamente.
Os olhos completamente negros por um segundo.
Depois voltaram ao normal.
Mas ela estava pálida.
Muito pálida.
Lucas percebeu imediatamente.
— O que você viu?
Sophia demorou alguns segundos para responder.
— Portas.
Silêncio.
— Muitas portas e em uma delas... o artefato.
As luzes piscaram novamente.
E então o corredor desapareceu.
Literalmente.
O grupo piscou.
E agora estavam em outro lugar.
Nenhum deles havia andado.
Nenhum deles havia se movido.
Mas estavam em outro lugar.

Um saguão.
Velho.
Gigantesco.
Relógios ocupavam todas as paredes.
Centenas deles.
Todos marcando horários diferentes.
Todos funcionando ao contrário.
Mako simplesmente ficou olhando.
Imóvel.
Como alguém observando a própria sanidade escorrer pelo ralo.
— Tá.
Silêncio.
— Tá.
Outro silêncio.
— Eu acho que tô começando a enlouquecer.
Teo respondeu imediatamente.
— Começando?
— Isso não ajuda.
Aruem observava os relógios.
Um deles marcava:
03:17.
Outro:
11:62.
Outro:
Ontem.
Outro:
Nunca.
Aruem desviou o olhar.
Até ela parecia desconfortável agora.
Então Lucas viu alguém.
No final do saguão.
Sentado sozinho numa poltrona.
Observando o grupo.

O homem era velho.
Muito velho.
Os cabelos completamente grisalhos.
A barba crescida.
O rosto coberto por cicatrizes.
Mas Lucas o reconheceu imediatamente.
Porque estava olhando para si mesmo.
Todos os sons desapareceram.
O hotel desapareceu.
Os Marcados desapareceram.
Só existiam os dois.
Lucas caminhou lentamente.
Sem perceber.
Sem decidir.
Como se estivesse sonhando.
A versão mais velha dele permaneceu sentada.
Esperando.
Calma.
Cansada.
Os olhos carregavam décadas de sofrimento.
Décadas.
Não anos.
Décadas.
Lucas parou diante dele.
— Quem é você?
O homem sorriu.
Pequeno.
Triste.
— Você sabe.
Silêncio.
— Não.
— Sim.
A resposta saiu imediata.
Natural.

Como verdade.

Lucas sentiu a garganta secar.

— Isso não é possível.

O homem observou os relógios ao redor.

Todos girando ao contrário.

— Nada aqui é possível.

Outro silêncio.

Então Lucas perguntou:

— O que é este lugar?

A versão mais velha dele demorou alguns segundos para responder.

Quando respondeu… a voz parecia carregada de exaustão.

Como alguém repetindo a mesma frase há muito tempo.

— Uma cicatriz... no espaço-tempo.

Lucas não entendeu.

Mas antes que pudesse perguntar… o homem ergueu os olhos.

E pela primeira vez… pareceu assustado.

Realmente assustado.

— Lucas.

A voz ficou séria.

Pesada.

— Escuta com atenção.

Os relógios começaram a parar.

Um por um.

O hotel inteiro pareceu prender a respiração.

E então o homem falou:

— Você nunca saiu verdadeiramente de lá... você ainda está lá! Você consegue entender?

Silêncio.

Absoluto.

Os olhos de Lucas arregalaram.

Porque alguma parte dele… alguma parte muito profunda… já sabia disso.

E naquele exato instante… todos os relógios do hotel pararam ao mesmo tempo.

E diversas figuras começaram a se aproximar finalmente.

O hotel gritou.

O som atravessou paredes.

Tetos.

Portas.

Os próprios ossos dos Marcados.

Mako caiu de joelhos imediatamente.

As mãos pressionadas contra os ouvidos.

— PARA!

A voz saiu quase em pânico.

— FAZ PARAR!

As paredes começaram a sangrar.

Pequenas linhas vermelhas escorrendo pelo papel de parede dourado.

As lâmpadas começaram a pulsar.

Ligando.

Desligando.

Ligando.

Desligando.

Em cada apagão… o saguão parecia diferente.

Maior.

Mais profundo.

Mais distante.

Aruem observava aquilo com o rosto completamente imóvel.

Mas algo dentro dela estava assustado.

Dmitri engatilhou a arma.

— Contato.

Todos viraram.

O corredor atrás deles havia desaparecido.

Agora existia apenas um enorme salão.

Infinito.

Colunas negras surgiam até onde a vista alcançava.

Tapetes vermelhos atravessavam a escuridão.

E entre as colunas… eles estavam esperando.

Observadores.

Dezenas.

Centenas.

Talvez milhares.

Imóveis.

Silenciosos.

Todos olhando para Lucas.

Nenhum para Dmitri.

Nenhum para Teo.

Nenhum para Mako.

Somente Lucas.

Como se ele fosse a única pessoa realmente presente naquele lugar.

Mako começou a rir.

Baixo.

Nervoso.

Errado.

— Ah...

A risada aumentou.

— Ah não.

Mais alta.

— Ah não não não não não...

Lucas virou imediatamente.

— Mako!

Mas o brasileiro já estava olhando para alguma coisa que ninguém mais conseguia ver.

Os olhos arregalados.

As pupilas dilatadas.

— Tem mais gente aqui.

Silêncio.

— Eles estão atrás das paredes.

Teo segurou o ombro dele.

— Mako.

— Não. Não. Eles estão olhando.

A voz falhou.

— Eles estão olhando desde antes da gente entrar.

Sophia avançou imediatamente.

Segurou o rosto dele com ambas as mãos.

— Mako.

A voz dela atravessou o caos.

Calma.

Firme.

Humana.

Os olhos dele encontraram os dela.

Por um instante.

Apenas um instante.

E a respiração desacelerou.

As mãos pararam de tremer.

Sophia fechou os olhos.

O rosário preso ao pulso começou a vibrar.

Pequenos símbolos luminosos surgiram ao redor dela.

Discretos.

Quase invisíveis.

Não era um ataque.

Não era poder bruto.

Era contenção.

Uma âncora.

Algo para impedir que a mente do grupo se despedaçasse junto com o hotel.

Lucas observou aquilo.

Mais uma vez.

Sophia fazia parecer fácil.

Mas ele sabia.

Cada vez que ela tocava o Outro Lado… alguma coisa também tocava ela de volta.

As luzes explodiram novamente.

E então os Observadores começaram a se mover.

Dessa vez não caminharam.

Não correram.

Eles simplesmente apareceram mais perto.

Como cortes em um filme antigo.

Mais perto.

Mais perto.

Mais perto.

Até que o primeiro surgiu entre as colunas.

Tangível.

Real.

Dmitri abriu fogo imediatamente.

O estampido ecoou pelo salão.

O Observador foi lançado para trás.

Mas outros tomaram seu lugar.

Dezenas.

Centenas.

Avançando em silêncio absoluto.

Lucas ergueu o fuzil.

Teo abriu fogo pela lateral.

Aruem sacou as lâminas.

O Hotel Impossível finalmente mostrava seus dentes.

No centro do salão surgiu uma porta.

Diferente das outras.

Negra.

Antiga.

Coberta pelos mesmos símbolos vistos na Amazônia.

Na Argentina.

Na Antártica dos sonhos.

O Fragmento.

Sophia percebeu antes de todos.

Os olhos ficando brevemente negros.

— Está ali.

Lucas seguiu o olhar dela.

No coração da porta.

Preso dentro da madeira impossivelmente escura.

O terceiro Artefato.

Pulsando.

Chamando.

Esperando.

Mas havia um problema.

Os Observadores também estavam indo para lá.

E agora não pareciam guardiões.

Pareciam fiéis.

Como uma congregação protegendo algo sagrado.

Lucas sentiu a cicatriz no pescoço queimar.

Dor.

Fria.

Profunda.

Os Observadores pararam por um instante.

Todos.

Ao mesmo tempo.

Então ergueram lentamente os rostos.

Como se estivessem ouvindo uma ordem.

Vinda de algum lugar muito distante.

Muito antigo.

O salão infinito se tornava a recepção do hotel e logo mais voltava a se tornar apenas um salão infinito.

O Hotel Impossível estava morrendo.

Ou talvez estivesse acordando.

Ninguém conseguia dizer a diferença.

As colunas desapareciam e retornavam.

Os corredores dobravam sobre si mesmos.

Portas surgiam no teto.

Janelas apareciam no chão.

A realidade inteira parecia sofrer convulsões.

E no centro daquele pesadelo…

o terceiro Fragmento continuava pulsando.

Esperando.

Os Observadores avançaram.

Centenas deles.

Silenciosos.

Implacáveis.

Como uma maré.

Dmitri descarregou a arma pesada.

O rugido dos disparos atravessou o salão.

Observadores explodiam contra colunas.

Outros simplesmente tomavam seus lugares.

Teo avançou pela lateral.

Movimentos rápidos.

Precisos.

Cada disparo abrindo espaço por alguns segundos antes da multidão voltar a se fechar.

Aruem desaparecia entre sombras.

Lâminas surgindo e sumindo como reflexos.

Mas nem ela conseguia conter aquela quantidade.

Lucas percebeu imediatamente.

Não dava para vencer.

Só sobreviver.

— O FRAGMENTO!

Sophia já estava correndo.

Os crucifixos presos ao colete batiam contra o peito enquanto ela avançava pelo salão impossível.

Os Observadores mudaram imediatamente de direção.

Todos.

Como uma única mente.

Como uma única criatura dividida em milhares de corpos.

Eles estavam protegendo o Artefato.

Lucas correu atrás dela.

A cicatriz no pescoço queimava.

A mesma sensação de quando havia retornado da morte.

A mesma sensação de quando os Observadores apareciam.

Mas agora havia outra coisa.

Uma espécie de puxão.

Como se o Fragmento estivesse reconhecendo ambos.

Sophia alcançou a porta primeiro.

Os símbolos gravados nela começaram a brilhar.

Lentamente.

Depois mais forte.

Depois violentamente.

A madeira negra pareceu respirar.

Os Observadores estavam quase alcançando ela.

Então Lucas segurou o braço dela.

E tudo parou.

Por um segundo.

Somente um segundo.

Mas suficiente.

O salão inteiro congelou.

Os Observadores ficaram imóveis.

As paredes pararam de mudar.

Até o Hotel pareceu prender a respiração.

Lucas e Sophia sentiram aquilo ao mesmo tempo.

Uma conexão.

Muito antiga.

Muito profunda.

O Outro Lado.

O Fragmento respondeu.

Luz negra atravessou os símbolos da porta.

E pela primeira vez desde que entraram no hotel… a realidade ficou estável.

Apenas por alguns segundos.

Mas estável.

Sophia arregalou os olhos.

Ela sentiu também.

Lucas sentiu.

Nenhum dos dois compreendia totalmente o que acabara de acontecer.

Mas ambos sabiam.

Aquilo era importante.

Muito importante.

Então o Fragmento se soltou.

A peça negra caiu diretamente nas mãos de Sophia.

E o Hotel gritou.

O som atravessou tudo.

Corredores.

Portas.

Memórias.

O Hotel Impossível estava colapsando.

De verdade agora.

As colunas começaram a desaparecer no vazio.

O tapete vermelho rasgava-se revelando escuridão infinita abaixo.

Observadores começaram a cair.

Centenas deles.

Desaparecendo no nada.

Mesmo assim continuavam avançando.

Continuavam observando.

Continuavam vindo.

— PRECISAMOS SAIR! — Teo gritou.

— ESTOU TENTANDO DESCOBRIR COMO! — Mako respondeu.

Aruem parou abruptamente.

Os olhos fixos numa das paredes.

Algo estava errado.

Mais errado do que o resto.

Uma rachadura.

Pequena.

Quase invisível.

Mas não era uma rachadura no hotel.

Parecia uma rachadura na própria realidade.

Do outro lado…

ela viu concreto.

Canos.

Escuridão.

O subterrâneo de Londres.

— AQUI!

Todos olharam.

Aruem já estava correndo.

— É uma ruptura!

Dmitri imediatamente abriu caminho.

Rajadas pesadas empurraram os Observadores para trás.

Lucas segurou Sophia.

Teo puxou Mako praticamente pelo colarinho.

E os Marcados correram.

O Hotel desmoronava ao redor deles.

Portas desapareciam.

Escadas caíam no vazio.

Corredores dobravam sobre si mesmos.

A rachadura diminuía.
Fechando.
Como uma ferida cicatrizando.
— VAMOS!
Aruem atravessou primeiro.
Depois Teo.
Mako.
Dmitri.
Sophia.
Lucas foi o último.
Um Observador quase alcançou sua perna.
Os dedos longos tocaram a barra da calça.
Por um instante.
Um único instante.
Lucas ouviu uma voz.
Diretamente dentro da mente.
Não masculina.
Não feminina.
Algo diferente.
Antigo.
Faminto.
— Ainda estamos olhando.
Então a ruptura se fechou.
O silêncio voltou.
Frio.
Úmido.
Real.
Os Marcados haviam retornado aos túneis subterrâneos de Londres.
Todos estavam ofegantes.
Cobertos de suor.
Sangue.
Poeira.
Mas vivos.

O terceiro Fragmento brilhava fracamente nas mãos de Sophia.

Maya surgiu imediatamente no rádio.

— Respondam. Respondam. Alguém responda.

Mako apertou o comunicador.

— Ainda vivos.

Silêncio.

Então:

— Graças a Deus. Eu perdi vocês horas atrás.

— Ainda não tenho certeza se Ele tá envolvido nisso — respondeu Mako.

Quinze minutos depois.

Outra equipe entrou nos túneis.

Uniformes negros.

Máscaras.

Operadores da Black Sun.

Cain caminhava na frente.

Yelena logo atrás.

Elias permaneceu imóvel observando a escuridão.

Eles chegaram tarde.

Mais uma vez.

A única coisa restante era a rachadura fechada.

E o silêncio.

Cain encontrou algo no chão.

Uma cápsula vazia de munição.

Ele apertou o metal entre os dedos.

Raiva silenciosa.

Yelena observou os símbolos queimados nas paredes.

— Eles conseguiram.

Elias permaneceu olhando para a escuridão.

Como se escutasse algo distante.

Então falou:

— Não.

Yelena ergueu uma sobrancelha.

— Não?

— O hotel deixou eles saírem.

Silêncio.

Até Cain pareceu desconfortável com aquilo.

Porque havia uma diferença enorme.

E todos entenderam.

O Hotel Impossível não era um lugar.

Era uma entidade.

Muito longe dali.

Em algum lugar que não existia oficialmente.

O Hotel permaneceu.

Corredores infinitos.

Portas impossíveis.

Salões vazios.

Observadores caminhando lentamente pela escuridão.

Esperando.

Assistindo.

No saguão principal… um relógio voltou a funcionar sozinho.

Tic.

Tac.

Tic.

Tac.

E em uma poltrona esquecida no final de um corredor… a versão mais velha de Lucas continuava sentada.

Esperando.

CONTINUA...